



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Magno Felipe da Silva Melgaço

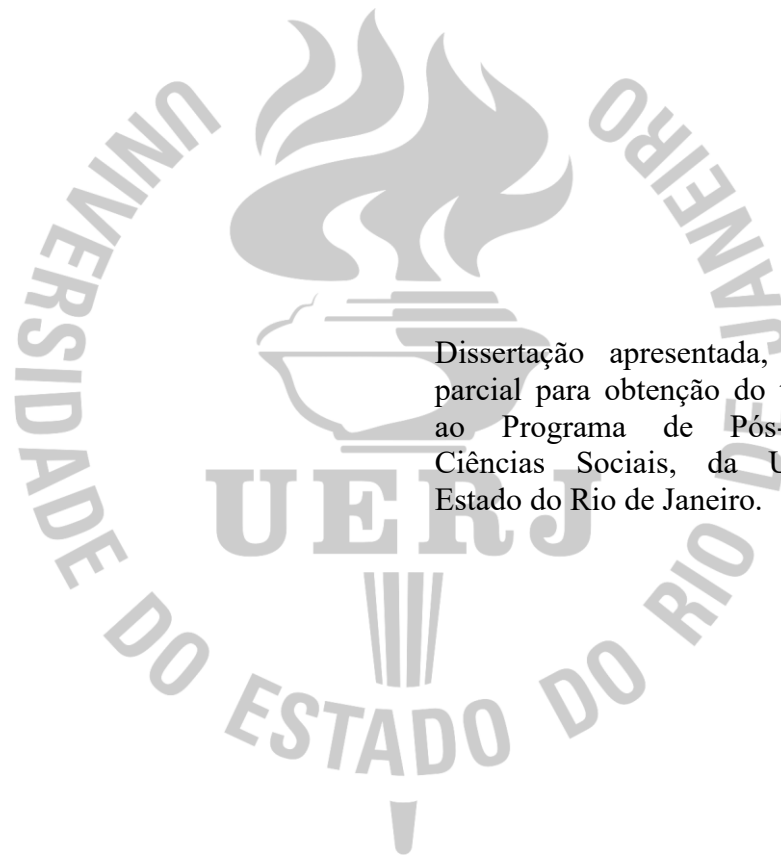
**A Jornada do Voluntário nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio em  
2016: uma análise sobre a experiência voluntária em megaeventos**

Rio de Janeiro

2019

Magno Felipe da Silva Melgaço

**A Jornada do Voluntário nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio em 2016: uma análise sobre a experiência voluntária em megaeventos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcia da Silva Pereira Leite

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

M521 Melgaço, Magno Felipe da Silva.  
A Jornada do Voluntário nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio em 2016:  
uma análise sobre a experiência voluntária em megaeventos esportivos / Magno  
Felipe da Silva Melgaço. – 2019.  
125 f.

Orientadora: Marcia da Silva Pereira Leite.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Institu  
to de Ciências Sociais.

1. Voluntários - Rio de Janeiro - Teses. 2. Jogos Olímpicos (31. : 2016 : Rio  
de Janeiro, RJ) - Teses. 3. Eventos esportivos - Teses. 4. Trabalho - Rio de  
Janeiro - Teses. I. Leite, Marcia da Silva Pereira. II. Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 37.068(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Magno Felipe da Silva Melgaço

**A Jornada do Voluntário nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio em 2016: uma análise sobre a experiência voluntária em megaeventos esportivos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 04 de outubro de 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcia da Silva Pereira Leite (Orientadora)  
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Sandra Maria Correa de Sá Carneiro  
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. María Gabriela Scotto  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2019

## **DEDICATÓRIA**

Dedicado à minha companheira Amanda.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha companheira Amanda Lima, que esteve ao meu lado em toda essa caminhada, na alegria e na tristeza. Sem você nada disso teria sentido. Amo você!

Agradeço à minha mãe Sandra Silva, ao meu pai Marcio Melgaço e aos meus irmãos Marcinho Melgaço, Mário Melgaço e Maicon Melgaço, que me apoiaram desde o início. Agradeço toda torcida!

Agradeço à minha querida sogra Ana Novaes e ao meu querido cunhado Nathan Novaes, pela força e carinho de sempre e ao meu sogro Maurício Novaes, por toda a ajuda.

Agradeço ao meu grande amigo Bruno Sá, pelo companheirismo nas horas boas, mas também nas horas ruins. Pelas valiosas conversas, por todo o apoio e por sempre acreditar que eu conseguiria concluir esse ciclo.

Agradeço aos amigos Andréa Paiva, Márcio Malta, Paulo Gajanigo, Guilherme Vargues, Ana e Roberto Zarco por terem ajudado de muitas maneiras, sempre com muita atenção e carinho. Obrigado!

Agradeço ao meu amigo Pitter Dias Machado, pelo carinho e apoio que sempre destinou a Amanda e a mim.

Agradeço à minha amiga Carla Regina, pelas estimulantes conversas na escola e por todo apoio e torcida.

Agradeço à minha orientadora Márcia Leite pela paciência e pelas generosas trocas ao longo deste processo.

Agradeço às professoras Sandra Carneiro e Gabriela Scotto, pela gentileza de aceitarem participar dessa empreitada e pela rica contribuição.

Agradeço aos professores e aos colegas do PPCIS.

Agradeço à professora Masé Sant'Anna e Marina Cavalcante, pelas conversas, dicas e troca de experiências durante as aulas do estágio.

Agradeço ao Wagner, da secretaria do PPCIS, pela paciência e cuidado por todas as vezes que fui procurá-lo com algum problema para resolver. Muito obrigado!

Agradeço às voluntárias e aos voluntários que gentilmente aceitaram fazer a entrevista. Muito obrigado pela atenção, paciência e colaboração.

Agradeço a todos aqueles e aquelas que eu me esqueci de mencionar, mas que participaram de alguma forma na minha formação. Muito obrigado!

A verdade objetiva sobre a sociedade é antes concebida como uma paisagem pintada por um artista e não como uma imagem de espelho independente do sujeito.

*Michael Löwy*

## RESUMO

MELGAÇO, Magno F. S. *A Jornada do Voluntário nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio em 2016: uma análise sobre a experiência voluntária em megaeventos esportivos*. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Este trabalho analisa o processo de seleção, formação e participação da força de trabalho voluntária dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos sediados na cidade do Rio, em 2016, compreendendo a experiência dos voluntários dentro da noção de “legados”. Isto é, se tal experiência teria o poder de despertar nas pessoas o desejo de participar de outros megaeventos e assim construir uma “carreira” como voluntário, tal como propunha os organizadores. Pretendo desenvolver caminhos para debater criticamente a questão do voluntariado em um megaevento esportivo, bem como utilizar o trabalho de campo e observação de redes sociais para esta empreitada. A intenção é explorar a experiências dos voluntários desse tipo de evento, desde o processo de inscrição até o encerramento dos Jogos.

Palavras-chave: voluntários; Jogos Olímpicos; legado.



## ABSTRACT

MELGAÇO, Magno F. S. *The volunteer's journey at the 2016 Olympic and Paralympic Games in Rio: an analysis of the voluntary experience in sports Mega-events*. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This work analyzes the process of selection, training and participation of the strength of voluntary work for the Olympic and Paralympic Games based in the city of Rio, in 2016. Understanding the experience of volunteers within the concept of "legacy". That is, if such experience would have the power to reawaken in people the desire to participate in other mega events and thus build a "career" as a volunteer, as proposed by the organizers. I intend to develop ways to critically discuss the issue of volunteering a mega sports, as well as use the field work and observation of social networks for this contract. The intention is to explore the experiences of volunteers for this type of event, since the enrollment process until the closure of the Games.

Keywords: volunteers; Olympic Games; legacy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Layout</i> da plataforma digital criada pelo Comitê Olímpico para hospedagem solidária entre os voluntários.....	40
Figura 2 – Quadro de atividades da jornada de treinamento Olímpico .....	49
Figura 3 – Uniformes utilizados pelos SSVs .....	80
Figura 4 – Os uniformes dos voluntários e suas distintas cores.....	82
Figura 5 – Percurso feito do bairro de Clarice até o local da inscrição.....	87

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma de atividades da cerimônia de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016.....	65
Tabela 2 – Habilidades específicas e funções do voluntário generalista.....	76
Tabela 3 – Habilidades específicas e profissionais do voluntário especialista.....	77
Tabela 4 – Grupos dos voluntários dos Jogos no <i>Facebook</i> .....	103
Tabela 5 – Descrição das funções de administrador e moderador e o que elas podem fazer.....	104

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRH	Agência Brasileira de Recursos Humanos
AquaRio	Aquário do Rio de Janeiro
BRT	<i>(Bus Rapid Transit)</i> Transporte Rápido por Ônibus
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COI	Comitê Olímpico Internacional
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CO-Rio	Comitê Organizador dos Jogos Olímpico e Paralímpicos Rio 2016
CS	Centro de Seleção
CT	Centro de Treinamento
CUC	Central de Uniformes e Credenciais
FIFA	Federação Internacional de Futebol
EVS	<i>(Event Service)</i> Serviço do Evento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Igreja Católica
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
JADE	Jovem Aprendiz Desporto
Jogos	Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão
LGBTs	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros
MAR	Museu de Arte de Rio
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
Pan	Jogos Pan-americanos
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
RSC	Responsabilidade Social Corporativo
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SMTE	Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego

SSV	<i>(Sport Specific Volunteers)</i> Voluntário Específico do Esporte
UNESA	Universidade Estácio de Sá
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
VR	Voluntário Recrutador
VAC	Voluntário Artístico da Cerimônia
VP	Voluntário Pago
VLT	Veículo Leve sobre Trilhos

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	16
<b>1 UMA BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE A MOBILIZAÇÃO DO VOLUNTARIADO NO BRASIL.....</b>	<b>24</b>
1.1 <b>As instituições religiosas e o voluntariado.....</b>	<b>24</b>
1.2 <b>Terceiro Setor e o trabalho voluntário .....</b>	<b>27</b>
1.3 <b>As empresas e o Voluntariado Corporativo .....</b>	<b>29</b>
1.3.1 <u>A participação e parceria da Universidade Estácio de Sá (UNESA) nos jogos Olímpicos .....</u>	<u>31</u>
1.4 <b>O voluntariado olímpico .....</b>	<b>33</b>
<b>2 A JORNADA DO VOLUNTARIADO OLÍMPICO RIO 2016.....</b>	<b>37</b>
2.1 <b>O Programa de Voluntário Olímpico Rio 2016 .....</b>	<b>38</b>
2.2 <b>A Jornada dos heróis-voluntários .....</b>	<b>40</b>
2.3 <b>Etnografia das mensagens olímpicas na caixa do e-mail.....</b>	<b>42</b>
2.3.1 <u>“Somos um time. Somos Rio 2016”.....</u>	<u>45</u>
2.4 <b>O treinamento para voluntário dos Jogos Olímpicos: reflexões a partir de uma observação direta.....</b>	<b>48</b>
2.4.1 <u>O treinamento online .....</u>	<u>49</u>
2.4.2 <u>O meu papel no jogo: observação no centro de treinamento de voluntários olímpicos .....</u>	<u>52</u>
2.4.3 <u>A retirada do uniforme e da credencial .....</u>	<u>58</u>
<b>3 A CATEGORIZAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS OLÍMPICOS.....</b>	<b>62</b>
3.1 <b>Voluntários Recrutadores (VR) .....</b>	<b>62</b>
3.2 <b>Voluntários artísticos da cerimônia .....</b>	<b>64</b>
3.2.1 <u>A experiência de Teresa: uma voluntária artística da cerimônia .....</u>	<u>66</u>
3.3 <b>#somostodosEVS.....</b>	<b>72</b>
3.3.1 <u>EVS Generalistas.....</u>	<u>75</u>
3.3.2 <u>EVS Especialistas.....</u>	<u>77</u>
3.3.2.1 <u>Voluntário de serviços médicos.....</u>	<u>77</u>
3.3.2.2 <u>Voluntário específico do esporte (SSV) .....</u>	<u>79</u>
3.4 <b>O uniforme dos EVS e a diferença simbólica.....</b>	<b>81</b>
3.5 <b>O “Voluntário Pago” (VP).....</b>	<b>83</b>

3.5.1	<u>Clarice: uma “voluntária paga”?</u> .....	84
4	<b>“A GENTE NÃO TEM ESSA CULTURA, NÃO TINHA ATÉ ENTÃO”: A CARREIRA DE VOLUNTÁRIO EM MEGAEVENTOS ESPORTIVOS COMO “LEGADO”</b> .....	90
4.1	<b>A percepção dos EVS sobre a experiência nos Jogos</b> .....	91
4.1.1	<u>Os voluntários das Olimpíadas</u> .....	92
4.2	<b>Os Jogos Olímpicos como centro de poder e carisma</b> .....	94
4.3	<b>A carreira de voluntário como “legado”</b> .....	97
4.4	<b>Os grupos no Facebook e a continuidade do voluntariado de megaeventos esportivos</b> .....	100
4.4.1	<u>O grupo oficial: Voluntários Rio 2016 Oficial / Rio 2016 <i>Official Volunteer</i> Programme</u> .....	102
4.4.2	<u>Grupo 2: Voluntários Rio 2016 / Rio 2016 <i>Volunteer Programme</i></u> .....	105
4.4.3	<u>Grupo 3: <i>Tokyo 2020 Olympic Volunteers Brazil</i></u> .....	107
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114
	<b>APÊNDICE A – Questionário aplicado aos voluntários dos jogos</b> .....	120
	<b>ANEXO A – A credencial de EVS</b> .....	122
	<b>ANEXO B – Linha do tempo da jornada do voluntário</b> .....	123
	<b>ANEXO C – As imagens da propopaganda “seja o herói dos seus heróis”</b> .....	124
	<b>ANEXO D – Carta-convite dos jogos</b> .....	125

## INTRODUÇÃO

### **Os megaeventos esportivos na cidade do Rio como uma modalidade de *potlatch***

O ritual do *potlatch*, consagrado pela análise de Marcel Mauss em sua obra “Ensaio sobre a dádiva”, é referência em diversos estudos, que levam em consideração a análise da dádiva em seu sentido moderno. Damo e Oliven (2014) perceberam que tal análise do *potlatch* poderia, de certa forma, se encaixar com a lógica empenhada pelos governos para recepção dos megaeventos esportivos.

Na análise, partindo do ensaio de Mauss, os autores chamam a atenção para o fato do *potlatch* ser desenhado como as festividades praticadas por nativos da região noroeste da América do Norte, nas quais chefes locais ofereciam hospedagem e presentes durante um período para outros chefes e suas tribos. Este evento ocorria durante o outono e o inverno, por ser o período do ano em que a população local se sedentarizava para aproveitar os resultados da caça e da pesca, realizados no verão e na primavera.

O *potlatch*, neste sentido, se caracterizava como o gasto de toda a riqueza acumulada como uma obrigatoriedade do chefe local e uma forma de demonstrar a prosperidade de seu grupo.

Em tal prática, quanto mais abundante e pomposo era o ritual, maior era a perda nos bens acumulados. Mas, em compensação, maior era o ganho de valores importantes, tais como honra e prestígio, o que em certa medida estimulava a competição entre as tribos, a ponto de alguns dos chefes passarem dos limites e “queimarem” todas as suas posses; era uma lógica em que, segundo os autores, havia subordinação dos bens materiais em relação aos valores culturais.

O sentido traduzido deste ritual para o processo da cidade–sede para receber os Jogos Olímpicos é que, para os chefes locais (presidente, governador e prefeito), tais Jogos significam uma oportunidade de projeção da imagem global do país e da cidade do Rio de Janeiro ao mundo e, principalmente, ao mercado. Nesse sentido, o investimento público para preparação das Olimpíadas se assemelha ao *potlatch*, em certa medida, pois em ambos os rituais “queimam-se” os bens econômicos em troca de bens simbólicos – aqui, especificamente, o prestígio aos olhos de outros países e do mercado global. Nessa perspectiva, Damo e Oliven (2014) alertam sobre o caráter cultural e simbólico dessa prática



ritual, pois “ao contrário dos que se impressionam com o desperdício dos bens materiais no *potlatch*, Mauss chamou a atenção para o significado desse gesto, razão pela qual já não teríamos desperdício, mas reconversão de riqueza” (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 4-5).

Por outro lado, uma das grandes críticas à recepção dos megaeventos esportivos no Brasil foi o montante de dinheiro público gasto em suas realizações em detrimento a investimentos em setores que beneficiariam mais a população, tais como saúde, educação e segurança. Mas, para o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 (CO-Rio), tais investimentos foram voltados à transformação da cidade em benefício dos cidadãos na forma de “legado”.

Na visão dos organizadores e também dos governantes, o gasto do dinheiro público não foi justificado como desperdício. O investimento teria como retribuição o prestígio (valor simbólico) da cidade do Rio de Janeiro por ter sediado os Jogos. O proveito dessa dádiva viria para a cidade na forma de investimentos em médio e longo prazo. Na prática, o *potlatch* feito nos Jogos agravou ainda mais as crises nas três esferas dos governos, quando os “chefes” passaram dos limites dos gastos em tal ritual.

Os preparativos para os Jogos mobilizaram o comitê organizador do evento e também o governo, ambos interessados no seu sucesso, já que isso seria refletido no retorno político e econômico.

Os Jogos mobilizam significativa renda<sup>1</sup> em serviços e produtos: segundo balanço do COI, o faturamento com os Jogos do Rio foi de 3,7 bilhões dólares distribuídos em direitos de transmissão, patrocínio e vendas de ingressos e produtos dos Jogos. Mesmo o COI sendo uma instituição “sem fins lucrativos”, o “espírito olímpico”, como atenta Maior e Teixeira (2015), se tornou uma grande mercadoria e, nesse sentido, tudo ligado aos Jogos está, conseqüentemente, ligado ao mercado.

Para o governo, o retorno sairia da repercussão positiva do megaevento (afinal, o país abriria as portas para o mundo), unido às mudanças estruturais do processo de regeneração urbana como parte pensada como “legado” da cidade. Espelhado no sucesso do empreendimento feito em Barcelona<sup>2</sup> na edição de 1992 (POYTER, 2008. p. 128), o

---

<sup>1</sup> Ver em: <https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clube/noticia/2017/07/coi-embolsa-us-57-bilhoes-com-os-jogos-olimpicos-no-rio-onde-foi-parar-o-dinheiro.html>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018.

<sup>2</sup> No fim da década 1980 e começo dos anos 1990, a cidade de Barcelona passou por um processo de regeneração urbana visando não só os Jogos Olímpicos que sediaria em 1992, mas para sinalizar a cidade na rota do capital globalizado. As mudanças na cidade de Barcelona, segundo Poyter (2008), foram as seguintes: Primeiro, os espaços urbanos de Barcelona tornaram-se mais diferenciados, com áreas econômicas mais definidas para condução de negócios e atividades comerciais, particularmente atividades associadas ao influxo de “novas”

vislumbre agregado à cidade-sede (de médio e longo prazo) por conta dos megaeventos prevê a visibilidade mundial, bem como investimento estrangeiro nas áreas financeiras e de turismo, proporcionando, dessa maneira, o crescimento da economia da cidade.

### **Da escolha do Rio como sede dos jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 à crítica ao “legado” das Olimpíadas a cidade**

Em outubro do ano de 2009, uma notícia em especial circulou em todos os telejornais<sup>3</sup> das mídias de massa, pelas redes sociais e por diversas plataformas de notícias na internet. Na notícia, o título: “Rio de Janeiro é escolhido como cidade-sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016, vencendo cidades como Madri, Chicago e Tóquio”.

Na transmissão da cerimônia, passada ao vivo nas principais emissoras de tevê, aparecia o presidente Jacques Rogge, do Comitê Olímpico Internacional (COI), em cerimônia oficial na sede do Comitê em Copenhague, na Dinamarca, tirando do envelope um papel com o nome da cidade do Rio de Janeiro e lendo-o em voz alta. Em seguida, a câmera voltada para a delegação brasileira, que representava a cidade, comemorando euforicamente a notícia da sua escolha.

Na comemoração estavam presentes figuras políticas como o então presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), o governador Sérgio Cabral (PMDB); o prefeito Eduardo Paes (PMDB); ministro dos esportes, Orlando Silva (PC do B); o ex-presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), João Havelange; o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman; ex-atletas como Edson Arantes do Nascimento, Pelé, Gustavo Kirnten, Guga e Lars Graell, entre outras pessoas que fizeram parte da comitiva representante do país.

---

indústrias de serviços. No período de 1988-91, mais de 600.000 metros quadrados de espaços de escritórios foram construídos (um crescimento de 21% sobre total de espaços de escritórios existentes), posicionando Barcelona na frente de Bruxelas e Madri em termos de taxa de crescimento na construção de escritórios. Segundo, a criação de um anel viário em torno da cidade – Dalt e Litoral – modificou dramaticamente o modelo de circulação de veículos, e ainda contribuiu para a diferenciação dos espaços urbanos da cidade. Terceiro, Barcelona experimentou um boom de desenvolvimento habitacional entre 1986 e 1990, com o valor das moradias elevando-se acima de 280% para novas propriedades durante aquele período e de 240% para as moradias já existentes. Contudo, o boom também serviu para reforçar divisões sociais entre as áreas mais ricas e as mais pobres, mas isto terminou um tanto abruptamente após 1992, quando as habitações da Vila Olímpica ingressaram no mercado. Finalmente, em relação ao emprego, o efeito dos Jogos Olímpicos, particularmente através da geração de novos postos de trabalho no setor de serviços, foi calculado adicionando-se 20.000 postos de trabalho permanentes ou empregos não-Olímpicos na economia de Barcelona (...). Esses amplos efeitos secundários fizeram de Barcelona um importante ponto de referência, particularmente para cidades “ocidentais” que pleiteiam sediar os Jogos no século XXI. (POYTER, 2008, p. 138-139)

<sup>3</sup> A rede de televisão Globo, por exemplo, fez a transmissão ao vivo da cerimônia de escolha da cidade-sede das Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016 diretamente da sede do Comitê Olímpico Internacional.

Na cidade do Rio, uma grande estrutura foi montada na praia de Copacabana para o público que estava na torcida. Em êxtase, a torcida assistiu por um telão a escolha que dava à cidade do Rio de Janeiro visibilidade internacional, ao ser a primeira cidade na América do Sul a sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Segundo Damo e Oliven (2014), a comoção e a festa relacionadas aos Jogos Olímpicos se deram pelo ambiente de ansiedade criado. Depois de um longo processo de seleção que levou dois anos, dividido em duas etapas, a cidade pela primeira vez foi escolhida como cidade-sede dos Jogos, após duas tentativas mal-sucedidas em sediar o evento em 2004 e 2012:

A empolgação com a decisão do Comitê Olímpico Internacional (COI), beneficiando o Rio de Janeiro (...), deve-se em parte à maneira como os vereditos foram encaminhados. O COI, seguindo sua tradição, promoveu um concurso que se arrastou por mais de dois anos, com duas etapas bem definidas, tendo a última culminado com uma disputa espetacular entre cinco cidades, com as respectivas delegações presentes em Copenhague. (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 21)

Em relação aos critérios de escolha da cidade, dois pontos importantes foram destacados pelos avaliadores: o primeiro se refere à postura do comitê brasileiro em relação à escolha, bem com os parâmetros para tal apresentados pelo COI:

Uma das principais motivações para a escolha do Rio foi o compromisso da cidade com a transformação e o legado. O projeto dos Jogos está alinhado com as metas de desenvolvimento do Rio de Janeiro a médio e em longo prazo, além de funcionar como força motriz para o fortalecimento do esporte no país e como ferramenta de educação, inclusão e desenvolvimento. (Comitê Olímpico Rio 2016, Caderno de Treinamento, p. 10)

A atribuição ao projeto de transformação da cidade a ser desenvolvido pelo representante brasileiro para sediar os Jogos de 2016 foi tida pela comissão de seleção da cidade-sede, em uma primeira impressão<sup>4</sup>, como ponto de destaque e talvez um de seus fundamentos para a escolha. A campanha da cidade frisou os aspectos de mudança na estrutura que ela passaria para acolher as competições e, ao mesmo tempo, a transformação desse processo em “Legado Olímpico”.

O “Legado” Olímpico, segundo o COI, é considerado o patrimônio material e simbólico deixado pelo evento à cidade-sede e aos seus cidadãos. Na edição do Rio, tal “legado” dividiu-se em econômico, ambiental, esportivo social/humano e urbano.

O “legado” econômico, de acordo com o CO-Rio, destinou-se a capacitação de mão de obra local e nacional, por conta das demandas exigidas pelo evento como, por exemplo,

---

<sup>4</sup> Anos após a realização dos Jogos, surgiram denúncias de compra de votos de membros do COI por parte de um empresário ligado a Sérgio Cabral, corroborada pela delação premiada do ex-governador, preso desde 2016 por corrupção passiva, lavagem de dinheiro e organização criminosa.

voltada a produtos e serviços, ampliação do mercado hoteleiro da cidade e melhoria do setor turístico do Rio, que leva à criação de novos postos de empregos.

O “legado” ambiental foi marcado pelo compromisso de ser um evento sustentável<sup>5</sup>. O CO-Rio e o poder público se comprometeram a diminuir os impactos ambientais durante o evento. O governo do estado traçou como meta a despoluição a baía de Guanabara, a construção de áreas de lazer verde, com reflorestamento de mata nativa, e a prática sustentável em eventos.

O “legado” esportivo engloba, por um lado, a estrutura montada para abrigar as competições, como o Complexo Esportivo da Barra da Tijuca (Parque Olímpico), que abriga as Arenas Cariocas e os Centros Esportivos; o Complexo Esportivo de Deodoro, com o Parque Radical do Rio, Arena da Juventude e os Centros Olímpicos; e o Complexo Esportivo do Maracanã. Ou seja, toda a estrutura montada para os Jogos que poderiam ser reutilizadas em eventos esportivos futuros. Por outro lado, o “legado esportivo” também tinha como proposta o incentivo à prática do esporte e ao treinamento de alto desempenho, visando ampliar o número de atletas nas próximas competições internacionais.

O “legado” social/humano foi determinado em três pontos de ação: 1) a inclusão social pelo esporte, que, através do programa Transforma<sup>6</sup>, ofertou atividades educacionais e esportivas para crianças das escolas públicas do país, e principalmente as do Rio; 2) experiência multicultural pelo esporte e mudança da imagem global do Brasil, por abrir as portas e abrigar o evento que celebra a comunhão das nações através do esporte; 3) o incentivo ao trabalho voluntário, com a seleção de 70 mil voluntários para participarem na organização dos Jogos. Este terceiro ponto que é objeto de análise deste trabalho e será desenvolvido ao longo dos capítulos.

O “legado” urbano foi dividido em mobilidade, revitalização urbana e moradia. A mobilidade urbana foi representada pela expansão das vias urbanas da cidade, tais como duplicação do elevador do Joá, a linha quatro do metrô<sup>7</sup>, construção das linhas, a expansão das

---

<sup>5</sup> Segundo o CO-Rio, a prática sustentável se resume à utilização de madeira 100% certificada, visando o combate ao desmatamento, prioridade a alimentos orgânicos e a diminuição da emissão de carbono por meio de utilização de energia renovável.

<sup>6</sup> O projeto Transforma representou a parceria entre o Ministério da Educação (MEC) com o CO-Rio para proporcionar aos professores de educação física e estudantes da rede pública do país a prática de modalidades esportivas e compartilhamento dos valores Olímpicos e Paralímpicos nas escolas.

<sup>7</sup> Liga a estação General Osório, em Ipanema, à estação Jardim Oceânico, na Barra da Tijuca.

linhas do transporte rápido por ônibus<sup>8</sup> (BRT) e do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT)<sup>9</sup>. A revitalização da área central da cidade, principalmente a zona portuária, região onde as obras foram batizadas de Porto Maravilha pela gestão municipal da época, contou com a construção do Museu do Amanhã e do Museu de Arte de Rio (MAR), o Aquário do Rio de Janeiro (AquaRio), hotéis e condomínios empresariais, áreas de circulação de pedestre, chamadas de Boulevard Olímpico, a moradia pelo programa Morar Carioca, que visava à urbanização das favelas cariocas, e a Vila dos atletas, que após o Jogos se tornaria um condomínio residencial.

A ideia do retorno do investimento através do “legado” das Olimpíadas é um tema controverso e mal resolvido no ponto de vista do projeto apresentado ao que foi efetivamente construído. No caso do Rio de Janeiro, o “legado” é um problema ainda recorrente, visto que algumas das obras não foram concluídas ou foram interrompidas após os Jogos, como foi o caso da Transolímpica, em que algumas das estações do BRT funcionaram durante o período dos Jogos e depois pararam.

O VLT entrou em funcionamento mesmo com algumas de suas estações em obra. A linha quatro do metrô, que custou quase o dobro do preço estimado<sup>10</sup>, após o fim dos Jogos, fechou para manutenção e reabriu em setembro de 2016. A ciclovia Tim Maia construída no Recreio dos Bandeirantes, na zona Oeste do Rio para o período dos Jogos, tem em seu breve histórico seguidas quedas (sendo a primeira em abril de 2016 que levou a morte de dois ciclistas<sup>11</sup>).

Todavia, as repercussões negativas em torno dos megaeventos começaram ainda na preparação do país para a Copa do Mundo, derivada dos escândalos de superfaturamento nas reformas dos estádios e construções de novos sem necessidade. Os escândalos deram continuidade durante os preparativos dos Jogos e se desdobraram até o seu fim: as denúncias de corrupção de autoridades políticas, como o Prefeito do Rio Eduardo Paes, delatado pelo ex-presidente da Odebrecht, e o governador do Rio, Sérgio Cabral; o desaparecimento das vigas da perimetral, as remoções<sup>12</sup> de famílias; os crimes ambientais<sup>13</sup>; a falência fiscal do

---

<sup>8</sup> Como a Transoeste, a Transcarioca e a Transolímpica.

<sup>9</sup> Ver <[http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4379008/4130519/RIO2016\\_estudos\\_PORT.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4379008/4130519/RIO2016_estudos_PORT.pdf)>, acesso em: 14 de junho de 2017.

<sup>10</sup> A estimativa inicial era de 5 bilhões de reais, mas a obra custou 8,5 bilhões.

<sup>11</sup> Reportagem sobre o caso disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-05/crea-rj-falha-de-projeto-foi-uma-causas-do-desabamento-de-ciclovia-no-rio>> acesso em : 10 de junho de 2019.

<sup>12</sup> As remoções foram feitas na Vila Autódromo, em Jacarepaguá, no morro da Providência, no Centro, e no morro do Metrô, no Maracanã, que, junto a outros casos vinculados também à Copa do Mundo de 2014, foram

estado do Rio; os 43 bilhões gastos com os Jogos cujo “legado” não reflete o tamanho do investimento.

No cenário político, os megaeventos são uns dos pontos questionados durante as Jornadas de Junho de 2013 no Rio, nos chamados movimentos antiCopa e anti-Olimpíadas, voltados à crítica do governo de Sergio Cabral. Outro movimento a enfrentar as políticas arbitrárias do estado em benefício do mercado imobiliário foram as Ocupações<sup>14</sup>.

Já o governo do estado viveu em meio às crises financeiras e políticas. Em 2014, Cabral renuncia e dá lugar ao vice Luiz Fernando Pezão. O ex-governador foi preso, em 2016, por desvio de dinheiro público. Pezão, por sua vez, consegue a reeleição em 2014. Em 2016, se afasta para tratar um câncer e seu vice, Francisco Dornelles, assume. A poucos dias do começo dos Jogos, Dornelles decreta estado de calamidade do estado do Rio. Com o decreto, o governo federal intervém nas obras destinadas aos Jogos através de um socorro financeiro, emprestando 2,9 bilhões para terminar a linha quatro do metrô. Em 2018, Pezão foi preso por corrupção.

No cenário nacional, a reeleição de Dilma Rouseff foi marcada pelas polêmicas em torno dos ajustes fiscais, em meio à crise financeira global, pelas manifestações a favor de sua cassação patrocinada pela oposição derrotada nas eleições e pela articulação entre o legislativo, o judiciário e a mídia, chancelada por parte da população, aproveitando-se da queda na popularidade da presidente para dar um golpe parlamentar e destituí-la do cargo, no início de 2016. Por conta do impedimento, assume o vice, Michel Temer, cujo governo foi marcado pelas reformas trabalhistas, denúncias de corrupção e pela baixa popularidade.

Estes e outros problemas internos acompanharam todo o processo de preparação da cidade para os Jogos. Contudo, este trabalho busca dar conta da discussão de um dos “legados” deixados pelos Jogos Olímpicos: os voluntários de megaeventos.

### **Os voluntários dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio em 2016**

Apesar dos importantes temas debatidos acerca dos problemas que abrangiam os preparativos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio, outro ponto me chamou a atenção para esse evento, sobretudo quando começou o processo seletivo para os interessados em participar da realização dos Jogos: os trabalhadores voluntários.

---

destrinchados minuciosamente no trabalho desenvolvido por Faulheber e Azevedo em 2015 sobre este tema. Ver FAULHABER, Lucas; AZEVEDO, Lena. *Remoções no Rio de Janeiro olímpico*. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

<sup>13</sup> Como no caso em que a Prefeitura doou a área de preservação ambiental que faz parte do Parque Natural Municipal de Marapendi para a construção do campo de golfe voltado aos Jogos.

<sup>14</sup> O ocupa Aldeia Maracanã, o ocupa Cabral, o ocupa Autódromo, o ocupa golfe, entre outros.

Esta reflexão tem como eixo de análise a atuação dos voluntários nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio em 2016. Sua finalidade é pensar a experiência dos voluntários como possível campo de compreensão do significado do “espírito voluntário” e, desse modo, verificar possíveis desdobramentos vinculados a esse tipo de atuação constituído no decorrer do megaevento. Em outras palavras, a intenção é descobrir o que pensam os trabalhadores voluntários dos Jogos sobre o que é “ser voluntário”, principalmente em um contexto de megaevento; e se há congruência (ou não) com o sentido atribuído pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) ao voluntariado (como parte do “legado humano” dos Jogos), pois este é um tema pouco explorado no Brasil.

Esse assunto me veio à mente por um tempo (do fim da graduação até o ingresso no mestrado) até se consolidar como interesse de pesquisa. Desde então, passei a acompanhar as notícias relacionadas ao tema, interessado em saber se a adesão ao voluntariado nos Jogos, iniciada com a inscrição em 2014, estaria em conformidade com a expectativa dos organizadores, ou não. Para concretizar a ideia de pesquisar esses atores que corroborariam para efetivação do evento, inscrevi-me no processo seletivo para voluntário.

O intuito era aproveitar a oportunidade para estabelecer, além do campo, uma relação mais estreita com os atores que atuariam nesse tipo de serviço. Uma vez participando do processo de seleção e, porventura, atuando nos Jogos, poderia desempenhar um duplo papel no campo: como colega voluntário, participando da interação e sociabilidade no local de trabalho e, ao mesmo tempo, como pesquisador, aproveitando o contato para fazer entrevistas, observar as dinâmicas sociais que envolviam a atuação dos voluntários, a forma como interagiam entre si e com o público, enquanto parte da experiência como voluntário.

Em um primeiro momento, desde a confirmação de minha inscrição, participei de todas as atividades e treinamentos (online e presenciais) propostos pela organização. Mas atuar no evento como voluntário não me foi possível, por não conseguir conciliar a atividade com os meus deveres profissionais – já que, em 2016, eu estava junto aos servidores em greve contra o Estado – e à distância.

Mas, como os caminhos que a pesquisa pode levar são múltiplos e “as possibilidades e os limites das diversas realidades existentes no cotidiano social permitem ao pesquisador um infinito leque de procedimentos e descobertas” (NETO, 1994, p. 53), busquei escolher um outro caminho também adequado. Apesar de não poder acompanhar fisicamente a experiência dos voluntários nos Jogos, como desejava de início, outro caminho se abriu como uma via de continuidade para observação do objeto: a internet.

Com o fim dos Jogos e, conseqüentemente, com o término da atuação voluntária, as pessoas que participaram do evento ainda mantinham relação através dos grupos formados nas redes sociais e compartilhavam experiências, percepções e reclamações sobre o evento, bem como o desejo de participarem da próxima edição. Criaram um novo grupo com ex-membros do velho (criado pelo CO-Rio) para manterem contato sobre os próximos eventos esportivos, como veremos adiante.

### **Caminho metodológico: O campo empírico e online**

O caminho metodológico traçado neste trabalho contou com diferentes meios de coleta de dados: por meio da observação direta no campo, interação com os atores, coleta de depoimentos, realizações de entrevistas e aplicação de questionário, auxiliando na construção de uma base de análise qualitativa para compreender mais sobre as experiências dos voluntários nos Jogos Olímpicos do Rio em 2016.

Além dos instrumentos analíticos mais comuns quando se faz uma pesquisa de campo, pude dispor de mais um recurso importante para a minha pesquisa: a internet. Recorrendo aos trabalhos de Souza (2017) e Carneiro (2007), dialogo com a ideia da internet como campo de pesquisa tão rico quanto o campo empírico. Reafirmo ainda, com base na obra das autoras, a importância da relação espaço físico e ciberespaço como áreas de sociabilidade que não se excluem, apesar de terem suas diferenças.

A proposta foi refletir a experiência dos voluntários a partir das informações recolhidas durante as jornadas de treinamento (conversas, depoimentos e anotações), dos questionários que apliquei nos grupos do *Facebook* e das entrevistas – nos quais os participantes tiveram seus nomes trocados por nomes fictícios para ter sua identidade preservada.

Em paralelo às atividades descritas acima, acompanhei as atividades de quatro grupos de voluntários do *Facebook* em diferentes momentos. A intenção foi trabalhar os dados tanto do campo empírico e do campo online, as experiências de observação direta do treinamento para voluntário e a observação dos grupos do *Facebook*, a fim de produzir uma análise qualitativa apropriada a este trabalho.

### **Organização dos capítulos**

No primeiro capítulo, recupero o debate sobre o tema das instituições que mobilizam o trabalho voluntário no Brasil desde a década de 1970 ao processo de maior visibilidade nos anos 1990, de modo a situar os megaeventos esportivos que ocorreram no país também como instituição mobilizadora de trabalho voluntário. Para tal empreitada, dialogo com as obras de



Simone Coelho, Leilah Landim, Maria Glória Gohn, Ruth Cardoso, entre outros, que discutem o tema do Terceiro Setor, voluntariado e os valores a que estão associados. Recorrendo a Damo e Oliven (2014), discutirei os megaeventos esportivos e sua vinculação à atuação voluntária como necessária para o seu andamento.

A Jornada do Voluntário será o ponto central do segundo capítulo, em que apresento, por meio da experiência vivida na Jornada, como candidato a voluntário, os meandros do processo de seleção e treinamento dos voluntários utilizados nos Jogos.

Já no terceiro capítulo, faço a tipologia dos voluntários que atuaram durante os Jogos, apresentando as diferenças entre as funções, competências e, principalmente, a distinção criada a partir das cores de seus uniformes, como uma forma de ao mesmo tempo identificar e distinguir. Tais tipos serão apresentados na seguinte ordem: o voluntário recrutador (VR), o voluntário artístico da cerimônia (VAC), o voluntário de serviços do evento (EVS<sup>15</sup>), este separado entre os generalistas e os especialistas. Além disso, problematizo a inserção de uma figura emblemática surgida durante uma das entrevistas com um interlocutor: a categoria “voluntário pago” (VP). O intuito é compreender como este personagem se relaciona com os outros voluntários do evento.

No quarto capítulo, analiso a Olimpíada do ponto de vista de um centro de poder e carisma, como apontado por Geertz (2010), em relação à atuação voluntária como um “legado” olímpico. Além disso, neste capítulo, também, defendo o argumento de que os megaeventos esportivos como centro privilegiado de poder e carisma, tal qual os Jogos Olímpicos, mobilizam os sujeitos a desejarem participar de sua organização e, neste sentido, fazem surgir uma “carreira” de voluntário de megaevento esportivo.

Por fim, nas considerações finais, sintetizo os principais resultados deste estudo, abrindo perspectivas para o desenvolvimento de outras questões, no futuro.

---

<sup>15</sup> Abreviação do termo em inglês “*Event Service*”, usado em todo momento no treinamento dos voluntários e em sua participação na jornada olímpica ao se referir aos trabalhadores voluntários. Entretanto, no Caderno de Treinamento de Voluntários (disponível em <[www.rio16.com](http://www.rio16.com)>), o termo se refere ao conjunto da mão de obra que atua junto ao COI na realização de seus eventos.

## **1 UMA BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE A MOBILIZAÇÃO DO VOLUNTARIADO NO BRASIL**

Neste primeiro capítulo, busco apresentar algumas das instituições mobilizadoras do trabalho voluntário no Brasil, como forma de introduzir o debate sobre os voluntários e suas formas de atuação. Entendo também que a análise de tais instituições ajuda a compreender, e de certa forma explicar, a ideia de como se organizam e mobilizam as pessoas que se dispõem a doarem sua força de trabalho em busca de algo que o pensamento monetário não pode alcançar.

A intenção dessa breve consideração é apresentar diferentes referências dos atores que demandaram o trabalho voluntário em suas atuações e, em seguida, aprofundar nesta dissertação a atuação dos voluntários dos Jogos Olímpicos. Isto é, como as instituições que estimulam o voluntariado ajudam, de maneira direta ou indireta, a entender o que foi a mobilização do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos pela participação voluntária para a edição do Rio em 2016.

### **1.1 As instituições religiosas e o voluntariado**

Segundo a Organização das Nações Unidas, o voluntário é qualquer pessoa (homem ou mulher, jovem ou adulto) que, movida por interesse pessoal e espírito cívico, dedique parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a atividades de bem-estar social ou outros campos. (COELHO, 2002, p. 69)

Podemos chamar de trabalho voluntário, segundo Coelho (2002), toda atuação feita de livre e espontânea vontade que visa, de muitas maneiras, auxiliar no bem-estar por meio de ações voltadas a uma pessoa ou um grupo. Também, podemos chamar de voluntárias as pessoas que doam seu tempo em prol de atuações sem necessariamente visar a um retorno monetário, seja por caridade (COELHO, 2002; LANDIM, 2001) ou por uma contrapartida dos cidadãos – o “fazer a sua parte” –, atuando voluntariamente em uma causa ou projeto voltados ao “bem de todos” (LEITE, 2000).

Todavia, a origem da ação voluntária tem estreita ligação com sentimento de solidariedade, ajudar o próximo, aos mais necessitados. Valores esses que foram, por muito

tempo, guiados por preceitos religiosos, ea atuação voluntária, um atributo das instituições religiosas.

Segundo Coelho (2002), a maioria das associações voluntárias pelo mundo é ligada às instituições religiosas, uma vez que “os valores religiosos sempre foram um bom terreno para o desenvolvimento do setor voluntário” (COELHO, 2002, p. 31). As ações voluntárias foram mobilizadas por instituições religiosas, por conta dos valores de caridade que, segundo a autora, são comuns a quase todas as religiões. Ligada à ideia de auxiliar a quem precisasse, tais valores ressaltam a importância das instituições mais próximas da pessoa a qual se deveria recorrer em tempo de necessidade (família, vizinhos, amigos, igreja etc.). E apenas quando não se poderia recorrer a essas instituições é que se deveria recorrer a instituições mais altas, como o Estado (COELHO, 2002, p. 31-32).

De acordo com a autora, o trabalho voluntário é uma prática que se desenvolve junto à sociedade como uma força intrínseca ao ser humano, por muito tempo guiado pelo valor da caridade; pois, segundo ela, tais ações foram “incentivadas por quase todas as religiões”.

Tal noção de ajudar o próximo também foi incorporada como valores religiosos à Igreja Católica<sup>16</sup> (IC), por exemplo, que tem como dogma a caridade. Segundo Nunes (2009), é a IC e seus valores de caridade que dão início a esse tipo de função, tanto no contexto europeu quanto no Brasil:

O trabalho religioso é o precursor do trabalho voluntário em geral, e emerge justamente após a Revolução Francesa, quando também as atividades clericais são vistas como não passíveis de remuneração material. Com o passar dos anos, a prestação voluntária de serviços foi ganhando maior corpo, destacando-se das meras atividades religiosas para tomar um campo muito mais extenso. (CAMARGOS<sup>17</sup>, 2008, p. 73 *apud* NUNES, 2009, p. 41)

De acordo com Nunes (2009), é nesse período que o trabalho religioso voltado ao serviço de Deus e da comunidade, chamado estado da fé, previa a retribuição no mundo extraterreno, já que tal atuação era exercida pela fé. Esse serviço ficou conhecido como trabalho voluntário de assistencialismo. Segundo a autora, o marco para o início do trabalho voluntário no Brasil, dentro dos moldes da caridade religiosa, deu-se com a fundação da Santa Casa de Misericórdia da Capitania de São Vicente, em 1543, responsável pela assistência tanto física quanto espiritual dos pobres.

<sup>16</sup>A referência da Igreja Católica se dá não por ser a única instituição a dispor de voluntários em suas ações de caridade, mas por ser a primeira instituição a promover tal prática no país (desde o tempo do Brasil-colônia).

<sup>17</sup>CAMARGOS, Ana Amélia Mascarenhas. *Direito do trabalho no terceiro setor*. São Paulo: Saraiva, 2008.

As instituições de cunho filantrópico estavam diretamente vinculadas à Igreja Católica até a década de 1930 (NUNES, 2009, p. 41); a partir dessa época, outros atores aparecem ofertando assistência aos mais carentes, tais como o Estado<sup>18</sup> e, posteriormente, as instituições do Terceiro Setor. Todavia, tais instituições ainda têm uma forte relevância na atuação solidária e na demanda por trabalho voluntário na atualidade. Segundo Landim e Scalon (2000), 57% dos trabalhadores voluntários estão vinculados a instituições religiosas. Além disso, uma forma de verificar a atuação voluntária em instituições religiosas na atualidade pode ser percebida na maneira que agem as pastorais vinculadas à IC. Um caso a ser apresentado são as tradicionais campanhas da fraternidade ligadas à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em um formato que une os valores religiosos com a promoção da cidadania, e que estimula a participação de fiéis às causas de ajuda ao próximo.

Outro ponto em que a ação voluntária promovida pela IC volta ao cerne do debate acadêmico recentemente foi por conta da Jornada Mundial da Juventude<sup>19</sup> (JMJ). Ocorrido no ano de 2013, o evento reuniu mais de dois milhões de fiéis.

Segundo Gonzalez (2017), a Jornada Mundial da juventude (JMJ) é um dos maiores eventos católicos, sendo sua 28ª edição sediada na cidade do Rio de Janeiro. O evento é voltado para a juventude católica e reuniu mais de 429 mil pessoas na organização. Como era voltado para jovens, que na maioria não possuía renda, os organizadores e IC incentivaram as famílias da cidade-sede a abrigarem os peregrinos como forma de minimizar os gastos e garantir a massiva participação.

Além dos voluntários anfitriões, que abriram suas casas aos peregrinos, a JMJ contou com os voluntários para ajudar a manter o evento. Tais voluntários passaram por processo de preparação para atuarem no evento. Esse processo inspirou, posteriormente, o CO-Rio a replicá-lo com os voluntários olímpicos, tanto na seleção quanto na hospedagem solidária aos

---

<sup>18</sup> Segundo Nunes, “até 1930 as entidades filantrópicas estavam, em sua maioria, ligadas à Igreja Católica quando, então, surgem algumas iniciativas do Estado que culminam com a criação em 1942 da LBA (Legião Brasileira de Assistência, substituída em 1995 pela Comunidade Solidária).” (NUNES, 2009, p. 41)

<sup>19</sup> Segundo Gonzalez e Mariz (2017): “A Jornada Mundial da Juventude foi um encontro de jovens promovido pelo Vaticano a cada dois ou três anos em diferentes países e que teve seu início em 1986. O evento composto por uma grande variedade de atividades de cunho cultural, artístico, turístico e religioso, mas as atividades que têm maior destaque são aquelas chamadas de “atos centrais”, pois são presididas pelo Papa: a acolhida do Papa, a via-sacra, a vigília dos jovens e a “missa de envio”, como é chamado o ritual que encerra o evento.” (GONZALEZ; MARIZ, 2017, p. 17).

EVS vindos de outras cidades e países durante o processo da Jornada do Voluntário e da atuação nos Jogos<sup>20</sup>.

## 1.2 O Terceiro Setor e o trabalho voluntário

Outro agente que recorre ao trabalho voluntário são as instituições ou organizações vinculadas à sociedade civil. Algumas dessas organizações atuam sem fins lucrativos. Segundo Coelho (2002), tais instituições não fazem parte do Estado e nem do Mercado, é uma via chamada de Terceiro Setor.

O Terceiro Setor é chamado dessa forma por ser uma via alternativa de atuação, diferente das ações e movimentações de interesse do Estado e do Mercado; visto que muitas vezes essa via é construída por instituições privadas organizadas sem fins lucrativos, que visam à produção de um bem coletivo, segundo Coelho (2002), o que torna o terceiro setor – através de algumas organizações não governamentais sem fins lucrativos – uma via alternativa que passa a preencher as lacunas sociais deixadas pelo Estado e pelo Mercado a fim de produzir assistência à população.

Isso ocorre uma vez que tal cenário permite algumas interferências sociais que produzam garantias para qualidade de vida da maioria dos cidadãos, principalmente os precarizados, vítimas de um abismo social provocado pela desigualdade oriunda do sistema capitalista.

Logo, o trabalho voluntário passa a ser guiado, como afirma Márcia Leite (2000), pela contrapartida cidadã, o fazer a sua parte. Um agir pautado no sentido da cidadania. E assim, o trabalho voluntário vai ganhando novas características e se formalizando como função, através da consolidação de instituições e organizações sem fins lucrativos: as organizações não governamentais (ONGs).

Para Landim (1993), as ONGs sem fins lucrativos são fenômenos sociais com papéis variados, e sua definição, segundo a autora, ganha (no meio acadêmico) um caráter de senso comum na medida em que seu sentido:

(...) tem a ver com servir aos outros, não a si; mas não a quaisquer outros, ou de qualquer forma, e sim “existem ‘a serviço’ de determinados movimentos sociais de camadas da população oprimidas, ou exploradas, ou excluídas, dentro de

---

<sup>20</sup>Os detalhes sobre essa relação serão aprofundados no segundo capítulo desta dissertação, quando falarei da jornada do voluntário olímpico.

perspectivas de transformação social” (...); são “alternativa às práticas institucionais características das universidades, igrejas e partidos de esquerda” (...); são “micro-organismos do processo democrático, referências, lugares de inovação e criação de novos processos”, ou “espaços de criação da utopia democrática (...)” (LANDIM, 1993, p. 27)

Assim, o Terceiro Setor possui um cenário diversificado, no qual sua atuação pode ser definida por “atividades que não seriam nem coercitivas, nem voltadas para o lucro. Além disso, suas atividades visam o atendimento de necessidades coletivas e, muitas vezes, públicas.” (COELHO, 2002, p.40). Isso transforma a atuação do trabalho voluntário em uma ação que visa à cidadania e não só a uma mobilização de solidariedade como antes.

De acordo com Coelho (2002) e Nunes (2009), o trabalho voluntário se fortalece no Brasil com a emergência do Terceiro Setor. Ao se organizar sobre uma estrutura formal e institucionalizada, ganha legitimidade mesmo não sendo parte do governo ou do mercado, instituições já consolidadas socialmente. E isso faz com que as instituições do terceiro setor passem a ter destaque no cenário social brasileiro, momento em que o trabalho voluntário é associado à ideia de civismo, que toma o lugar dos valores religiosos antes preponderantes nas atuações voluntárias:

Já para Landim (1993; 2002), as organizações não governamentais (ONG) ganharam destaque no decorrer da década de 1980:

O reconhecimento e visibilidade social desse nome não se deu da noite para o dia, mas se construiu no decorrer da década de 1980 a partir de todo um investimento, por um conjunto específico de agentes e entidades, na afirmação de uma identidade comum e na produção de concepções, práticas e instâncias específicas de legitimidade, como vai ser retomado adiante. (LANDIM, 1993; 2002)

E no início da década de 1990 tais instituições se consolidaram como fontes da ação solidária. Não que a Igreja deixasse de participar, mas agora a ideia de participação sobre o conceito da caridade deu espaço à participação cidadã. Isto é, a atuação voluntária passou a operar pelos valores cívicos, ou o que Leite (2000) chama de “religião cidadã”, referindo-se ao projeto, desenvolvido nos anos 90, de produzir uma espécie de “religião civil”: união de códigos de valores religiosos e nacionais na prática cívica, fomentado pelo “espírito cívico”. Ou seja, um tipo de solidariedade que tem relação direta com a sensação de dever vinculada à cidadania (LEITE, 2000, p. 84). A mobilização de fazer a sua parte na busca de proporcionar o bem-estar do outro, em vista de uma sociedade mais igualitária, na ampliação dos direitos básicos e na ampliação da cidadania.

Sobre o conceito de participação cidadã, Gohn (2013) define da seguinte forma:

A Participação Cidadã é lastreada num conceito amplo de cidadania, que não se restringe ao direito ao voto, mas ao direito à vida do ser humano como um todo. Por detrás dele há outro conceito, de cultura cidadã, fundado em valores éticos universais, impessoais. A Participação Cidadã funda-se também numa concepção democrática radical que objetiva fortalecer a sociedade civil no sentido de construir ou apontar caminhos para uma nova realidade social sem desigualdades, exclusões de qualquer natureza. Busca-se a igualdade, mas se reconhece a diversidade cultural. Há um novo projeto emancipatório e civilizatório por detrás dessa concepção que tem como horizonte a construção de uma sociedade democrática e sem injustiças sociais. (GOHN, 2013, p. 241)

Nesse sentido, as instituições da sociedade civil atuavam sobre o vácuo deixado pelo estado e pelo mercado. Isso porque essas duas últimas, por sua vez, são impregnadas pela lógica neoliberal de tornar as pessoas consumidoras e não cidadãs, destacando mais os deveres do que os direitos, como atenta Gohn.

### **1.3 As empresas e o Voluntariado Corporativo**

A Responsabilidade Social Corporativa (RSC), como proposta de reflexão para este ponto, se faz importante para entendermos diferentes aspectos da parceria entre o Comitê Olímpico do Rio e a Universidade Estácio de Sá (UNESA). Não proponho aqui definir o termo, visto a polissemia relacionada a esse conceito. Minha intenção é apresentar, de maneira geral, o que se entende por responsabilidade social dentro do campo da administração empresarial.

O intuito é destacar o conceito de responsabilidade corporativa, pois esse tipo de ação também demanda trabalho voluntário (voluntário corporativo). Este último, por sua vez, será uma das categorias de entendimento trabalhada por essa dissertação. A ideia para tal análise é compreender e diferenciar essa forma de voluntariado dos outros tipos de ações voluntárias, percebidos ao longo de toda a Jornada Voluntária.

Contudo, cabe atentar que, neste ponto do trabalho, farei um breve levantamento do que se entende por Responsabilidade Social, para dar prosseguimento à observação sobre o trabalho voluntário como objeto de análise desta dissertação.

Enfim, podemos compreender sobre esse tema da RSC, segundo Fourneau e Serpa (2005), é que tal noção inicialmente tinha uma postura de ação voltada à caridade e ao altruísmo, sobre o prisma do interesse público. Mas, com o passar do tempo, as empresas

foram adotando tal prática como estratégia empresarial, isto é, como importante fonte de vantagem competitiva (FOURNEAU; SERPA, 2005, p. 83).

Nesse sentido, de acordo com as autoras (id., p. 85), a noção de RSC tem duas visões: 1) da economia clássica, amplamente difundida por Friedman, que entende que a responsabilidade social da empresa se restringe somente aos lucros de seus acionistas, que concebe que as questões sociais devem partir unicamente do Estado; 2) numa visão socioeconômica, a responsabilidade social da empresa está ligada à prática do bem-estar social, na medida em que promove qualidade de vida para a sociedade, já que nesta visão o bem-estar é responsabilidade de toda a sociedade, e não somente do estado.

Por conseguinte, a empresa sob a lógica da RSC, como apontam as autoras ao citar Ferrell (2000), deve desdobrar-se em quatro dimensões que visam minimizar os impactos negativos. São elas as dimensões legais, econômicas, filantrópicas e éticas, sendo que:

- A dimensão **legal** diz respeito ao cumprimento das leis e regulamentos estabelecidos pelo governo para garantir padrões mínimos de conduta responsável por parte das empresas.
- No que tange à dimensão **ética**, as empresas deveriam perseguir um comportamento considerado íntegro, certo e justo pela sociedade, além do que é exigido por lei. Isto inclui a percepção, por parte das organizações, de valores e expectativas de seus stakeholders. Assim, a esfera ética inclui a adoção de princípios e valores que não podem ser postos em risco, nem mesmo em nome do cumprimento de metas internas da empresa.
- A dimensão **econômica** refere-se à busca de lucro e retorno aos investidores por parte das empresas. A responsabilidade de natureza econômica leva também à geração de empregos para sustentar o crescimento da organização.
- Ao destinar recursos humanos e financeiros para melhorar a qualidade de vida da sociedade em geral e, mais especificamente, das comunidades onde opera, a empresa cumpre com sua responsabilidade **filantrópica**. Preservação do meio ambiente, investimentos em educação e donativos para obras de caridade são algumas demandas sociais que a empresa pode atender. (FOURNEAU; SERPA, 2005 p. 87-88 – **Grifo nosso**)

De acordo com Azevedo (2007), uma das ações promovidas pela RSC é o incentivo à prática voluntária, chamando-a de voluntário corporativo. A ideia é estimular a consciência social dos colaboradores (funcionários) e, na mesma medida, ampliar a divulgação da empresa, buscando maximizar os efeitos positivos em detrimento dos impactos negativos.

A responsabilidade social corporativa serve para este trabalho na medida em que é uma normativa empregada nas Olimpíadas, ao justificar os benefícios de tal evento à população local, sob o nome de “legado”. Por outro lado, é também a maneira pela qual se inseriu o voluntariado corporativo como primeira forma de trabalho “não remunerado” utilizado pelo Movimento Olímpico: voluntário recrutador (que será problematizado com mais ênfase no terceiro capítulo desta dissertação).



O que quero chamar atenção, neste momento, ao falar sobre fundamento da RSC, não somente a participação da instituição UNESA, que se integrou ao CO-Rio como parceira para promover o retorno à sociedade dentro lógica que guia o seu parâmetro de responsabilidade social de “educar e transformar<sup>21</sup>” por meio do esporte, mas como a empresa disponibilizou o seu capital humano e direcionou a capacitação da força de trabalho dos Jogos, dentro do contexto da parceria com organizadores dos Jogos, casando com a proposta de Legado Social deixado pelas Olimpíadas a cidade: o incentivo ao voluntariado, por parte do comitê organizador, junto à meta da empresa na lógica de “educar e transformar”.

### 1.3.1 A participação e parceria da Universidade Estácio de Sá (UNESA) nos jogos Olímpicos

O Movimento Olímpico vem cada vez mais utilizando a força de trabalho voluntária na organização dos Jogos. Todavia, é necessária, para execução desta tarefa, a seleção e capacitação de milhares de pessoas para atuarem nessa função. Para prestar tal serviço de capacitação, o COI e o Comitê Organizador Rio 2016 selaram um contrato para que empresas se responsabilizassem em preparar a mão de obra para atuar no evento.

No caso dos Jogos Olímpicos de Londres, a empresa de *fastfood* McDonald’s ficou responsável pelo processo de capacitação. Já na edição do Rio, a função de seleção e capacitação dos trabalhadores voluntários ficou sob a responsabilidade da Universidade Estácio de Sá, que marcou sua presença como primeira instituição de ensino a fazer parte dos Jogos ao promover o treinamento da força de trabalho, além de também ter patrocinado atletas na competição. Essa parceria foi uma estratégia comercial para, segundo Pose (2017), consolidar a marca e atrair novos estudantes.

Sobre os parâmetros da responsabilidade social de “Educar e Transformar”, um contrato selado entre o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e a UNESA, a instituição de ensino, ficou responsável pelo treinamento da força de trabalho (6 mil funcionários, 85 mil terceirizados e 50 mil voluntários), disponibilizando 6 centros de treinamentos (2 no Rio, e 1

---

<sup>21</sup>Veremos mais a frente, no capítulo 3, como a UNESA em seu relatório de desenvolvimento sustentável de 2015 e 2016 incluiu a participação nos Jogos como um evento pensado na visão da empresa de “educar e transformar” como medida de responsabilidade social.

em cada uma das cidades do futebol<sup>22</sup>), além de disponibilizar 120 professores da instituição entre os voluntários recrutadores (VR) responsáveis pelo processo da jornada de treinamento.

Para dar conta da enorme quantidade de pessoas durante o processo de treinamento, a UNESA preparou uma estrutura dedicada ao treinamento dos voluntários com um total de seis centros de treinamento (CT). O Rio, sendo a cidade-sede, onde se abrigaria a maioria dos eventos esportivos, contou com dois locais para os treinos: a) o polo Tom Jobim, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, onde foram treinados os voluntários recrutadores, os funcionários, os funcionários terceirizados de empresas parceiras e também os líderes dos grupos de voluntários; e b) polo Presidente Vargas, na Região Central da cidade, onde foi promovida a capacitação dos voluntários dos Jogos que atuaram como serviço do evento.

As outras quatro cidades do futebol receberam também centros de treinamentos (CT) para capacitar a força de trabalho que atuaria nos estádios olímpicos: uma em Belo Horizonte, uma em Brasília, uma em Salvador e uma em São Paulo.

A instituição incentivou a participação de professores e alunos como voluntários nesse projeto, tanto como voluntário recrutador (responsável pelo processo de recrutamento dos voluntários que atuaram nos Jogos) quanto como EVS (voluntário que faz parte dos serviços do evento), como maneira de estimular a participação cidadã, que é meta do programa de responsabilidade social da UNESA:

A Estácio selecionou voluntários recrutadores, entre professores e estudantes das áreas de recursos humanos, para o treinamento da mão de obra dos jogos. Incentivar o voluntariado entre nossos milhares de colaboradores administrativos e docentes é uma meta permanente do Programa de Responsabilidade Social Corporativa da Estácio – Educar para Transformar. Para isso, a Estácio desenvolveu o portal Estácio Voluntário, possibilitando a participação e engajamento de todos os colaboradores. Essa iniciativa faz parte do pilar Estácio Cidadania

(Universidade Estácio de Sá, disponível em: <http://portal.estacio.br/educar-paratransformar/teste/cidadania-noticia.html>> acesso em: 18 de jan. 2019).

Em relação a como a instituição pensou sua participação, na divulgação do seu relatório anual com o balanço da empresa e os projetos desempenhados, a organização da jornada de treinamento entra numa lógica de responsabilidade social por meio de programas esportivos:

A Estácio foi a primeira instituição de Ensino Superior privado a patrocinar uma Olimpíada e viveu uma experiência inovadora como provedora dos serviços de seleção e capacitação dos 140 mil voluntários, além de seis mil colaboradores que

<sup>22</sup>As cidades anexas ao evento chamadas cidades do futebol foram Belo Horizonte, Brasília, Salvador e São Paulo, cujos estádios de futebol foram projetos da Copa do Mundo de 2014 e alvos de polêmicas por conta do superfaturamento e escândalos de corrupção. Ver em <[www.cartacapital.com.br/sociedade/rio-2016-quem-sao-os-verdadeiros-ganhadores-e-perdedores](http://www.cartacapital.com.br/sociedade/rio-2016-quem-sao-os-verdadeiros-ganhadores-e-perdedores)>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

atuaram nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Os resultados positivos também envolveram a participação de alguns atletas-alunos do Time Estácio nesse grande evento, quando conquistamos ampla visibilidade na mídia, refletindo, nessas ocasiões, a coerência da nossa plataforma de responsabilidade social que tem o esporte como elemento de integração social. (Relatório de sustentabilidade 2016)

Essa noção de sustentabilidade e responsabilidade social corporativa (RSC) por parte da UNESA veio com o que eles chamaram de programa “Educar para Transformar” e, nos Jogos, funcionou tanto no estímulo ao programa de voluntariado vinculado ao que eles chamam de colaboradores (professores e alunos da instituição), quanto com o patrocínio de atletas brasileiros que compuseram o “Time Estácio”, voltado a atletas já consolidados no cenário esportivo e atletas que são alunos da instituição.

Em síntese, tal parceria e seus frutos, pelo lado da instituição, podem ser percebidos na ênfase da participação da Estácio como primeira empresa de ensino a estar na organização dos Jogos, o que se transformou em portfólio da instituição. Apesar de o discurso da instituição, ao selar tal parceria, ter sido voltado à “transformação” pela educação como métrica da responsabilidade da empresa, na prática, sua atuação determinou-se como a instituição responsável pelo compromisso de capacitação da força de trabalho do serviço utilizado no evento, tendo como contrapartida, entretanto, a divulgação de sua marca em um evento internacional como forma de atrair mais investidores e mais clientes.

E, por fim, os voluntários corporativos, aqueles incentivados pela empresa, foram importantes no recrutamento e no processo de formação dos EVS olímpicos na edição do Rio, mobilizados pela oportunidade de ter em seus currículos profissionais a atuação em um grande evento internacional.

O interessante, nesse último ponto, é poder pensar a participação dos alunos e funcionários da instituição citada como os primeiros voluntários da chamada jornada voluntária, sendo esse um dos atores que serão explorados no terceiro capítulo desta dissertação. No entanto, o importante neste momento é apenas compreender que este trabalho voluntário corporativo também entra como objeto de análise na medida em que, mesmo com as diferenças encontradas nos EVS, devem ser considerados voluntários do evento.

#### **1.4 O voluntariado olímpico**

Os Jogos Olímpicos surgiram na Grécia Antiga como um evento religioso para celebrar e glorificar as honrarias de Zeus aos homens, tendo sua primeira edição por volta de

776 ac. As competições eram realizadas em Olímpia, local onde também ficava o templo de Zeus, e só participavam do evento homens livres, em sua maioria soldados. Nessa época, as competições disputadas eram: pentatlo, corrida, salto, arremesso de disco, luta livre, boxe e *pankration* (uma forma de artes marciais que misturava o boxe e a luta livre) e, por fim, as corridas de calão e de bigas.

No fim do século XVIII, o aristocrata francês Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin, ressuscitou os Jogos dando outras características e normativas. Foi nesse período que o Comitê Olímpico Internacional (COI) foi criado.

Na sua versão moderna, os Jogos foram divididos em: Jogos Olímpicos de Verão, Jogos Olímpicos de Inverno e, depois, os Jogos Olímpicos da Juventude. Os primeiros Jogos Olímpicos das nações foram realizados em Atenas, na Grécia, em 1896, ainda sem a presença feminina nas competições. As mulheres só participaram dos Jogos na edição seguinte, em 1900, nas Olimpíadas de Paris, na França (a edição do Rio, em 2016, foi a edição com maior presença feminina). A primeira vez que os atletas brasileiros participaram dos Jogos foi na edição de Antuérpia, na Bélgica, em 1920.

Os Jogos Paralímpicos são um evento paralelo aos Jogos Olímpicos. Eles são divididos em Jogos de Verão e Jogos de Inverno. Tal evento surgiu como forma de reabilitação dos soldados que participaram da II Guerra Mundial. Sua primeira competição foi realizada em Roma, na Itália, em 1960, com mais de quatrocentos atletas cadeirantes de 23 países. Na edição dos Jogos de Barcelona, em 1992, os Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos trabalharam pela primeira vez na organização do evento, e desde então os Jogos são realizados em conjunto. Já a história dos voluntários nas Olimpíadas começa oficialmente em 1980, com os Jogos Olímpicos de Inverno, realizados em Lake Placid, nos Estados Unidos<sup>23</sup>. Essa edição contou com a participação de mais de 6 mil voluntários na organização do evento. Desse momento em diante, a participação voluntária tornou-se, ao longo do tempo, um traço marcante dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

O aumento das modalidades esportivas e, conseqüentemente, de atletas, somado à união dos Comitês Olímpico e Paralímpico na realização dos Jogos de Barcelona<sup>24</sup>, em 1992, fez com que a presença de voluntários também aumentasse significativamente para mais de 34

<sup>23</sup>Antes do COI adotar o programa de voluntariado olímpico, a função de auxiliar o evento, segundo Gomes (2015), ficava por conta dos escoteiros e do exército, que eram responsáveis pela entrega de mensagens, de manter a ordem pública e a segurança.

<sup>24</sup>Os Jogos de Barcelona foram referência no modelo de regeneração urbana e na construção do planejamento da cidade, que refletiria no desenvolvimento local em diversas áreas, o qual ficou conhecido como “legado” olímpico, que posteriormente foi adotado como modelo por todas as cidades-sede seguintes. No capítulo 2 (no item 2.1), faça um pequeno parêntese no qual esse tema retorna com mais afinco.

mil pessoas. A partir desse evento, o número de voluntários aumentou progressivamente e atingiu o seu ápice nos Jogos de Beijing em 2008, com a participação de 100 mil voluntários (70 mil para os Jogos Olímpicos e 30 mil para os Jogos Paralímpicos).

Na edição do Rio, em 2016, a expectativa de participantes era de 70 mil voluntários – 45 mil para as Olimpíadas e 25 mil para as Paralimpíadas –, assim como havia sido nos Jogos de Londres em 2012. No entanto, nos números oficiais do COI, consta que, nos Jogos de 2016, cerca de 50 mil (das mais de 240 mil pessoas que se inscreveram de 192 países diferentes, com 60% das inscrições vindas do Brasil) atuaram como voluntários, com idade entre 16 e 80 anos, sendo que 50% dos candidatos brasileiros tinham menos de 25 anos.

O incentivo à atuação voluntária nos Jogos do Rio foi visto pela organização do evento como “legado humano”, cujo papel é consolidar uma cultura voluntária voltada ao desenvolvimento social da cidade-sede. Por outro lado, é possível perceber que, ao tratar sobre os voluntários, o CO-Rio aborda-os sobre dois aspectos que chamam atenção: um mais subjetivo e acolhedor, e outro mais funcional e objetivo.

O primeiro aspecto, no campo do “fazer parte”, refere-se ao voluntário como parte do Time que compõe a força responsável pela execução e sucesso do evento, isto é, o voluntário é agregado ao grupo que sedimenta e organiza os Jogos Olímpicos e Paralímpicos e ganha um papel de destaque como parte fundamental para a realização do evento. Já o segundo refere-se ao voluntário como força de trabalho<sup>25</sup> ou EVS (Serviços do Evento) que, nesse sentido, tem por finalidade atender aos clientes dos Jogos e ser o suporte para o andamento do evento.

Os voluntários olímpicos são, nesta dissertação, o objeto ao qual dedicarei meu olhar crítico; não só para entender os motivos que mobilizam um grande grupo de pessoas a atuarem dessa maneira, mas para lançar luz à experiência de atuar voluntariamente em megaeventos esportivos e, dessa experiência, construir outras formas de sociabilidades e identificação. O interessante é enxergar o voluntário especificamente de megaeventos esportivos como uma categoria pertencente ao conjunto dos trabalhadores não remunerados que elenquei aqui para fazer esse caminho teórico.

Saber dos caminhos para se tornar um voluntário de eventos tal como as Olimpíadas, principalmente, uma sediada em seu país, é um rico trabalho a fim de problematizar os valores que circulam sobre esses fenômenos. E apesar de toda a repercussão, esses eventos proporcionaram, a certa parcela da população, o desejo de fazer parte, de estar incluído nesse fenômeno, de construir um currículo de vida no qual ser voluntário em um megaevento agrega

---

<sup>25</sup> No CO-Rio, a força de trabalho foi estruturada em três setores: funcionários, voluntários e terceirizados.

um valor simbólico que motiva a buscar por mais tempo dentro desse evento e, por um momento, regozijar dos benefícios e do *status* gerado do sucesso de tal empreitada.

Poderemos acompanhar a jornada dos voluntários que atuaram na edição dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio no próximo capítulo e, além disso, analisar com mais rigor a participação da UNESA, que teve destaque nesse período de treinamento. Contudo, cabe aqui destacar que a experiência desses voluntários específicos é o que de mais rico se verá no desenvolver dos próximos capítulos.

## 2 A JORNADA DO VOLUNTARIADO OLÍMPICO RIO 2016

Pesquisar os voluntários de grandes eventos esportivos foi uma ideia amadurecida ao longo do ano de 2014. Primeiro, por conta das polêmicas envolvendo os preparativos para Copa do Mundo<sup>26</sup> na edição brasileira. Segundo – o qual destaco como mais importante –, por descobrir que uma parte da força de trabalho utilizada para auxiliar a organização do evento era composta por voluntários.

Exercitando aquilo que aprendemos nas primeiras aulas de antropologia, parei para estranhar algo que era familiar, como diria DaMatta<sup>27</sup>, afinal desde criança venho acompanhando os jogos da Copa do Mundo, mas sem me dar conta dos problemas e polêmicas que surgem, ou mesmo quais foram os critérios e as exigências impostas para um país sediar um evento dessa magnitude. Isso tudo foi possível de pensar dado ao fato de: o Brasil ter sediado a Copa e Olimpíadas e ter passado por período de hostilidade por parte da população durante o desenvolvimento do evento, num período em que a sociedade discutia a necessidade de tais eventos num contexto de precarização das demandas sociais, como saúde, transporte, educação, entre outras coisas.

De início, a ideia era aprender sobre essa modalidade que eu acabara de descobrir (o voluntário de megaevento) e entender por que grupos de pessoas distintas doam seu tempo e força para instituições que lucram bastante com esse tipo de evento. Para que essa ideia fosse desenvolvida, foi importante tornar os voluntários de megaeventos esportivos como o objeto de pesquisa.

No ano de 2014 tomei conhecimento de algo que despertou ainda mais o meu interesse: a abertura do processo de seleção para os voluntários que atuariam nos jogos Olímpicos e Paralímpicos na Cidade do Rio de Janeiro em 2016. Era uma oportunidade única de pesquisar o processo de formação do grupo de voluntários desde o começo. E, guiado por esse objetivo, decidi participar do processo seletivo.

---

<sup>26</sup> Os escândalos de superfaturamento das obras e as escolhas de algumas das sedes discutidos no trabalho de Damo e Oliven (2014), como, por exemplo, a reforma do Maracanã e a construção de estágios como Mané Garrincha em Brasília e a Arena Pantanal no Amazonas, entre outros, tornaram-se eixo para o movimento antiCopa que se uniu aos protestos da jornada de junho no ano de 2013 por diversas partes do país, inclusive na cidade do Rio.

<sup>27</sup> DAMATTA, R. "Ofício do etnólogo ou como ter *anthropological blues*". In: NUNES, E. (org). A aventura sociológica. RJ: Zahar, 1978.

No dia sete de dezembro de 2014, fiz a inscrição para voluntário dos Jogos Olímpicos de Verão pela internet, depois de encontrar o portal dos voluntários numa simples busca na barra de pesquisa do *Google*, dando assim início à Jornada do Voluntário.

## 2.1 O Programa de Voluntário Olímpico Rio 2016

Como parte do Movimento Olímpico Rio 2016<sup>28</sup>, uma das fases importantes foi a composição da força de trabalho responsável pelo suporte ao megaevento. Para tal procedimento, foi criada uma instituição responsável pelo planejamento dos jogos e todas as suas etapas: o Comitê Olímpico. Essa instituição, por sua vez, coordenou todo o processo de seleção e capacitação do programa de voluntários chamado de “Jornada do Voluntário”.

O programa tinha como objetivo recrutar e treinar a força de trabalho que atuaria como voluntários dos jogos Olímpicos e Paralímpicos. A expectativa inicial do COI e Comitê Olímpico Brasileiro (COB) era dispor de um total de 70 mil voluntários (50 mil para os Jogos Olímpicos e 20 mil para os Jogos Paralímpicos) para atuarem nas arenas, estádios, aeroportos, parque olímpico e espaços construídos para jogos, só que no final da jornada foram selecionados 50 mil; destes, segundo levantamento do COI, 30% não atuaram nos Jogos<sup>29</sup>.

O principal meio de divulgação foi a internet, pelos meios de comunicação digital (sites, blogs e correios eletrônicos) e redes sociais (principalmente o *Twitter*, *Instagram*, *Youtube* e o *Facebook*). Por meio de materiais audiovisuais, a convocação circulou por diferentes plataformas (como tevê, rádio, internet). Divulgadas amplamente pela mídia e pelos canais oficiais do governo, o programa repercutiu durante o ano de 2014 (período destinado à inscrição), de agosto até dezembro.

Os requisitos básicos para ser voluntário dos Jogos eram ser maior de 18 anos, ter ensino fundamental completo, ter disponibilidade para participar das atividades (on e offline) na jornada de treinamento, se comprometer a trabalhar no mínimo dez dias estando de acordo com os termos instituídos pelo Comitê (já que tal função não se caracterizara como vínculo

---

<sup>28</sup> Nome dado ao processo de construção dos Jogos, desde a escolha da cidade-sede até a cerimônia de encerramento.

<sup>29</sup> Dados divulgados pelo jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1803295-pelo-menos-30-dos-voluntarios-nao-compareceram-a-olimpiada.shtml>>. Acesso em: dezembro de 2017.



empregatício, não garantia remuneração, tampouco era justificativa para faltas no emprego) e, por fim, ter espírito de grupo e bom relacionamento com o público.

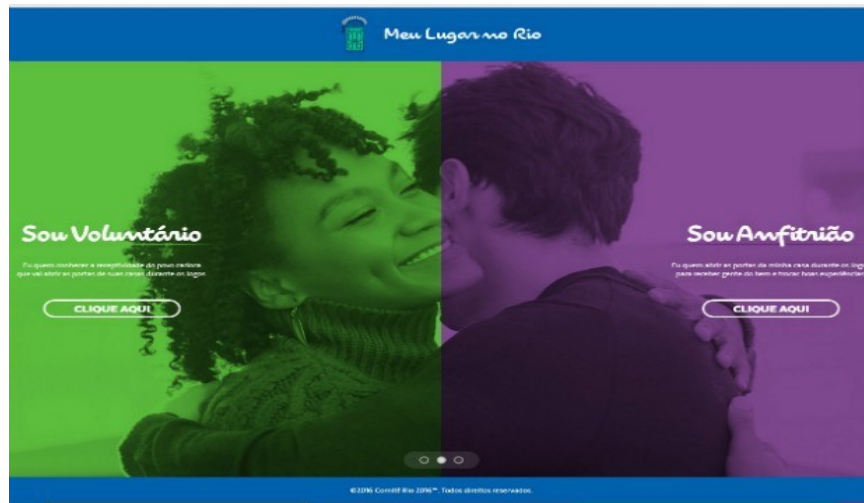
Os candidatos às vagas de voluntários se inscreviam por meio da plataforma digital (portal do voluntário), criada especificamente para esse processo. A inscrição foi aberta ao mundo, mas a esperança era a adesão massiva dos brasileiros, principalmente dos moradores da cidade. A expectativa de adesão pelos moradores da cidade também se intensificou na ação de hospedagem solidária, com o intuito de que os voluntários da cidade abrigassem voluntários de outras cidades, estados e países (no terceiro capítulo, um exemplo dessa prática será contado por Teresa em sua experiência como voluntária).

A inspiração para essa iniciativa (hospedagem solidária) foi a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), que ocorreu em 2013, promovida pela Igreja Católica na cidade do Rio. Por ter sido um grande evento na cidade com significativa participação da juventude católica de vários lugares como voluntários, a JMJ teve como uma de suas principais estratégias para manter o enorme público (peregrinos e voluntários) a hospedagem solidária. Isto é, os organizadores do evento, junto à Igreja Católica, intermediaram a relação de hospedeiros e hóspedes, como aponta Gonzalez e Mariz (2017):

Como sabidamente os jovens ainda não têm vida financeira estabilizada para realizar uma viagem nacional ou internacional, a Igreja propõe à população anfitriã que esta ofereça suas casas e/ou espaços (empresas, clubes, escolas públicas/privadas, escolas de samba, entre muitos outros) gratuitamente para o alojamento dos peregrinos e voluntários do evento, reduzindo assim sensivelmente o custo da viagem para estes. (GONZALEZ; MARIZ, 2017, p. 20)

Por parte do Comitê Olímpico, tal iniciativa deu origem à criação de uma plataforma para aproximar quem precisava de lugar para se hospedar daqueles que abririam as portas de sua casa para um companheiro voluntário: “Meu lugar no Rio”.

Figura 1– Layout da plataforma digital criada pelo Comitê Olímpico para hospedagem solidária entre os voluntários



Fonte: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/07/rio-2016-cria-plataforma-para-ajudar-na-hospedagem-de-voluntarios.html>. Acesso em: junho de 2018.

A hospedagem na cidade, assim como a ida aos locais de treinamentos presenciais e da atuação, ficava por conta do próprio voluntário (brasileiros e estrangeiros). Ao Comitê Olímpico ficou o compromisso de garantir o uniforme completo<sup>30</sup> para atuação, curso de inglês online, transporte que abrangia a região metropolitana, em parceria com a *Riocard*, que confeccionou um vale-transporte exclusivo para os dias do evento, a alimentação nos dias de trabalho, o certificado de participação e o treinamento voltado à atuação nos Jogos, que ganhou o nome de “Jornada do Voluntário”.

## 2.2 A Jornada dos heróis-voluntários

“Seja o herói dos seus heróis<sup>31</sup>”: essa frase era repetida em diferentes momentos no vídeo que circulou pela internet. Nele, os heróis olímpicos, atletas que conquistaram medalhas em diferentes modalidades esportivas, relatavam a importância da presença dos voluntários para as suas conquistas nas Olimpíadas. Ser o herói dos heróis olímpicos era o conceito

<sup>30</sup> Três camisas, uma calça que vira bermuda, três pares de meias, um cinto, um boné, um par de tênis, uma bolsinha tiracolo, um agasalho e uma capa de chuva.

<sup>31</sup> Vídeo divulgado na Internet convidando as pessoas a participarem da seleção para voluntários Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=YqNI\\_XOFGX4](https://www.youtube.com/watch?v=YqNI_XOFGX4)>. Acesso em: fevereiro de 2016.

difundido na propaganda de recrutamento da principal força de trabalho dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos que aconteceria na cidade do Rio de Janeiro em 2016: os voluntários. A campanha alertava para a importância da participação dos voluntários, dava visibilidade ao seu papel nos Jogos e o devido destaque: os heróis anônimos fundamentais para o sucesso do Evento.

Mas por que evocar a imagem do herói? Não só heróis, e sim os heróis dos heróis. Nesse sentido, tal imagem tem o valor de um arquétipo, que, segundo o psicanalista Carl Jung pode ser entendido como “formas ou imagens de natureza coletiva que se manifestam praticamente em todo o mundo como constituintes dos mitos e, ao mesmo tempo, como produtos autóctones e individuais de origem inconsciente”<sup>32</sup> (JUNG, 1958 *apud* CAMPBELL, 1997, p. 26). Isto é, modelos de comportamento e formas de nos relacionar com o mundo, gravados em nosso inconsciente. Essa ideia foi retomada posteriormente pelo antropólogo Joseph Campbell (1997) em seu trabalho “O herói de mil faces”<sup>33</sup>. Segundo Campbell, a história (ou mitologia) sempre construiu seus heróis como arquétipo de personagens excepcionais, que transitam entre o homem e deus, guiado por ideais nobres, tal como o altruísmo.

A “convocação” para formar um grande Time de voluntários foi tratada como o grande ato de heroísmo. E, para Campbell, toda a mitologia dos heróis parte de uma mesma estrutura, a que ele chama de “Monomito” (ou *jornada* dos heróis, como trata a literatura), desde a seleção, passando pela iniciação de aprendizado e crescimento até seu retorno, trazendo transformações para si, e também para os outros.

O percurso padrão da aventura mitológica dos heróis é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito. Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 1997, p. 17-18)

Para conseguir a alcunha de heróis, era preciso passar pela jornada, como atentou Campbell. Nesse sentido, o voluntariado olímpico e paralímpico (os heróis dos heróis) passou por processo de seleção e formação que ficou conhecido como “jornada voluntária”, cuja separação pode ser imaginada como a inscrição, a iniciação pode ser comparada aos

---

<sup>32</sup> JUNG, C. G., *Psychology and the religion*, Collected Works, v. 11. Nova York e Londres, 1958, par. 88.) Escrito originalmente em inglês, 1937. *apud* CAMPBELL, 1997, p. 26)

<sup>33</sup> CAMPBELL, Joseph. **O heróis de mil faces**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

treinamentos (principalmente o treinamento presencial<sup>34</sup>) e o retorno é a experiência (ou “legado”) gerada da atuação como voluntário.

### **2.3 Etnografia das mensagens olímpicas na caixa do e-mail<sup>35</sup>**

No dia sete de dezembro de 2014, recebi o primeiro e-mail da Organização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos: uma resposta automática vinda da plataforma na qual os dados de cadastro foram preenchidos avisando sobre a validação da inscrição. Eu tinha terminado de preencher o formulário no portal dos voluntários e a mensagem dava as boas-vindas à “Jornada do Voluntário”. Neste momento, oficialmente, acabara de me tornar um dos milhares de candidatos à vaga de voluntário, a fazer parte do “Time”. Não tinha percebido, na época, que nesse momento havia começado meu campo.

Em seguida, a confirmação chegou após concluir o cadastro na plataforma em que aconteceriam os primeiros passos da jornada do voluntário, ou seja, o treinamento online. No e-mail vinha uma mensagem parabenizando o sucesso da inscrição e informando as opções a que poderia recorrer naquele espaço: informações sobre os jogos, nivelamento de idioma e acompanhamento da evolução na jornada do voluntário.

Dois dias depois veio o primeiro convite para participar do treinamento online. A primeira atividade foi uma dinâmica. Esta atividade foi realizada na plataforma digital e seu desenvolvimento se dividiu em dois eixos: 1) fazer introdução à história dos Jogos e do movimento olímpico, as modalidades esportivas, os locais de competição, os clientes; 2) apresentar as funções dos voluntários durante os Jogos, suas modalidades e as diferentes competências atribuídas à atuação voluntária.

Após essa breve introdução ao mundo dos Jogos e da Jornada do Voluntário, o passo seguinte foi o nivelamento de idiomas, afinal, se tratava de um evento aberto ao mundo e uma das principais funções do voluntário ao atuar nos jogos era a recepção ao público (um dos benefícios oferecidos aos voluntários por parte da organização foi um curso de inglês online

---

<sup>34</sup> Na primeira parte do treinamento presencial, descrevo o processo de inicialização da jornada com uma grande viagem ao passado das Olimpíadas por meio de uma decoração preparada para o treinamento.

<sup>35</sup> A proposta deste ponto é construir uma memória do processo de seleção do programa jornada do voluntariado a partir dos e-mails enviados pela organização. A ideia é traçar o passo-a-passo do desenvolvimento da formação e capacitação do processo de treinamento que foi chamado de Jornada do Voluntário.

concedido por uma das empresas parceiras do COI<sup>36</sup>). Tal nivelamento de idioma foi um modo de pensar a distribuição das funções, principalmente em relação às delegações estrangeiras. Em uma das conversas que tive enquanto participava do processo seletivo, foi indicada essa distribuição, pois esse meu interlocutor (cuja conversa será recontada com maior detalhe no próximo capítulo) havia sido designado a auxiliar a delegação da França por conta de sua fluência em francês. Mas não só isso; por conta do caráter internacional do evento, em todas as etapas da jornada dos voluntários havia um ou mais voluntários bilíngues para auxiliar os candidatos estrangeiros. Como salienta a organização em um de seus e-mails para os voluntários, no qual atenta sobre a importância da troca de experiências:

Os voluntários com conhecimento em outros idiomas terão a oportunidade de aplicar seus conhecimentos de forma prática, interagindo com diversas culturas e acompanhando atletas, delegações, espectadores e outros públicos de diferentes. (TIME Rio 2016, 09 de dezembro de 2014).

O intercâmbio com outras culturas e idiomas é um ponto caro para este trabalho por ser um ponto de interesse de alguns voluntários, principalmente em fazê-lo sem sair de seu país, estado ou cidade, tornando isso um bom motivo para atrair as pessoas a atuarem como voluntários nos Jogos, questão que será aprofundada com mais rigor. Aqui, o importante é mostrar que desde o início o incentivo a tal troca e aprendizado foi uma ponta também explorada pela organização do evento.

No e-mail seguinte, já em 2015, foi enviada uma mensagem de comemoração aos 450 anos da Cidade do Rio, em quinze de março de 2015, no mesmo dia que atingia 500 dias para competição. O Comitê Olímpico publicou uma homenagem em forma de filme promocional dos Jogos, apresentando as preparações da cidade para recepção do evento. O nome do vídeo era “o meu DNA é olímpico”; nele, a Cidade do Rio ganha voz e descreve como a sua relação com eventos esportivos se contribuiu historicamente, isto é, que ao longo de seus 450 anos a cidade do Rio por muitas vezes abrigou eventos esportivos. Damo e Oliven (2014) também chamaram atenção para o fato de a cidade do Rio ter sediado diversos megaeventos desportivos, tais como o Pan-americano (2007), os Jogos Mundiais Militares (2011), a Copa das Confederações (2013) e Copa do Mundo de (1950) e de (2014) e Jogos Olímpicos e Paralímpicos (2016), por exemplo.

Este ponto, que marcou os 500 dias para o início dos Jogos, pode ser entendido como o ponto de passagem do processo de treinamento, pois determina a conclusão das etapas

---

<sup>36</sup> A *Education First* disponibilizou um curso online de um ano para os voluntários.

digitais do treinamento e o início dos treinamentos presenciais. A mensagem seguinte vinda ao correio eletrônico traz esse marco como uma passagem de fase na jornada do voluntário. Desta vez, o contato seria presencial entre os candidatos e a equipe de formação representando a organização do evento, como destaca a mensagem:

Chegamos a mais uma fase da Jornada do Voluntário: a entrevista. Para o nosso primeiro encontro presencial, preparamos uma série de ações diferenciadas para você já entrar no clima dos Jogos. De quebra, você poderá conhecer outros candidatos que estão nessa Jornada com você. (TIME Rio 2016, 02 de abril de 2015).

Depois do agendamento realizado, a confirmação: uma mensagem confirmava a escolha e acertava os detalhes para realização, como, por exemplo, o endereço do local, a data e o horário. Cada entrevista teve duas horas de duração, foi feita em grupo. Uma estrutura personalizada foi preparada para inserir os candidatos numa “viagem” sobre história olímpica. Entre atos da performance criada para essa etapa, voluntários acompanhavam o desenrolar do processo de conhecimento das propostas e valores que deveriam ser assimilados para excelência na atuação nos Jogos, segundo a perspectiva do COI (poderemos ver mais detalhes desse primeiro contato presencial no ponto 2.2).

A entrevista (como podemos ver pela mensagem acima) dá início à fase presencial do processo de seleção da força de trabalho do evento. Mas, para dar continuidade ao processo na jornada, foram necessários alguns procedimentos. Primeiro foi necessário fazer o agendamento da entrevista. Uma nova mensagem foi enviada para dar as coordenadas para este treinamento. Na mensagem, a indicação de acesso ao portal do voluntário se fazia necessário para marcação do local, dia e horário. O candidato escolhia dentro das opções as que melhor se encaixava com sua agenda ou possibilidades.

Após a entrevista, houve a mensagem de aprovação e a garantia da vaga como voluntário olímpico da edição da cidade do Rio no ano 2016. Junto à congratulação pela conquista da vaga, veio o convite para personalizar a foto do perfil do *Facebook* com *hashtag*<sup>37</sup> “sou voluntário Rio 2016”. Segundo a organização, essa era a forma de comemorar e se sentir parte do Time Rio 2016. Nesse ponto, podemos perceber como o pertencimento e a criação de uma identidade com o evento foi parte da estratégia dos organizadores para cativar os voluntários, exigindo o engajamento e o compromisso com o ‘time’.

---

<sup>37</sup> Palavra-chave que concentra diferentes mensagens sobre o mesmo assunto.

### 2.3.1 “Somos um time. Somos Rio 2016<sup>38</sup>”

Na virada do ano (olímpico), uma mensagem enviada assim que começou 2016 (em janeiro) mencionava a expectativa da realização dos Jogos que aconteceria pela primeira vez em terras sul-americanas. A partir da conquista da vaga como voluntário, aparecem as ideias “como um time só” e de “fazer parte” dentro dos discursos que se referem ao ser voluntário e a sua participação no megaevento. Neste sentido, o “somos todos um” se torna uma importante característica analítica, na medida em que podemos pensá-la como solidariedade (nos moldes de Durkheim), pois são valores e sentimentos de pertencimento que mantêm a coesão do grupo a partir da construção de uma consciência coletiva.

Por outro lado, se analisarmos esse processo no campo do discurso e da construção ideológica, identificaremos a mudança nas mensagens como um tipo de interpelação. Em “ideologia e os aparelhos ideológicos do Estado” (1980), uma das questões tratada por Louis Althusser foi a interpelação ideológica do Sujeito sobre o sujeito, ou seja, como ideologicamente o indivíduo concreto se transforma em sujeito concreto quando este é interpelado por um agente externo. Em outras palavras, quando “a ideologia é encarnada, isto é, ganha corpo, voz, enfim, vida” (SILVEIRA, 2010, p. 170). Nesse sentido, a interpelação por parte da Organização (Sujeito) produz esse sujeito concreto quando o candidato passa a se entender como voluntário, pertencendo ao “time” e fazendo parte dos Jogos. Neste sentido, podemos pensar a *hashtag* (mencionada anteriormente quando concluída a primeira fase do treinamento) como uma interpelação na qual o indivíduo, ao ser interpelado, se “transforma” em sujeito. Sobre esse ponto, Motta (2014) interpreta a questão althusseriana da sujeição do sujeito concreto da seguinte maneira:

O sujeito, na perspectiva althusseriana, é tanto o sujeito da ação como também, ao mesmo tempo, o sujeito sujeitado a outro Sujeito (com s maiúsculo), que vem a ser uma ideologia, i.e, as crenças políticas, culturais, religiosas, esportivas, etc., que todos os sujeitos divididos possuem.

E mais:

Há sempre, de acordo com Althusser, o mecanismo de reconhecimento/desconhecimento na constituição dos sujeitos pelas interpelações: o sujeito se reconhece num discurso, mas desconhece esses mecanismos interpelar ótimos dos quais reproduz (ou transforma) as relações de poder da sociedade. (MOTTA, 2014, p. 81)

---

<sup>38</sup> Lema da organização após a etapa do treinamento online ser concluída e o aceite da carta-convite, efetivando o interesse do candidato a ocupar uma vaga de voluntário nos Jogos Rio 2016.

Esse ponto de vista é importante para pensarmos a mudança na postura na relação da Organização do evento sobre os voluntários. O fazer parte do time só daria resultado por meio do reconhecimento do candidato aos ideais ao qual tanto os organizadores quanto o COI disseminavam, na busca por manter um número alto de participantes voluntários para compor sua mão de obra, num contexto de crise de desemprego e desconfiança sobre o sucesso do evento, inclusive na adesão ao programa de voluntariado.

Retornando à caixa de mensagem, ainda no mês de janeiro de 2016, chegou a carta-convite. Esta carta-convite é o documento que oficializa a assunção da vaga como voluntário. Além disso, a carta designava o cargo a ser exercido e o local de atuação. Como mencionei anteriormente, participei de todo processo de seleção para voluntário (apesar de não ter atuado durante os Jogos), ao chegar a carta convite descobri que atuaria nos Jogos Olímpicos, na arena de vôlei, em Copacabana (um dos cartões postais da cidade), como Assistente EVS (serviços de evento).

Junto à carta, em anexo, veio um formulário para confirmar o interesse em participar das Olimpíadas ou das Paralimpíadas ou desistir da vaga de voluntário. Ao ser preenchido, o formulário direcionava, dependendo da resposta, para a próxima etapa (caso a resposta fosse afirmativa), ou encaminhava para reclassificação, no caso de ter uma vaga disponível que fosse mais interessante para o candidato (caso a resposta fosse negativa) ou desclassificava, cancelando o cadastro para os casos de desistência.

O e-mail seguinte reforçava a conquista da vaga como voluntário da primeira Olimpíada da América do Sul; acenava sobre o aceite do convite; recapitulava as funções e trazia algumas recomendações:

- Lembre-se que você precisa estar disponível por, no mínimo, 10 dias durante o período dos Jogos.
- Você poderá receber convites para cargos nos dois Jogos: Olímpicos e Paralímpicos, e todos devem ser aceitos no portal.
- Recebeu mais de um convite para os Jogos Olímpicos? Não esqueça que você deve aceitar todas as funções para participar.
- Acompanhe nossas comunicações e fique atento ao e-mail: em breve você será convidado para treinamentos online, que começam a partir de março.
- Suas escalas de trabalho para os Jogos Olímpicos serão enviadas para você a partir de abril. Você será informado sobre elas por e-mail e deverá aceitá-las no seu portal. (TIME RIO 2016, 6 de fevereiro de 2016).

A mudança de status (de candidato para voluntário) ficava cada vez mais clara: daqui em diante o lema era “Somos um time”. Faltavam poucos meses para a cerimônia de abertura das Olimpíadas, ao mesmo tempo em que começaram os preparativos para o fim da jornada do voluntário.



Como adiantado nas recomendações, em março, um *e-mail* com uma nova bateria de treinamentos, ou melhor, cursos online, chegou à caixa de mensagem. Estes cursos eram divididos em três temas: 1) Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016; 2) Excelência no serviço; 3) Meu Papel nos Jogos – Visão geral. Este último ganha destaque por ser o mais importante, no ponto de vista dos organizadores, pois, em conjunto com o treinamento presencial “Meu papel presencial” (que será desenvolvido mais detalhadamente na parte 2.2.1 desta dissertação), “adequava” os voluntários às funções e ações que deveriam ocupar. E mais: fez reconhecer a relação hierárquica, o que podia ou não fazer, aonde podia ir ou não, com quem podia falar ou não. Em outras palavras, tal treinamento foi o momento chave para “docilizar os corpos”<sup>39</sup> (FOUCAULT, 1999).

Os detalhes sobre a inscrição do curso presencial, que, segundo a organização, visava a capacitação para o desempenho nos Jogos, foram enviados em seguida dos cursos online. O agendamento foi feito pela plataforma. O local era o mesmo que o da entrevista: o campus da Presidente Vargas na UNESA, no centro da cidade do Rio. A observação desse processo de capacitação será, como dito em outra oportunidade, melhor desenvolvida no subitem 2.2.1 (treinamento presencial), que virá em breve. Mas vale destacar que esse é o desfecho final da jornada, uma vez que os atos seguintes fazem parte da posse do cargo, não mais como candidato, mas como parte da força de trabalho.

Contudo, ainda faltavam dois meses para o começo, e foi preciso encerrar algumas atividades. Na sequência dos preparativos para o começo dos Jogos, três atividades que tiveram que ser cumpridas para a efetiva atuação foram: 1) o aceite à escalação de atuação, que gerava uma planilha (que pode ser vista no anexo 1 desta dissertação) com os dias e a carga horária de trabalho. A organização predeterminediu, como exigência no ato da inscrição, a disponibilidade de, no mínimo, dez dias para atuação, fossem nas Olimpíadas ou nas Paralimpíadas (ou em ambas); 2) a retirada do uniforme e da credencial que, assim como as outras atividades, necessitou de prévio agendamento. O local destinado como o Centro de Uniformes e Credenciais foi a cidade do samba (onde ficam alojadas as escolas de samba), na Gamboa (região central do Rio); e 3) participação no curso “Meu Local Olímpico”, o treinamento no local da atuação fechava toda a preparação da jornada. Essa atividade teve por

---

<sup>39</sup> Segundo Foucault, a fabricação de corpos dóceis se dá da seguinte forma: “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”. (FOUCAULT, 1999 p.119)

finalidade passar os detalhes das instalações e os locais onde os voluntários atuariam, de acordo com sua função.

Ao fim dessas etapas, as mensagens da organização foram diminuindo, algumas notícias que foram enviadas falavam sobre os preparativos, outras sobre os atletas. A última mensagem, fechando esse ciclo, foi enviada na véspera da cerimônia de abertura dos Jogos e celebrava a chegada da tocha olímpica na cidade. Foi a largada para o início dos Jogos e, ao mesmo tempo, a entrada em cena dos voluntários. Como minha “jornada” como voluntário não foi completada, pois não participei da atuação, as mensagens não chegaram mais. E assim a caixa de e-mails virou apenas um registro que guarda as memórias dessa longa jornada que marcou a história da cidade do Rio e de muitas pessoas que compartilharam a experiência de participar dos primeiros Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Brasil.

#### **2.4 O treinamento para voluntário dos Jogos Olímpicos: reflexões a partir de uma observação direta**

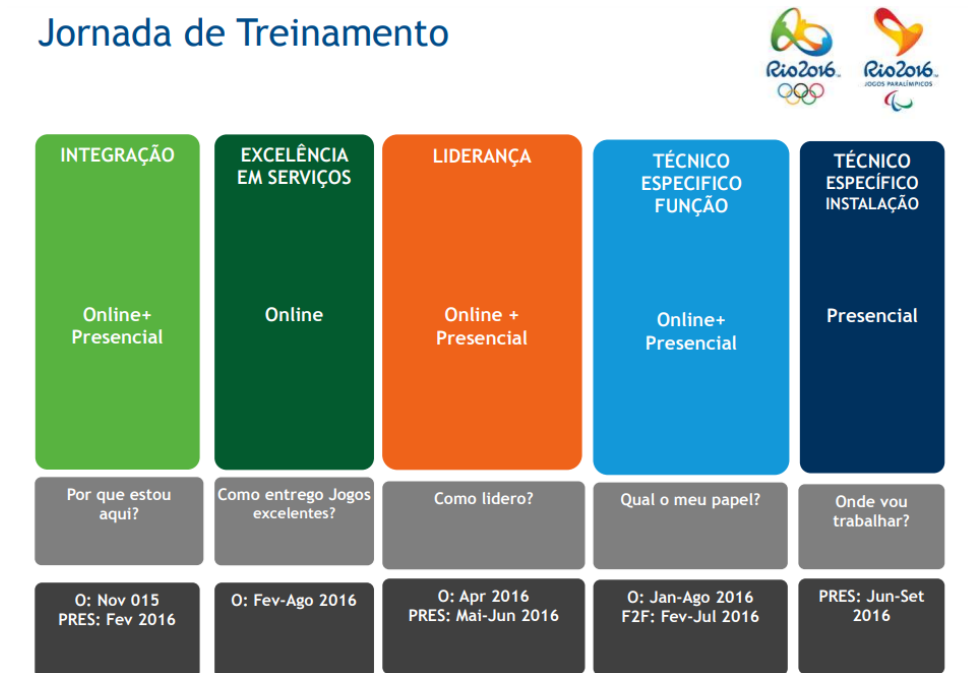
Os treinamentos da Jornada Voluntária foram pré-requisito para a participação nos Jogos 2016. O intuito foi capacitar a força de trabalho, principalmente a voluntária, para atuar nas instalações dos Jogos e auxiliar o andamento e a organização do evento, entre outras coisas. Esta jornada teve início em 2014, com a inscrição, e se encerrou em 2016, nos Jogos. Tais atividades foram realizadas em dois formatos: (1) treinamento online, realizado na plataforma de acesso criada para a capacitação dos candidatos, (2) treinamentos presenciais, realizados no Centro de Seleção no campus da UNESA, parceira do COI.

O processo da jornada do voluntário (ou jornada de treinamento) foi conduzido, como mencionado, pela UNESA (que fez parte do Comitê Olímpico Rio 2016), e por se tratar de uma instituição de ensino, tomou como referência para o treinamento a mesma metodologia que utiliza em seus cursos de graduação: o *blended learning* (ou aprendizado híbrido). Este tipo de método mescla o ensino online com o presencial, e busca dinamizar o ensino e flexibilizá-lo, tal como mostra o quadro abaixo e será descrito em forma de relato (com exceção do treino de liderança, do qual não tive a oportunidade de participar durante a Jornada)<sup>40</sup>, na sequência a partir da divisão: treino online e treino presencial.

---

<sup>40</sup> Segundo Flávia Fontes, coordenadora de treinamento do Comitê Olímpico, este treinamento havia sido direcionado, majoritariamente, aos funcionários do evento e aos terceiros de outras empresas, e a minoria era voluntária.

Figura 2– Quadro de atividades da jornada de treinamento Olímpico



Fonte: <[www.rio2016.com](http://www.rio2016.com)>.

#### 2.4.1 O treinamento online

A internet teve papel crucial na jornada de treinamento (principalmente para aqueles que tinham acesso a ela<sup>41</sup>), pois além da inscrição, parte da seleção foi desempenhada em ambiente online, e ela também foi necessária para a marcação das atividades presenciais. Além disso, por ser um acontecimento de proporções globais, a necessidade de se fazer viável para os interessados em participar da seleção de voluntários que estavam longe da cidade do Rio demandou um espaço virtual ao qual todo o mundo<sup>42</sup> poderia ter acesso.

Num primeiro momento, o treinamento online foi um requisito geral da primeira fase para todos os participantes, inclusive os que vinham de fora do Brasil. Ele se dividiu em duas

<sup>41</sup> Em 2014, cerca de 54,9% dos brasileiros tinham acesso à internet e, em 2015, o número subiu para 57,8% segundo os dados do IBGE. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/apesar-de-expansao-acesso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo/>>. Acesso em: 03 de maio de 2018.

<sup>42</sup> Segundo os dados no site do governo federal, participaram do evento pessoas de 192 nacionalidades, sendo maioria brasileira. Dos estrangeiros, a maioria veio dos EUA, seguido por Rússia, China e Grã-Bretanha. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/esporte/2014/12/selecao-dos-voluntarios-dos-jogos-rio-2016-ja-comecou>>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.

fases: 1) a primeira foi introdutória, para situar o candidato sobre o que se exigia em relação à atuação no evento. Ela foi distribuída entre os cursos: Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos Rio 2016, Excelência em Serviços e Meu Papel nos Jogos – Visão Geral. 2) A segunda parte foi de capacitação, uma vez que seu desenrolar se deu após a confirmação da vaga por meio da carta-convite, distribuídos em dois cursos: Saúde e Segurança do Trabalho e Diversidade e Inclusão. O portal do voluntário, por sua vez, era a via pela qual o candidato acessava testes, dinâmicas, treinos, e também local onde as etapas presenciais eram confirmadas.

A primeira atividade da Jornada, após a confirmação da inscrição, foi uma dinâmica online, cujo objetivo era fazer uma introdução geral sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Nela, apresentou-se um breve histórico dos Jogos Olímpicos (contando desde a sua origem na Grécia Clássica até os Jogos da era moderna) e os Jogos Paralímpicos (da sua criação até sua integração ao movimento olímpico), as modalidades (42 olímpicas e 24 paralímpicas), os valores<sup>43</sup>, os locais das instalações esportivas (arenas, parques olímpicos e estádios) e não-esportivas (aeroportos, vila olímpica e paralímpica e o centro de uniforme e credenciamento) e os clientes (os Comitês Internacionais e Nacionais, as Delegações dos países, as Federações Internacionais, Imprensa, Broadcast, Parceiros de Marketing, Força de Trabalho, Espectador).

Essa atividade também teve sua versão presencial, e sua descrição será desenvolvida no ponto seguinte. Nessa etapa, a plataforma dispunha de um recurso em três dimensões (3D) para navegar pela cartografia das instalações, analisar os projetos dos estádios e arenas que ainda estavam em fase de construção, além de poder ter a visão ampla de todas as modalidades que seriam disputadas, o design das medalhas e o trajeto da tocha.

Após essa noção geral dos Jogos, a atividade seguinte foi o teste de nivelamento de línguas. Como não tinha fluência em nenhuma língua estrangeira, esse teste serviu para averiguar o meu nível de compreensão e pronúncia. Era um teste que exigia saber ler, escrever e compreender a língua estrangeira escolhida. Meu inglês, francês e italiano eram no nível básico, e o espanhol um pouco mais avançado, mas nada que garantisse uma vaga de voluntário especialista.

Alguns voluntários com quem conversei durante o treinamento presencial, na retirada do uniforme ou até mesmo nas redes sociais, relataram a importância de saber falar uma segunda língua para a designação das funções. Estas funções para pessoas bilíngues (principalmente para aqueles que conseguiam se comunicar em inglês, a língua mais falada no

---

<sup>43</sup> Segundo o COI, os valores Olímpicos são: respeito, excelência e amizade. Enquanto os valores Paralímpicos são: coragem, determinação, inspiração e igualdade.

mundo) eram variadas, iam desde acompanhar as delegações e atletas ao atendimento ao público nas instalações esportivas e não esportivas, como no caso de Maria<sup>44</sup> e de Dorothea.

Conheci Maria na saída do credenciamento, branca, de cabelo escuro, aparentava não ter mais de 35 anos. Fui fazendo companhia a ela até a estação do metrô. Aproveitei esse momento para perguntá-la<sup>45</sup> sobre a sua experiência na jornada, mas sua história será contada mais adiante. O que é interessante neste momento foi um detalhe que ela revelou durante a nossa conversa (e que se encaixa com o que estou argumentando aqui): sua designação para auxiliar a delegação da França por ter um francês fluente. Já Dorothea, a conheci pelo grupo no *Facebook*, ao fazer um questionário com os voluntários. Ela foi uma das primeiras a atender e responder as minhas perguntas. Ela é uma senhora de mais de 60 anos, inglesa, que veio acompanhando a delegação do seu país, por saber falar português, foi ex-atleta e havia participado como voluntária na edição anterior dos Jogos “em casa<sup>46</sup>”, como ela respondeu.

Por se tratar de um movimento internacional, os Jogos atraem para si muitos interessados em aprender, praticar e aperfeiçoar uma segunda língua, e participar do evento, nesse sentido, foi uma oportunidade para fazê-lo sem sair do país. O comitê organizador explorou esse recurso, dando-o caráter de benefício intrínseco à participação em contrapartida à atuação, isto é, a oportunidade de se aperfeiçoar pessoal e profissionalmente como um retorno para fazer parte do grande Time que organiza os Jogos do Rio.

As atividades seguintes, de caráter opcional, foram lançadas no portal após a conclusão da fase presencial do treinamento “meu papel nos Jogos”. Uma dessas atividades foi o treinamento Diversidade e Inclusão. A proposta do comitê organizador era fazer o evento mais diversificado e inclusivo de todas as edições. Todavia, essa estratégia faz parte de uma tendência das corporações para atender o mercado, chamado de diversidade corporativa, cuja visão na área de gestão, segundo Saji (2005), contempla a seguinte estratégia:

A maneira encontrada pelas empresas de promover essa diversidade tem sido a inclusão em seus programas de gestão corporativos, os programas de diversidade. Eles têm, entre os objetivos, cultivar a diversidade como valor humano e estratégico e capacitar a organização a ter uma visão global e integrada da sociedade e, assim, atuar sobre ela. (SAJI, 2005, p. 22)

---

<sup>44</sup> Para preservar a identidade dos colaboradores desta pesquisa, decidi dar nomes fictícios a todos os interlocutores ao qual tive contato presencial ou virtual.

<sup>45</sup> O desenrolar dessa conversa será mais bem descrita no próximo subitem deste capítulo.

<sup>46</sup> Neste ponto, ela se referia aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres, em 2012, que antecedeu a edição do Rio em 2016.

Nesse sentido, a capacitação da força de trabalho voltava-se para uma atuação cuja prática respeitasse a diversidade como pilar de integração. Porém, no ponto de vista econômico, esta ação foi uma estratégia de ampliar e diversificar os clientes dos Jogos. O comitê tinha uma pasta específica para tratar deste assunto (Diversidade e Inclusão<sup>47</sup>). Sua função de gestão da diversidade demandou o diálogo com as minorias e seus representantes, tais como da comunidade LGBTQ+, Negros, as Mulheres e os portadores de deficiência. Essa estratégia visava a diminuição do preconceito e a inclusão social como parte do “legado” deixado pelos Jogos.

Essa atividade foi a última que realizei no portal do voluntário, por conta da afinidade com o tema. Dediquei um tempo a mais para analisar o conteúdo e verificar quais seriam os impactos na prática, isto é, ao ser introduzido na fase do treinamento presencial e até mesmo durante o evento. Entretanto, apesar de ter sido uma meta para os organizadores, poucos dos treinamentos dos quais observei diretamente se utilizaram de políticas afirmativas ou representatividade indenitária em atividades voltadas ao debate sobre diversidade. O tema diversidade estava diretamente vinculado à cultura de outros países. Já o tema da inclusão voltava-se às pessoas portadoras de deficiências. Nesse ponto, a organização tratou de forma muita mais enfática, pois sua intenção era que não tivesse distinções entre os voluntários, clientes, e, principalmente, de atletas olímpicos e paralímpicos.

Alguns dos treinamentos que começavam no portal tinham sua extensão presencial. Essa dinâmica auxiliou a ter uma visão ampla dos objetivos almejados pela organização, e deu muitos elementos a ser problematizados por este trabalho. Sendo assim, apresentarei no ponto a seguir algumas observações feitas durante este período de treinos presenciais.

#### 2.4.2 O meu papel no jogo: observação no centro de treinamento de voluntários olímpicos

No dia dezanove de novembro de 2014, após passar pela primeira parte do treinamento online, utilizei o portal do voluntário para marcar a entrevista presencial, uma vez que esta,

---

<sup>47</sup> Tal estratégia de gestão da diversidade utilizada pelo comitê olímpico foi destaque no Congresso de Diversidade e Inclusão Corporativa (CDIC) promovida pela Agência Brasileira de Recursos Humanos, em 2017. Mais informação: <<https://www.abrhba.org.br/single-post/2016/11/25/Congresso-de-diversidade-e-inclusão-corporativa---CDIC-2017>>. Acesso em: 11 de novembro de 2018. A metodologia e o planejamento utilizado pela organização do evento sobre esse assunto foram debatidos no blog de Next Business Media. Disponível em: <https://nextbm.com.br/gestao-da-diversidade-corporativa-as-liceos-dos-jogos-olimpicos-rio-2016/>>. Acessado em: 11 de novembro de 2018.

além de ser parte obrigatória da seleção dos voluntários, dava continuidade ao primeiro treinamento (entrevista online) feito pela internet.

O local designado para tal atividade foi Centro Seleção (CS) da UNESA, que fazia parceria com COI nesse processo de seleção e capacitação dos voluntários, no campus Presidente Vargas, no centro do Rio. Chegando ao destino escolhido para tarefa (um prédio alto e robusto que ficava de frente para uma das avenidas mais movimentadas do Rio e também para mercado popular da Uruguaiana, o mais famoso da cidade), após perguntar o porteiro o andar onde ocorria o treinamento, tomei o elevador e desembarquei no andar indicado.

Havia na recepção três atendentes. Mulheres uniformizadas com uma camisa estampada com as logomarcas dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, do lado direito, e o da UNESA, no lado esquerdo, e outras nas mangas das quais eram mais difíceis de identificar. Sentadas em frente ao balcão, cada uma com seu computador e com sua função determinada. A primeira recebia os candidatos que chegavam e encaminhava-nos à próxima sala. As outras duas só eram solicitadas depois que, ao chegar à sala indicada pela primeira e receber de outro funcionário (que descobri posteriormente que também era voluntário) um formulário para ser preenchido. Todos ali trabalhando eram voluntários, desde as recepcionistas às pessoas que aplicaram a dinâmica.

Após o preenchimento dos dados pessoais, foi solicitado pelo funcionário da sala o retorno ao começo (a recepção). De volta ao início, as outras duas recepcionistas dividiram as funções em fazer o *check-in*: enquanto uma conferia os dados da pessoa, a outra providenciava um "crachá" improvisado para identificar o participante com um adesivo com seu nome escrito com uma caneta *pilot*. Depois da identificação, os candidatos retornavam à sala para aguardar o começo da entrevista.

Assim que cheguei à sala indicada pela primeira recepcionista (que por coincidência era a sala do curso Ciências Sociais), percebi que havia outros candidatos aguardando – duas mulheres, uma jovem, na faixa dos vinte anos, e uma idosa, com mais ou menos sessenta anos. Como no site definia esse processo como entrevista, pensei que fossem as pessoas que estavam marcadas para antes ou para depois da minha entrevista. A princípio tive a impressão de ser uma entrevista como outras: individual, numa sala simples com uma mesa de reuniões com cadeiras de escritório na qual o candidato era colocado de frente aos avaliadores como que em oposição entre as pessoas e suas posições. Mas não foi bem isso. Desenvolvido no formato de dinâmica de grupo, o treinamento tinha como intuito, segundo os treinadores, o desenvolvimento do espírito de equipe entre os voluntários; por este motivo, o treinamento

era grupal. Ao terminar de fazer o *check-in*, foi-nos anunciado que deveríamos todos os candidatos juntos caminhar até o local de início da atividade.

Fomos direcionados a uma das salas adaptadas para o treinamento. Paramos em frente a uma delas, cuja entrada era coberta por uma cortina preta que se estendia do teto ao piso com uma passagem no meio que dava direto em um corredor. Na sequência, fomos convidados a entrar no “primeiro passo” da dinâmica: um corredor estreito e com pouca iluminação por uma pequena luminária de luz branca com um tipo de decoração que fazia entender que entraríamos num “túnel do tempo”.

Ao fim deste “túnel do tempo”, uma sala com uma decoração a caráter. O piso, o teto e a parede do meu lado direito eram forrados de um tecido preto. A meu lado esquerdo, uma parede contornada por um grande retrato que, à primeira vista, lembrava as arquibancadas de Olímpia nos tempos da Grécia Antiga; no centro, uma grande tela retrátil, de frente a esta arquibancada onde os convidados deveriam se sentar e esperar as próximas coordenadas.

De repente, em uma caixa de som camuflada na escuridão, uma voz grave e alta dá as boas-vindas aos candidatos e, fazendo referência aos Jogos Olímpicos retratados na mitologia grega, narra de forma épica a importância destes Jogos em formato moderno. Como um jogo entre deuses. E os voluntários, servos cuja entrada fora permitida pelo próprio deus dos deuses.

Após essa pequena apresentação, “Zeus” aprova a entrada dos candidatos ao Olimpo e em seguida somos direcionados ao “segundo passo”: uma sala com uma enorme tela retrátil que passava imagens em movimento simulando fogo, como tivesse ido diretamente ao Tártaro, cumprir as tarefas ordenadas pelos deuses para consagração do heroísmo<sup>48</sup>.

De frente a esta tela, havia três fileiras de cadeira. O entorno era forrado pelo mesmo tecido do corredor. O ambiente simulava uma sala de cinema, porém era pequena demais para ser uma. Pediram-nos para nos acomodar nas cadeiras, que a próxima atividade iria começar. Nesta parte, assistimos a um vídeo promocional do evento, com atletas, ex-atletas e técnicos de diferentes modalidades de esporte dizendo a importância dos voluntários para as Olimpíadas e Paralimpíadas.

O mais marcante neste vídeo (que teve a duração de quase vinte minutos) foi que a todo o momento exaltava-se o trabalho voluntário sobre o seguinte lema: "seja o herói de seus

---

<sup>48</sup> Assim como conta os mitos gregos de Hércules e de Psique, que por diferentes motivos foram mandados ao submundo para cumprirem tarefas designadas pelos deuses. Ver: BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.



heróis". Isto é, convencer os candidatos que a sua função seria de extrema importância para o sucesso do evento.

Encerrado o vídeo, o voluntário que nos acompanhava pediu para que nos direcionasse à próxima sala para o "terceiro (e último) passo" da dinâmica. Passamos por um corredor "comum" até a sala ao lado. Era uma sala de aula sem nenhuma mudança decorativa.

Nessa sala, as cadeiras foram organizadas em um grande círculo, fazendo o mesmo formato que o da sala anterior. Uma mesa comprida (a do professor em dias de aula) ficou encostada no canto direito de quem entra, com um notebook sobre ela e três cadeiras próximas posicionadas uma do lado da outra, definindo o lugar dos três instrutores responsáveis pela aplicação da atividade. Fixado no teto, um projetor apontado para o quadro com o programa de slide pronto para uma apresentação. Ficamos de frente a outra tela retrátil com o projetor ligado, o que ficava claro que teríamos novamente outra sessão de vídeo.

Os três voluntários-instrutores (dois rapazes e uma moça) aguardavam-nos para dar início à última fase da dinâmica. Eles deram as boas-vindas, apresentaram-se (como voluntários) e pediram para que fizéssemos o mesmo; depois, explicaram de forma resumida o que seria feito em diante. O primeiro momento foi de apresentação, falarmos nossos nomes (apesar do "crachá" colado no peito) e profissão.

Em seguida, foi passado mais um vídeo de promoção dos Jogos, só que desta vez os protagonistas eram os voluntários que atuaram nos eventos testes. O vídeo mostrava o *making of* das competições, destacando as atuações dos voluntários. Mais que isso: o vídeo mostrava a alegria das pessoas em participar deste evento. Além disso, mostrava como aquele espaço era acolhedor e amistoso, e o "espírito de equipe" era um sentimento criado por essa interação.

Concluído mais esse vídeo, um dos rapazes tomou a frente e apontou para uma das paredes na qual havia um pôster colado com os "heróis" brasileiros dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, sugerindo que escolhêssemos uma daquelas pessoas como fonte de inspiração e justificasse a opção<sup>49</sup>. Lembro-me de ter escolhido Daiane dos Santos e ter justificado pelo fato dela ser mulher, negra, de origem pobre e ter chamado atenção do mundo com suas habilidades de ginasta.

Assim que todos escolheram suas opções, outro voluntário se posicionou à frente da tela que fora passado o vídeo a fim de apresentar, através slides, o que os organizadores

---

<sup>49</sup> As opções eram os nadadores Daniel Dias e Cesar Cielo, o ex-jogador de vôlei Giba, Ádria Santos do atletismo, o ginasta Diego Hypólito e a ex-ginasta Daiane dos Santos.

garantiriam ou não para a atuação dos voluntários. Depois dessa apresentação, a voluntária se pôs à frente dos outros dois e começou a dar coordenadas para última dinâmica. Ela, uma jovem cujo sotaque demonstrava que não era brasileira (possivelmente de um país vizinho), mas que falava bem o português, nos apresentou o "look" do evento: as artes que ilustraram os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, desde os uniformes até a decoração. O desenho do "look" parecia uma nuvem que continha dentro os principais cartões postais da cidade do Rio em diversas tonalidades, fazendo referências às cores da bandeira brasileira.

A dinâmica final e em grupo tinha como base esse "look". Deveríamos, em conjunto, escolher uma das partes desta arte e, a partir dela, criar uma nova. Só que em vez de usar os pontos turísticos da cidade, tínhamos que utilizar os "valores" que os jogos representam: coragem, determinação, amizade, em outros. Depois disso, os três voluntários agradeceram a participação e deram por encerrada a dinâmica. No fim, eles ainda pediram para que preenchêssemos um formulário de pesquisa sobre a qualidade do atendimento dos voluntários que participaram desta seleção: desde a recepção aos que aplicaram a última dinâmica.

Após o preenchimento do formulário, encerrou-se a "entrevista". Entregamos a pesquisa de opinião aos voluntários. Eles agradeceram e avisaram que o próximo passo da jornada dos voluntários era o envio, por parte da organização, de uma carta-convite convocando para a próxima etapa: o treinamento presencial "meu papel nos jogos".

O segundo treinamento (meu papel nos Jogos), aplicado no mesmo prédio que o primeiro, foi organizado em forma de palestra regida por professores voluntários da UNESA. O conteúdo do treinamento remetia-se ao passo a passo da Jornada até o momento da atuação, reforçando todos os procedimentos pertinentes à atuação nos jogos, desde a revisão do termo de compromisso até a postura que seria esperada do voluntário, passando pelas atribuições e competências que cada EVS apresentaria em sua função.

Diferente do primeiro, tanto pelo formato quanto pelo espaço dedicado a esta etapa, o segundo treinamento foi mais amplo. Isto é, o seletivo grupo de participante da primeira etapa deu lugar a um auditório com todos os lugares ocupados por candidatos, assim com a sala com a decoração temática deu lugar a um convencional auditório. Por fim, a dimensão lúdica da primeira etapa deu lugar as instruções e regras dos procedimentos práticos que deveriam ser tomados durante o expediente do voluntário.

O auditório (comum de uma universidade) tinha ampla dimensão, com dois blocos de fileiras separadas por um corredor que levava ao palco. Cada fileira agrupava um conjunto de seis acentos articulados em uma mesma base metálica. Em cada um dos acentos havia um "kit

de treinamento”, isto é, uma bolsa com o material de treinamento: um caderno de treinamento com o conteúdo referente aos Jogos (história olímpica, modalidades esportivas, arenas e estádios, os locais das competições e o “legado” olímpico) e a atuação como voluntário (atendimento ao cliente, credenciamento, protocolo de segurança e o que seria esperado do voluntário), uma caneta personalizada e um bloco de anotações para serem utilizados nessa etapa do treinamento.

A fileira na qual me sentei, à esquerda da porta de entrada e saída, ficava no segundo assento da direita para esquerda. Fiquei acompanhado de mais três participantes, uma senhora à minha direita e dois jovens à minha esquerda (uma mulher e, ao seu lado, um homem). Enquanto ainda preparavam para começar o treinamento, aproveitei o momento para me apresentar como pesquisador às pessoas de minha fileira e perguntei informalmente os motivos que os levaram a se candidatar à vaga de voluntários. A senhora ao meu lado aparentava ter mais de quarenta anos, moradora de Nova Iguaçu (na Baixada Fluminense), vinha em busca de oportunidade de emprego, e o evento seria um bom momento para fazer contatos e entregar currículos, disse ela.

Do outro lado, uma mulher jovem de mais ou menos trinta anos, moradora de Macaé (Norte do estado do Rio), veio em busca de novas redes e aperfeiçoamento da língua estrangeira (inglês), trabalhava como ajudante administrativa e aproveitaria as férias para trabalhar como voluntária e acompanhar os Jogos de perto. Ao lado dela um homem, também aparentando ter mais de trinta, veio de Niterói, era professor de educação física. Ao perguntar sobre o motivo do interesse em participar como voluntário dos Jogos, ele respondeu que vinha para “conhecer gente”. E antes que pudesse perguntar mais sobre essa afirmação, o treinamento começou e a palestrante pedia a atenção de todas para que pudesse explicar as competências, exigências, benefícios, responsabilidades e comprometimento que seriam exigidos do voluntário na atuação.

Ao ter em mente que o trabalho voluntário é um trabalho “não remunerado”, presume-se que exista(m) motivo(s) que faz com que os grupos de voluntários se candidatem e se comprometam a esta função, tais como questões emocionais, ideológicas, simbólicas e também profissionais. Nessa perspectiva, trabalharei sobre dois pontos de referência que indicam haver motivos diferenciados para assumir um trabalho voluntário de megaevento: o fazer parte do evento e benefícios da atuação.

Quando se trata de megaeventos esportivos, o motor da ação, que defendo como argumento, é que tal mobilização se faça preponderantemente por interesses pessoais, ou seja,

em termos sociológicos podemos chamar tal atitude de uma “escolha racional”, que, para Becker (1960), seria a forma comportamental em que o indivíduo se engaja em uma linha de atividade, levando em consideração as trocas paralelas (*side-bets*), tomadas como retribuições, que, no caso dos EVS, podem ser lidos como: valorizar o currículo, aprender ou aperfeiçoar línguas estrangeiras, ver os jogos e os atletas de perto, fazer turismo na cidade, etc.

A resposta do rapaz de querer “conhecer gente” como forma de mobilizar sua participação no evento lançou luz à questão da sociabilidade construída durante toda a jornada voluntária. Para Simmel (2006), a sociabilidade, que ele também chama de “forma lúcida de sociação”<sup>50</sup>, é o resultado da interação entre os indivíduos que buscam satisfazer os seus interesses. Mas tal interesse se mobiliza na relação de interação com o outro, da qual se forma o emaranhado de relações ao qual ele dá o nome de sociedade.

Tais interesses que mobiliza a sociabilidade se dão por diversos motivos, e levando em comparação com os discursos dos interlocutores no treinamento, os motivos podem ser “conhecer gente”, “fazer rede”, “treinar o inglês”, “buscar emprego”, “entregar currículo”, entre outros milhares de motivos que levam as pessoas a se socializarem.

#### 2.4.3 A retirada do uniforme e da credencial

O último passo dessa jornada de treinamentos presenciais foi o meu local olímpico. Este foi um treinamento prático *in loco*, isto é, no local onde o voluntário atuaria. Tal treinamento apresentava a estrutura preparada para o evento e onde seria seu local de trabalho, além de explicar as normas de segurança do trabalho. Mas por motivos externos à pesquisa<sup>51</sup>, não pude participar deste treinamento. A última atividade da Jornada do voluntário em que participei foi a retirada do uniforme e da credencial, na cidade do samba, região central do Rio.

---

<sup>50</sup> Segundo Simmel: “A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros conscientes, inconscientes, casuais, teleológicos, formam a base da sociedade humana”. (SIMMEL, 2006, p. 60)

<sup>51</sup> Em 2016 eu era representante de base no Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (SEPE), que junto às outras categorias do serviço público, mobilizou a maior greve de servidores do Estado durante o segundo mandato do governador Luiz Fernando Pezão (PMDB).

A retirada do uniforme e da credencial ocorreu no Centro de Uniformes e Credenciais (CUC), na Cidade do Samba, na Gamboa (centro da cidade), nas instalações da instituição que administra o carnaval carioca (a LIESA<sup>52</sup>) entre os “barracões<sup>53</sup>” das escolas de samba. A estrutura montada para essa etapa dividiu-se em três partes: a primeira para identificação e recebimento da credencial e do vale-transporte, a segunda para a prova do uniforme, a terceira para a retirada do uniforme.

Decorado com o tema atletismo, o trajeto a ser percorrido foi sinalizado por uma pista de corrida que transpassava todo o local e indicava o caminho que o voluntário deveria percorrer. No fim do percurso (já com o uniforme e as credenciais em mãos), a orientação dada pelos representantes da organização foi a de esperar uma mensagem via correio eletrônico informando a aprovação para oficialmente ser empossado no cargo de voluntário dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Logo na entrada, um segurança<sup>54</sup> de terno e gravata guardava a passagem que dava acesso ao começo da triagem de retirada do uniforme. Sua função era conceder o acesso somente a quem tinha permissão, isto é, para aqueles com o nome na lista dos voluntários que havia feito o agendamento para o dia e horário determinado. Após a permissão, o caminho a ser trilhado era marcado pela pista de atletismo desenhada no chão.

Em cada parte do percurso, havia um ou dois voluntários na recepção para passar as instruções. Na primeira, havia uma dupla de jovens voluntários bilíngues (havia um crachá dizendo as habilidades nas línguas estrangeiras). O primeiro estava de frente à tela de computador, a postos para fazer o reconhecimento do documento de identidade. Já o segundo, após receber confirmação do primeiro, fazia a entrega do vale-transporte, dando as coordenadas de como e quando poderia usá-lo. Ao fim da explicação, o voluntário era designado à próxima etapa.

Após passar pela essa primeira triagem, a seguinte era a busca pela credencial. Fui recepcionado por uma senhora negra por volta de setenta anos, sentada em uma mesa de escritório. Ela aguardava o processamento dos dados de impressão da credencial. Seu nome era Irene. Ela foi a primeira a se queixar da longa jornada de trabalho. Esperava, já fazia um

---

<sup>52</sup> Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro: instituição responsável pela organização do carnaval carioca.

<sup>53</sup> Barracão é o nome, popularmente conhecido, do local onde as Agremiações confeccionam as alegorias, fantasias, adereços, etc., para o Carnaval carioca.

<sup>54</sup> O reforço na segurança desta etapa pode ser entendido como a precaução em relação à credencial, afinal ela garantia o acesso a algumas partes das instalações dos Jogos.

tempo, a troca de turnos. Enquanto ela digitava meus dados, tentei descobrir os motivos da sua reclamação e o que a levou a se voluntariar, mas sem sucesso. Quando me sentei para tentar puxar assunto, em meio a sua reclamação, relacionado a sua experiência naquele momento, ela imprimiu a credencial e me despachou para a próxima fase sem responder nenhuma das minhas perguntas.

Na última parte do percurso da retirada do uniforme, fui direcionado a uma espécie de depósito. Neste local havia mais dois voluntários. O primeiro passava o leitor de código de barras sobre a credencial. Após a leitura, o voluntário caminhava até as imensas estantes de aço e voltava com o conjunto do uniforme: três camisas, uma calça que vira bermuda, três pares de meias, um cinto, um boné, um par de tênis, uma bolsinha tiracolo, um agasalho e uma capa de chuva. Em seguida, passava todo o material para o outro voluntário. Este, por sua vez, conferia o material procurando por defeitos de fabricação enquanto instruía sobre a necessidade de conservação do uniforme, por não se ter uma nova chance de conseguir outro. Após a conferência, todo o uniforme era organizado em uma *ecobag*<sup>55</sup> enorme e entregue junto a uma garrafinha personalizada para as Olimpíadas como brinde. Depois da entrega do material, finalizou-se o percurso, sinalizado pela linha de chegada a porta da saída. Com a bolsa cheia levando o uniforme, o vale-transporte e a credencial, cruzei a linha de chegada rumo à saída.

Na saída do percurso, estava caminhando em direção ao portão de saída. Maria, que também acabara de terminar a triagem da retirada do seu material, perguntou se eu estava indo ao metrô quando terminamos de retirar nosso material. Respondi prontamente que sim, já com a intenção de fazer-lhe perguntas sobre a sua expectativa para os Jogos. Assim o fiz. Ao caminharmos em direção à saída da cidade do samba, a informei que estava ali também para fazer uma pesquisa com os voluntários e se ela não se incomodava em responder algumas perguntas. Ela gentilmente concordou em respondê-las.

No primeiro momento perguntei sobre ela, seu nome, onde morava, profissão. Ela respondeu que seu nome era Maria, que era moradora do Rio mesmo, que era formada em Relações Internacionais, mas que no momento não estava ocupada em nenhuma profissão.

Depois dessa primeira rodada, perguntei mais especificamente sobre sua relação com a Jornada e o porquê de se voluntariar. Ela me respondeu que tentou participar de todas as atividades possíveis, como ser voluntário da cerimônia de abertura e também conduzir a tocha olímpica, porém não conseguiu ser selecionada em nenhuma delas. Entretanto, confessou que

---

<sup>55</sup> *Ecobags* são bolsas ecológicas feitas com material sustentáveis.

havia gostado do local de atuação. Por conta da sua fluência em francês, havia sido destinada a acompanhar a delegação da França. Respondendo a minha questão sobre o porquê de participar como voluntária dos Jogos, Maria responde que amava esporte, que sonhou em ser atleta profissional e fechou seu raciocínio dizendo: “já que eu não participei das Olimpíadas como atleta, então participarei como voluntária”.

Ao chegarmos ao teleférico que cruzada o morro da providência, encontramos dois jovens que também estavam com bolsas parecidas com as nossas. Aproveitei e puxei assunto perguntando se também atuariam nos Jogos. Um dos jovens respondeu que apenas participaria da abertura, pois eles faziam parte de um grupo de *street dance* que havia sido convidado pelo Comitê Olímpico a se apresentar como atração. E antes que pudéssemos aprofundar o assunto (pois Maria também tinha se interessado sobre a história dos meninos e fazia algumas perguntas) eles desceram no ponto que fica no alto do morro. Na descida do teleférico, conversamos sobre nossas descobertas com os jovens dançarinos e também sobre a impressão de ter pela primeira vez viajado no teleférico e ver como era a parte de cima do Morro da Providência.

Chegando ao metrô, nos despedimos. Eu agradei a gentileza de ter participado da pesquisa e desejei sucesso. Ela agradeceu e disse que seria legal se nos encontrássemos como colegas voluntários durante os Jogos. Seguimos em direções opostas do metrô. Ela foi em direção à Zona Sul e eu fui para a plataforma que levava para a Zona Norte.

Chegando à casa, fui rever minhas anotações sobre a conversa com Maria e fiquei pensando no que ela disse sobre seu sonho em participação dos Jogos. Participar do evento foi uma força de mobilização que levou as pessoas a querer fazer parte. Essa ideia de fazer parte, de pertencer ao conjunto (perpassa por diversas vezes no discurso tanto dos voluntários quanto dos organizadores) é uma importante chave para compreender o que foi ser voluntário dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos em seu próprio país, estado ou cidade.

### 3 A CATEGORIZAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS OLÍMPICOS

Neste terceiro capítulo, tratarei dos tipos de voluntários que atuaram durante todo o processo de construção e efetivação dos Jogos na edição do Rio em 2016. Para tal empreitada, tomarei como base o material produzido pelo CO-Rio, além dos relatos dos próprios voluntários, as observações nos CS e nos grupos de *Facebook*, bem como pesquisas e produções acadêmicas sobre a temática. Nessa perspectiva, trabalharei com categorias como Voluntário Recrutador, Voluntário Artístico da Cerimônia e *Event Services* (EVS), buscando ampliar a noção de voluntários de megaeventos, especificando cada função e suas diferenças. Por fim, apresentarei uma personagem controversa surgida durante a coleta de dados que, apesar de não se encaixar estritamente com a característica do trabalho voluntário, aparece como uma nova categoria identificada como “voluntário pago”.

#### 3.1 Voluntários Recrutadores (VR)

Ao longo deste trabalho, falei em muitas oportunidades sobre a importância da UNESA em toda a construção da jornada do voluntário, uma vez que tal instituição foi a responsável pela capacitação da força de trabalho – que inclui os voluntários – que atuou nos Jogos. Durante o relato sobre o treinamento presencial, mencionei a recepção na CS (centro de seleção) e os atores deste momento que participavam desse primeiro processo de seleção da força de trabalho dos Jogos, pois havia me dado conta que eram voluntários. Esses eram Voluntários Recrutadores (VR), os primeiros voluntários. Professores e alunos vinculados à UNESA, selecionados para compor o “Time” que recrutaria e capacitaria os voluntários dos Jogos.

A relação entre esse tipo de voluntariado, como desenvolverei a partir daqui, remete ao primeiro capítulo deste trabalho. Quando distribuído o voluntariado como uma função ligada a determinados tipos de instituições, vimos que o trabalho voluntário ganhou outros significados. Ou seja, o que mobiliza tal função, dependendo de sua vinculação institucional, varia de acordo com o propósito.



O que quero sustentar nessa argumentação é que o VR se destaca dos demais voluntários do evento por conta de sua estreita relação com a UNESA e, nesse sentido, podemos pensá-los como um tipo de voluntário corporativo. Afinal, tais voluntários eram de alguma forma vinculados à instituição, que incentivou, além dos professores que participaram como voluntários, também seus alunos a participarem como voluntários tanto da fase de recrutamento quanto da jornada do voluntário.

Os requisitos dos VRs foram determinados pela área de atuação profissional ou de estudo, que dava prioridade às áreas de recursos humanos, como mostra a reportagem<sup>56</sup>:

Para ser um “recrutador voluntário”, é preciso estar cursando ou ter formação em administração, gestão de pessoas, pedagogia ou psicologia. Os aprovados vão participar de curso de capacitação oferecido pelo Rio 2016 e vão atuar por um período de quatro meses, a partir de fevereiro de 2015, nos Centros de Recrutamento de Voluntários, localizados em cinco capitais — Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Salvador e Belo Horizonte — e em cidades de Pernambuco, Pará, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. No total, serão 1.000 selecionadores voluntários. (O Globo, 20 de maio de 2014)

O processo de seleção para esse tipo de voluntário foi coordenado por empresas dos setores de recursos humanos junto à UNESA. Foram desenvolvidas nos Centros de Treinamentos (CT) atividades que simulavam ambientes que seriam reproduzidos na jornada de treinamentos, com intuito de condicionar a equipe de VR a suportar a imensa demanda de candidatos. Tal atividade derivou no livro de Solange Pose (2017), coordenadora do treinamento, no qual ela destaca através do relato de suas experiências, além da perspectiva do grupo da UNESA sobre a participação nos Jogos, o processo seletivo dos professores da instituição que treinariam a força de trabalho do evento. Em outras palavras, o livro narra o recrutamento dos VRs, dando ênfase aos professores da instituição que compuseram o grupo que capacitou os funcionários e os EVS das Olimpíadas e Paralimpíadas.

A atuação desses voluntários eu observei enquanto percorria a Jornada de Treinamento dos Jogos (como descrevi no segundo capítulo). Lembro-me de quando estava participando na fase da entrevista e não havia percebido (como já mencionei) que as pessoas que organizaram todo o passo a passo (da recepção no *check-in* aos guias e instrutores das atividades) eram voluntárias, porque poucos deles se identificaram desta maneira. Apenas os que conduziam as atividades, no início de cada tarefa, se apresentavam como tal, enquanto os demais participantes não se apresentavam. Desse modo, a divisão de função entre o VR que dava suporte à atividade e VR “professor” que conduzia as dinâmicas trouxe a sensação de que

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/emprego/rio-2016-inscricoes-abertas-para-recrutador-voluntario-12544587>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

eram de setores diferentes, apesar de terem o mesmo uniforme: uma camisa polo azul-marinho com o logo dos Jogos estampava o lado direito do peito e na manga esquerda uma logo da UNESA e uma calça comprida. Essa foi a minha primeira impressão, que apesar de incerta, trouxe a reflexão para as pessoas que atuavam naquele momento.

No segundo treinamento presencial, ao dar início ao curso, a regente da atividade ao se apresentar chamou atenção para fato de ser professora da instituição e participar como voluntária. E mais que isso: que ela também participaria dos Jogos, assim como aqueles que estavam no treinamento, e por isso deveríamos enxergá-la não como professora, mas como “uma colega voluntária”.

A partir deste dado, percebi que a participação da UNESA estava além da parceria comercial (que se via estampada em todas as partes do CS) que renderia frutos, tanto para ela quanto para o COI, por conta da visibilidade do evento e por ser a primeira instituição de ensino a participar dos Jogos, mas que a instituição também participava da Jornada cedendo voluntários; depois, ainda descobri (após pesquisar o assunto) que esse processo faz parte do programa de responsabilidade social corporativa que incentiva a participação voluntária de alunos e professores da instituição.

A atuação dos VRs durante os treinamentos foi o gatilho para pensar a importância de compreender que o processo da participação voluntária era muito mais diversificado do que eu havia imaginado, e que ao longo de todo o evento, diferentes tipos de voluntários se apresentaram como grandes atores deste processo que começou antes mesmo da jornada e terminou na cerimônia de encerramento junto aos Jogos do Rio, sendo o VR o primeiro tipo de voluntário a entrar em cena.

### **3.2 Voluntários artísticos da cerimônia**

Outro tipo de voluntário do evento que aparece foi o voluntário artístico da cerimônia (VAC). Esta categoria representa os participantes que atuaram nos espetáculos de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio. Este voluntário específico se distingue dos VRs e EVS, pois, além da função desempenhada, seu processo de recrutamento e treinamento se deu de maneira diferente, uma vez que sua seleção foi realizada por meio de audições e seu treinamento era, na verdade, ensaios, assim como sua participação se

delimitava à apresentação em uma ou mais *performances* no espetáculo, seja ela na abertura e/ou no encerramento dos Jogos.

A distribuição das atividades de preparação artística deste tipo de voluntários, assim como suas datas, pode ser vista na tabela abaixo. Ela sintetiza o processo que o VAC percorreu até sua apresentação nas cerimônias:

Tabela 1– Cronograma de atividades da cerimônia de abertura e encerramento dos jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016

<b>Voluntário Artístico da Cerimônia</b>			
Inscrições	Audições	Ensaaios	Apresentação (Cerimônias <sup>57</sup> )
Julho a Setembro de 2015	Novembro de 2015 a Fevereiro de 2016	Abril a Agosto de 2016	05 e 21 de Agosto de 2016 (Olimpíadas) 07 e 18 de Setembro de 2016 (Paralimpíadas)

Fonte: Elaboração própria.

O recrutamento dos VACs foi um evento paralelo às Jornadas do Voluntário, já que o início de sua seleção começou em 2015, enquanto as inscrições para EVS iniciaram em 2014. Já o processo de composição e preparação do elenco que atuaria no espetáculo durou um pouco mais de um ano, foi de julho de 2015 a agosto de 2016. Não era necessário ter habilidades de dança para poder participar do evento, mas os que já tinham eram destinados às partes específicas da coreografia. Sendo assim, as cerimônias contaram com uma diversidade de voluntários nas apresentações, desde cadeirantes a bailarinos profissionais, de jovens a grupo da terceira idade. Segundo os organizadores, tais eventos contaram com a participação de mais de 10 mil voluntários, entre brasileiros e estrangeiros.

Para expor como se deu o processo de escolha, formação e atuação deste tipo específico de voluntário e fortalecer sua posição entre os tipos de voluntários que os Jogos do Rio demandaram, trarei ao centro do debate a experiência de Teresa, como o ponto de vista de quem esteve dentro do processo como voluntária artística da cerimônia, para apresentar como foi fazer parte do show de abertura da Paralimpíadas.

<sup>57</sup> Cerimônias neste ponto referem-se à abertura e ao encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

### 3.2.1 A experiência de Teresa: uma voluntária artística da cerimônia

Durante o processo de elaboração da pesquisa com os voluntários dos Jogos de 2016, conheci Teresa por intermédio de minha orientadora, que sempre me incentivou a entrevistá-la e perguntar sobre sua experiência nos Jogos. Teresa, uma simpática professora de educação física que gentilmente compartilhou sua história como voluntária e colaborou com minha pesquisa, aceitou responder minhas perguntas sobre toda a sua jornada, que culminou em sua apresentação na cerimônia de encerramento das Paralimpíadas em 2016.

Teresa foi a responsável por abrir meus olhos para um tipo de voluntário que de início acreditava ser opcional e vinculado aos Serviços do Evento, ou seja, para aqueles que participaram dos Jogos como EVS e tiveram como opção participar da cerimônia. Mas não era esse o caso. A seleção dos Voluntários Artísticos da Cerimônia (VAC) foi separada da Jornada dos Voluntários. Isso não quer dizer que quem participou de uma não poderia participar de outra, ao contrário, o comitê organizador incentivou que aqueles inscritos na jornada também participassem da audição para a cerimônia. O que se exigia era a disposição de participar de ambos os processos seletivos, que não eram a mesma coisa, como eu pensava antes.

Além disso, Teresa ajudou também, ao relatar sua experiência como VAC, a compreender como foi o processo de preparação desse tipo de voluntário, desde a inscrição à apresentação no palco. Sua história contribui para esclarecer a diferença do processo ao qual os outros tipos de voluntários dos Jogos tiveram que passar. Por isso, a conversa que tive com ela é um ponto-chave para a construção deste item, pois dessa maneira entenderemos melhor a distinção entre as jornadas feitas pelos diferentes tipos de voluntários.

O começo desta empreiteira se deu da seguinte maneira: entrei em contato pela primeira vez com Teresa por telefone, não queria ser intrusivo mandando uma mensagem por redes sociais, tampouco ser tão formal enviando um e-mail, por isso resolvi ligar. Quando ela atendeu, me apresentei e disse que gostaria de marcar uma entrevista. Ela, que já esperava o contato, concordou em participar e informou os dias e os horários que tinha disponíveis. Marcamos a entrevista em sua casa.

No dia marcado, fui à casa de Teresa. Anunciei-me na portaria de seu prédio, tomei o elevador e fui até a sua porta. Ao entrar em seu apartamento, vi que ela assistia a uma partida de futebol, da Copa do Mundo, jogavam Inglaterra e Tunísia. Ela perguntou se gostaria que

desligasse a tevê e respondi que não precisava. Vez ou outra, Teresa dava uma espiada para ver como andava a partida, principalmente quando saía um gol de alguma das seleções. Esse detalhe mostrava-me o interesse de Teresa pelo esporte, pois naquele momento não sabia sua ligação profissional ou até mesmo o quanto megaeventos esportivos a atraíam.

Sentamos numa mesa um pouco afastada da tevê, mas em que ainda pudesse ser ouvida a narração da partida<sup>58</sup>. Ao começarmos nossa conversa, Teresa mostrou de imediato sua credencial, a certificação de ter participado de tal evento. Eu disse que tinha uma parecida, mas que não havia atuado como voluntário, só participado do treinamento. Aproveitei esse momento para perguntar como soube da seleção de voluntários. Disse ela:

Eu tenho um grupo de faculdade com 36-37 anos de formado da UFRJ. E nós temos esse grupo mesmo, a gente se encontra sempre. Todo mundo é de educação física. E a gente tá sempre junto. Então no grupo (de *Whatsapp*) foi colocado isso... voluntariado para Olimpíada. Como a Olimpíada foi uma coisa que a gente sempre estudou e sempre teve tão distante da gente, no momento que ela é aqui no Brasil, aquilo ficou muito perto para gente. Queríamos muito participar de alguma maneira. Só que com a idade essas coisas a gente tava achando que não ia conseguir nada.

Teresa expôs que, por ser da área de educação física, sempre estudou sobre as Olimpíadas, mas parecia distante. Porém com este evento sediado em sua cidade, não só ela, mas seu grupo de amigos ao qual cativou por mais de trinta anos, desde os tempos de graduação, sentiu vontade de participar de tal acontecimento. O estreitamento entre o objeto de estudo, que antes parecia distante, a possibilidade de acesso, unidos à informação do processo para voluntários da cerimônia mobilizou o grupo, que convenceu Teresa de participar.

Contou-me Teresa, quando falávamos de voluntariado, que sempre nutriu a vontade de participar como voluntária em algum projeto, mas nunca o fizera antes do evento. Ela confessou que até mesmo das Olimpíadas ficou resistente, pois, numa primeira impressão, não soava bem participar de um evento que iria contra seus ideais políticos, por ser contrária ao andamento do sistema político. Mas, no fim, decidiu arriscar “como experiência”.

Primeiro trabalho voluntário, que eu nunca tinha feito. Eu sempre quis. Tentei fazer no Inca numa época que minha mãe tava internada. Mas no Inca não dá. Não tenho emocional pra isso porque é assim, você pode cair em qualquer lugar e o setor de criança... tô fora. Não consigo. E aí eu sempre busquei alguma coisa, um tipo de trabalho assim, voluntariado. Ah! Um dia aparece. Não era uma procura. E aí quando veio esse na época a gente estava muito resistente pra Olimpíadas, politicamente. Mas aí eu falei: eu vou, mas como experiência. Fui com um grupo da faculdade. Era um encontro, um momento da gente tá juntos, e foi bacana.

---

<sup>58</sup> A narração acompanha toda a conversa, ao ponto que ao escutar a gravação da entrevista ouvia-se paralelamente o andamento da partida.

O que de começo era uma resistência política, por conta das repercussões negativas do advento dos Jogos, transformou-se em um desafio cujo objetivo era adquirir experiência. Ao quebrar a resistência inicial e tomar a experiência como um projeto, as consequências dessas ações derivaram em uma recompensa pessoal proporcionada pela participação no espetáculo, como também construiu uma outra forma de enxergar eventos da proporção como os Jogos.

Ainda bem que eu quebrei a resistência. Ainda bem! Porque eu pude ver e participar e sentir uma coisa que, por mais que a gente esteja chateado com a política e a forma de governo como um todo, a gente não pode abrir mão dessas experiências, porque isso eleva a gente culturalmente, coletivamente, e emocionalmente também. Em todos os campos.

Esse ímpeto de saber como seria participar de um evento ao qual se estudava desde o tempo de faculdade, unido ao impulso dado pelos amigos cativados, também desta época, ajudou Teresa a se inscrever e ingressar nessa jornada rumo à cerimônia. E sua história nesse processo de preparação e atuação no show ajudará a compreender como foi a experiência de um VAC como um dos tipos de voluntários dos Jogos do Rio.

Como a experiência é o ponto alto desta parte do capítulo, deter-me-ei a registrar os momentos em que a memória de Teresa reconstrói o passo a passo de sua trajetória nos preparativos para o espetáculo, partindo de pontos em comum com a jornada do voluntário (salvo suas diferenças que serão percebidas ao longo deste relatório): inscrição, seleção/audição, treino/ensaio e atuação.

Em busca de saber como foi o processo de inscrição, como este se desenvolveu – já que vimos no capítulo dois que este processo seria pelo portal do voluntário, como indicava o e-mail enviado aos candidatos a EVS no período de treinamento –, a questão era saber como seria feita a inscrição para os VACs. Ela respondeu:

Fizemos a inscrição pela internet, aí começou todo mundo a fazer na mesma hora e já tentar marcar todo mundo no mesmo horário. Tinha a escolha de eventos... um era eventos que era para participar da cerimônia e o outro participar como força de trabalho, que eu não me lembro do nome específico. Um era o evento e outro era outra coisa. Aí nós escolhemos o evento mesmo. Que a gente queria participar do show de abertura.

A plataforma de inscrição utilizada pelos EVS foi o meio pelo qual os VACs se inscreveram, entretanto, como disse Teresa à época em que fez a sua, era possível escolher a opção da qual gostaria de participar, sendo que, no ponto de vista dos organizadores, o ideal seria participar de ambas as funções, por isso incentivaram os EVS já inscritos e no processo de treinamento, convidando-os (por e-mail) a também participarem de mais essa atividade.

Com a inscrição feita, o próximo passo do grupo de Teresa foi participar do processo de audição, que selecionaria não só os grupos que participaram da cerimônia, mas em qual

delas se participaria, de abertura ou encerramento, das Olimpíadas ou das Paralimpíadas. O processo de audição do evento de cerimônias ocorreu em diferentes pontos do Rio, como Madureira, São Cristóvão, Mangueira, Laranjeiras, sendo este último o local no qual Teresa e sua turma participou da seletiva.

E aí nós fomos à seletiva: vamos para o show! (...) E nós fomos até aqui no Instituto (Nacional de Educação) dos Surdos, aqui perto. Foi lá a seletiva. Nós marcamos para o mesmo dia a seletiva e aí fomos. Nos encontramos. Como se fosse com um... a gente faz encontros. Então teve um encontro. Nós fomos para lá. Depois continuamos. Teve uma amiga minha que passou mal. Eu falei: ih! não vamos conseguir nada. Difícil né? Vê os passos do coreógrafo é difícil, né? Mas aí nós tentamos e fizemos e fomos chamados. Aí fomos convocados para as Paralimpíadas.

No ginásio do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), reuniu-se cerca de dois mil voluntários para a audição. Tal seleção não estabelecia critério definido para a escolha, o único requisito era que o candidato fosse maior de 16 anos. O que se analisava nessa parte da triagem era o desempenho e animação dos candidatos. Teresa revelou o receio que teve durante este processo por conta do grau de dificuldade de conseguir acompanhar a coreografia durante as audições. Sua impressão foi de que a idade seria uma barreira que impediria de fazer parte do elenco, não só ela como seus companheiros. Mas, no fim, todos conseguiram classificação para a próxima fase.

O passo seguinte à conclusão da audição e confirmação do resultado, que indicava a qual das cerimônias os candidatos haviam sido direcionados (afinal, eram quatro tipos diferentes de espetáculos: a abertura e encerramento das Olimpíadas e das Paralimpíadas), foi a parte do Ensaio.

Os ensaios foram realizados em um campo próximo à estação de trem e do metrô do Maracanã, um espaço que pudesse juntar os grupos e ter um vislumbre do que seria executado. Com a carga horária prevista, segundo os organizadores, para 500 horas de ensaio, esse passo foi progressivamente se estabelecendo dentro de um calendário até chegar a treinos diários, mas à medida que aumenta os treinos, por conta da aproximação do evento, aumenta, consequentemente, a expectativa de Teresa e sua vontade de participar.

Aí a parte dos treinamentos não foi lá (no INES). Porque foi montado ali perto UERJ, do outro lado do Maracanã até ali onde minha filha estudou, tinha um campo do exército. Fizeram do outro lado da linha do trem, perto da Mangueira. Deixaram um campo aberto imenso e os treinos começaram ali. Isso no final de junho. Aí era assim: duas vezes na semana, depois começou a três, depois quatro, depois todo dia, inclusive sábado e domingo. Foi uma coisa bem desgastante, mas você tava ali no meio. A coisa vai aumentando, vai crescendo a vontade de participar.

Os ensaios duraram quatro meses (ver Tabela 1) e foram divididos entre a abertura e o encerramento tanto Olímpico quanto Paralímpico. Cada cerimônia tinha uma comissão

artística que era responsável por diferentes grupos de VACs. Essas comissões contavam com grandes nomes do cenário artístico nacional e internacional<sup>59</sup>, assim com coreógrafos de diversas nacionalidades com experiência em outras cerimônias olímpicas.

A responsabilidade era entregar uma cerimônia tão grandiosa quanto as outras, mostrando toda a diversidade do país (tanto da natureza quanto de sua cultura), misturando tudo isso com as referências marcantes da cidade do Rio, afinal, os Jogos aconteceriam na cidade do carnaval. Isso ficou mais nítido ao ser a cerimônia de encerramento um projeto da carnavalesca Rosa Magalhães.

Outra parte importante nesse processo era a roupa que seria usada, já sabendo que o figurino seria indispensável à atuação. Mas, como disse anteriormente, ao narrar a parte da retirada do uniforme: além de Maria, conversei com dois jovens integrantes de um coletivo de dança que participariam da cerimônia, mas o detalhe que quero chamar atenção é que esse encontro ocorreu durante a retirada do uniforme. Com isso em mente, perguntei a Teresa se eles (os VACs) chegaram a ter uniformes específicos, e ela respondeu:

A gente recebeu o uniforme e depois recebemos o uniforme da apresentação. Teve dois tipos. Esse então (da cerimônia) era super secreto, não podia ver, não podia tirar foto. Um dia antes você vai lá e vai tirar a medida. Chega cedo e fica o dia inteiro, você tem que ter muito tempo para isso.

Os preparativos para o espetáculo eram cercados de segredos. Em alguns momentos, Teresa dizia que os diferentes grupos não podiam ver o ensaio uns dos outros. Apenas no ensaio geral, quando todos os grupos se reuniram para montar a coreografia completa, que se teve o vislumbre de como seria a apresentação. Esse segredo não foi diferente com a questão do figurino. Tudo faz parte da tradição olímpica de manter o mistério até a hora da apresentação, porque gera mais expectativa, e, conseqüentemente, mais expectativa gera mais espectadores<sup>60</sup>.

Todos esses momentos que antecederam a apresentação, do aperto no calendário e extensão da carga de ensaio até a correria no processo de confecção das fantasias, apesar de cansativo, geraram também expectativa naqueles que fariam parte do evento, inclusive

---

<sup>59</sup> Alguns dos nomes da comissão responsável pela cerimônia dos Jogos são os cineastas Fernando Meirelles, Andrucha Waddington e Daniela Thomas, o artista plástico Vik Munz, a bailarina Deborah Colker e a carnavalesca Rosa Magalhães.

<sup>60</sup> Segundo o G1, com base no IBOPE, a cerimônia olímpica do Rio em 2016 foi o evento mais assistido do país e, segundo o COI, foi a cerimônia de abertura com mais audiência da história dos Jogos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/08/cerimonia-de-abertura-foi-evento-mais-visto-da-olimpiada-na-tv-diz-ibope.html>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.



Teresa. Esta expectativa, por sua vez, junto ao desejo de fazer parte da festa, mobilizou os voluntários a querer estar no centro do palco, isto é, no centro das atenções do mundo.

Após todos os passos ensaiados e as roupas medidas e confeccionadas, chegou o momento da entrada em cena. Perguntei a Teresa sobre a sua experiência nesse momento, pois o palco de atuação foi montado sobre o gramado do estádio do Maracanã, lugar que marca a memória de muitos cariocas, inclusive a dela:

Nossa... Maracanã para mim... eu tenho uma história. Uma memória afetiva muito grande do Maracanã, vou desde criança a jogos. Então eu gosto do Maracanã. Ia à chegada do Papai Noel, meu pai me levava. Então eu tenho uma história com o Maracanã que eu adoro o Maracanã. Eu gosto de estádio, mas o Maracanã para mim é o lugar que eu cresci frequentando. Então gosto muito. Então tá ali no meio dele... assim na entrada. Quando você entra e vê aquele estádio cheio, nossa! Aquilo para mim foi uma emoção impressionante. É indescritível!

Ao expor seu afeto pelo Maracanã, Teresa mostra como suas lembranças vividas desde a infância têm relação estreita com o estádio como um “lugar da memória” (POLLACK, 1992). Alguns acontecimentos do seu passado se unem à memória recente de sua participação na cerimônia dos Jogos e ajuda a transformar a experiência em algo marcado nas lembranças, o que transformou-se em uma bela experiência que uniu a memória dos tempos de infância, os de faculdade e a “emoção indescritível” de estar no centro dos olhares de todo o mundo.

Essa sensação que Teresa teve enquanto parte do “show”, desde seus preparativos, somado à vontade trabalhar voluntariamente, despertou o desejo de ter continuado como voluntária do evento. Mesmo sabendo do desgaste de manter as duas funções, o fazer parte mobilizou a vontade de Teresa em querer continuar no evento. E não só isso: cativou o desejo de atuar novamente nesta função de voluntária, seja em outras atividades, mas principalmente em outros megaeventos esportivos<sup>61</sup>.

Essa ideia se concretiza no momento quando Teresa revelou, no decorrer de nossa conversa, um único arrependimento: não ter participado mais do evento. Isto é, não ter participado também do grupo do EVS:

Depois eu me arrependi de não me inscrito para a força de trabalho. Todos nós nos arrependemos de não ter feito os dois. Mas a gente tava achando que não iria aguentar nem o um, mas depois aquilo vai dando um gás ter que ir para o nosso, queria o outro também. Que a olimpíada foi muito bacana aqui para gente. Eu achei né? Foi um momento bom pro Rio de Janeiro.

Eu queria ter participado mais. Tinham pessoas no meu grupo (de *Whatsapp*) que estavam nos dois. Ficavam mortos, mas felizes. “Nossa, tô participando”. “Nossa, tá cansativo”. Mas às vezes no dia eles nem trabalham tanto assim. Mas estavam bem.

---

<sup>61</sup> No quarto capítulo desta dissertação, apresentarei o mapeamento das redes de voluntários criadas a partir da experiência dos Jogos do Rio, que se uniram na questão de participar de outros megaeventos esportivos.

A contagiante vontade em participar como voluntário dos Jogos (e outros megaeventos esportivos) é uma questão a se pensar, pois ela aparecerá em diferentes momentos deste capítulo, inclusive no relato de Teresa, no qual tanto ela quanto seus amigos desejaram esticar suas participações até os Jogos em si. Todavia, não posso deixar de salientar que o fenômeno dos voluntários de megaeventos esportivos destaca-se por essa atração em seu centro – de carisma, como menciona Geertz (2008), ou seja, não só Teresa, mas todos os voluntários com quem tive a oportunidade de conversar comentaram de alguma maneira a importância de participar dos Jogos, e como esse processo nutriu a vontade de querer participar cada vez mais. Por isso, vou dedicar o quarto capítulo desta dissertação a este fenômeno de continuidade do voluntariado de megaeventos esportivos. Mas, aqui, me deterei a analisar as informações dadas por Teresa, que ajudaram a construir essa tipificação do voluntário artístico da cerimônia.

A experiência tida por Teresa durante a cerimônia é o espelho que reflete a atuação de outros tantos que compartilharam o momento histórico de ter participado dos primeiros Jogos no Brasil. Essa experiência traduzida em forma de relato auxiliou a compreender o trajeto percorrido por esse tipo de voluntário, além de tornar visíveis as adversidades que aparecem no caminho de Teresa, até esta se consolidar como um VAC da cerimônia. O interessante, neste momento, é pensar as formas que a memória particular, como chama atenção Pollack, organiza as lembranças ao mesmo tempo em que constrói uma identidade, ou melhor, uma identidade social. Isto é, uma forma de se reconhecer e se apresentar ao outro e a si próprio (POLLACK, 1992, p. 204). Em outras palavras, reconhecemos aqui o papel de Teresa como voluntária dos Jogos na medida em que ela se reconheceu como tal. E reconhecer-se como uma voluntária da cerimônia é fruto da experiência fixada nas memórias desta senhora de todo o processo que vivera com seu grupo de amigos da faculdade e da relação com outros atores dispostos no decorrer da participação no espetáculo olímpico.

### **3.3. #somostodosEVS**

O protagonista desta série de descrições dos tipos de voluntários que foram mobilizados para os Jogos sem dúvida são os EVS (*Event Services*), tanto por ter todo um cenário de preparo para sua atuação (chamado aqui como a Jornada do herói-voluntário), quanto por ser a maioria dos voluntários utilizados nos Jogos e mobilizar um esforço dos

organizadores em recrutar o contingente necessário para o tamanho do evento sem causar maiores prejuízos (para o andamento dos Jogos e para os cofres da COI). Com 50 mil participantes (segundo os dados oficiais<sup>62</sup>), os EVS foram a principal mão de obra voluntária dos Jogos.

Referir-se aos voluntários pela sigla EVS foi uma recomendação dos treinadores e dos organizadores como forma de construção de identidade de grupo, e deveria ser utilizada durante o evento. Seu significado representa a sigla em inglês para Serviço do Evento, ou seja, EVS é a abreviação da sua função, porém também é o signo de identidade do conjunto dos voluntários dos Jogos.

Esses voluntários compõem, junto aos funcionários e ao terceirizados, a força de trabalho responsável por dar suporte ao evento. Grosso modo, eles podem ser entendidos como os voluntários que participaram de toda a jornada de treinamento e atuaram efetivamente nos Jogos em diversas funções (de ajudar o público dando informações a prestar serviços médicos a atletas). São considerados, ao longo de diversas edições, um dos pilares do Time que organiza o megaevento. É o conjunto que agregou o mais diversificado grupo para a organização dos Jogos, com pessoas de todas as idades, culturas, nacionalidades, etc.

A utilização dos EVS nos Jogos já faz parte do Movimento Olímpico desde os anos 1990. Mas, nessa edição de 2016, também fizeram parte do “legado” social proposto pelo CO-Rio, que buscou incentivar o voluntariado como ação social, não só na cidade como em todo país. Em outras palavras: uma das propostas lançadas como destaque no momento da candidatura do Rio de Janeiro a cidade-sede dos Jogos Olímpicos de Verão em 2016, o “legado” social, entre outras pertinências, tinha como intuito desenvolver a ação voluntária não só na cidade como no país. A expectativa do Comitê foi tornar o voluntariado uma característica mais forte na cultura brasileira.

Outra frente do legado humano é o incentivo ao voluntariado, por meio do Programa de Voluntários Rio 2016. Milhares de pessoas já foram selecionadas e receberão treinamento específico para atuar nos Jogos. Tudo isso contribui para fazer dos

---

<sup>62</sup> Segundo o site do Globo Esporte: de acordo com os dados divulgados pelo Comitê Rio 2016, os voluntários selecionados para ocupar as 50 mil vagas eram 82% brasileiros e 18% estrangeiros. No recorte por estado, 46% dos selecionados moram no Rio de Janeiro, 21% em São Paulo, 6% em Minas Gerais, 4% no Distrito Federal, 3% no Rio Grande do Sul e o restante é oriundo de outros estados. Quanto aos voluntários estrangeiros, a maior parte é dos Estados Unidos, Reino Unido, Rússia e China.

A maioria dos voluntários brasileiros eram mulheres, 55%. Os jovens até 25 anos representam 40%, enquanto outros 40% tem até 45 anos. Quanto a uma análise do perfil econômico dos escolhidos, trabalhadores formais representam 40% dos candidatos brasileiros aprovados. Ver:

<<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/11/rio-2016-divulga-lista-dos-primeiros-50-mil-voluntarios-selecionados.html>>. Acesso em: 08 de novembro de 2018.

Jogos um importante catalizador de mudanças comportamentais e incentivar ações voltadas para o desenvolvimento social por meio do esporte, trazendo benefícios e transformações que vão muito além de 2016. (Comitê Olímpico Rio, Caderno de Treinamento, p. 41).

Tal proposta de incentivo deriva da percepção de que o trabalho voluntário no Brasil, comparado a outros países, não seja tão desenvolvido. Segundo Piacentini (2017), o índice de trabalho voluntário no Brasil ainda é discreto em comparação com outros países, tendo o nível abaixo da média mundial<sup>63</sup>. Essa impressão pode ser reflexo do longo processo de invisibilidade do trabalho de organizações sociais, principalmente a de cunho religioso, que atuavam no país, uma vez que apenas do decorrer da década de 1980 tais organizações foram socialmente reconhecidas (LANDIM, 1993, p. 16; LANDIM, 2002, p. 216).

Portanto, na teoria, o incentivo ao voluntariado, na perspectiva geral da organização, seria o sinônimo de mudança social e comportamental em longo prazo para o país. Na prática, a expectativa foi conseguir compor o quantitativo esperado de mão de obra voluntária que seria utilizada como serviço do evento. Dito de outra forma, a finalidade do Programa de Voluntários era dar continuidade ao costume que fazia parte do evento, tanto que a princípio a expectativa dos organizadores eram conseguir o mesmo número de voluntário da edição anterior<sup>64</sup> dos Jogos (70 mil), mas no decorrer da Jornada esse número abaixou para 50 mil (segundo os dados oficiais).

A causa do incentivo para voluntariado proposta pela organização era conseguir bater a meta de voluntários cuja função principal era atender aos clientes dos Jogos e ser o suporte para o andamento do evento. A consequência desta ação, vista como “legado olímpico”, foi jogar o holofote para esse tipo de atuação em busca de uma mudança de perspectiva acerca desse tipo de trabalho. Isto é, a construção de um “espírito voluntário”, que em certa medida difundiu o interesse por atuar em megaeventos esportivos, corroborando a categoria de voluntário de megaeventos (que será debatida nesta dissertação a partir dos grupos de *Facebook* criados após o encerramento dos Jogos).

O empenho da organização de consolidar o grupo de voluntários se traduziu na ideia do fazer parte do “Time”, construída no processo de treinamento. Essa metáfora esportiva

---

<sup>63</sup>Segundo Piacentini (2017): “uma pesquisa do Instituto Datafolha, realizada em dezembro de 2014, encomendada pela Fundação Itaú Social, mostrou que somente 28% das pessoas já participaram de algum tipo de trabalho voluntário e que 11% continuam atuando neste tipo de iniciativa. ‘O percentual brasileiro está abaixo da média mundial que é de 37%. China e Canadá, por exemplo, possuem, respectivamente, 55% e 50% da população envolvida em atividades voluntárias’, conta Lourdes Karoline Almeida Silva, pesquisadora em Políticas Públicas e professora da Universidade Estadual do Piauí (UFPI)” (PIACENTINI, 2017, p. 2).

<sup>64</sup> Na edição de Londres em 2012, o número de voluntários atingiu a faixa de 70 mil e foram distribuídos em 50 mil nas Olimpíadas e 20 mil nas Paralimpíadas.

enxergava a equipe de trabalho como um Time, na mesma medida em que também cobrava dos EVS (como parte deste Time) que “vestissem a camisa”, que pode ser interpretado como se comprometer com o trabalho e se responsabilizar pelo sucesso dos Jogos.

Em pouco tempo, o sonho dos Jogos vai se tornar realidade e o Brasil estará no centro das atenções do mundo, mobilizando o planeta em torno do esporte. Participar da organização e realização dos jogos é um enorme privilégio. Você faz parte do Time Rio 2016 e oferece sua contribuição para a entrega dos primeiros Jogos na América do Sul. Vestir o uniforme deste time e entrar em campo é uma responsabilidade e, para cumpri-la, é importante que você esteja bem informado sobre o evento do qual faz parte, conheça bem o seu papel na organização e compreenda o que é esperado de cada integrante do Time Rio 2016. (*E-mail* enviado pelo CO-Rio)

Fazer parte do “time” é, segundo o CO-Rio, um privilégio. Numa visão boudieusiana<sup>65</sup>, tal privilégio seria um símbolo de status (e logo de distinção) na medida em que haveria certa agregação de capital tanto cultural – experiência num megaevento internacional e o intercâmbio com outras culturas – quanto social – “conhecer pessoas”, ter contato com atletas internacionais e ser reconhecido como parte do evento. Mas a lógica por trás do discurso foi conseguir o comprometimento por parte dos EVS e a sensação de pertencimento. O vestir o uniforme é a efetiva ação de se comprometer e, ao se comprometer, como retribuição, seu nome fica registrado na história olímpica.

A metáfora do Time como forma de separação por status de capital simbólico também serve para pensar a composição e distribuição dos EVS no campo de atuação a partir de dois pontos: 1) a posição de cada membro do time entre EVS Generalistas e EVS Especialistas e 2) o uniforme utilizado pelos EVS durante os Jogos. Ambos os pontos ajudam a compreender a distinção entre as posições que esse tipo de voluntários ocupava por meio de seus atributos que poderiam ser aproveitados pelo evento, que se traduziam pelas cores em que cada voluntário simbolizava ao “vestir o uniforme”.

### 3.3.1 EVS Generalistas

Os EVS generalistas foram o conjunto de serviço do evento cuja função não necessitava diretamente de atributos ou conhecimento profissionais específicos para atuação. Eles formavam um bloco com a maioria dos voluntários, abrigando pessoas de todas as idades, escolaridades, gêneros e nacionalidades. Por conta dessas características, os EVS

---

<sup>65</sup> Ver: BOURDIEU, Pierre: *A distinção: crítica social do julgamento*. 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.

generalistas foram distribuídos entre o serviço operacional e o atendimento ao público. Sua principal função era dar suporte aos clientes dos Jogos (membros do comitê, comissões dos países, imprensa, espectadores, etc.) nas instalações esportivas e não esportivas.

A determinação do CO-Rio para esse tipo de voluntário se distribuía de acordo com a tabela abaixo sobre a função, a atuação e o perfil profissional:

Tabela 2 – Habilidades específicas e funções do voluntário generalista

<b>Voluntário Generalista</b>		
Função	Atuação	Perfil Profissional
Foco em serviços	Prover informações sobre instalações, competições e horários de jogos.	Não são exigidas habilidades específicas
Atendimento	Checar <i>tickets</i> e credenciais	
Suporte operacional	Ajudar na movimentação de pessoas	
	Prover informações sobre transporte	

Fonte: Elaboração própria.

O EVS generalista, em sua maioria, é voltado ao atendimento ao público, principalmente lidando com informações sobre o perímetro da competição, os horários e conferindo o acesso às áreas das competições, por isso a importância do treinamento prévio no local de trabalho (descrito no capítulo 2). No total, segundo o CO-Rio, foram mais de quinhentas funções<sup>66</sup> atribuídas aos EVS, mas tais funções foram divididas de acordo com a área de atuação e as demandas das instalações, que exigiam ou não conhecimento profissional ou qualificações dos voluntários, afinal, a exigência mínima imposta pelos organizadores aos voluntários era ter ensino fundamental, pois o mais importante neste sentido era disponibilidade em poder atuar os dias mínimos nas competições e eventos dos Jogos.

Para as funções específicas, que exigiam certo tipo de conhecimento por parte do EVS, os organizadores selecionaram uma parte seleta ao qual classificou como especialista, como foi o caso de Maria – mencionada no último ponto do segundo capítulo –, que fora escalada como intérprete por conta da fluência em francês. Ou seja, por conta do conhecimento sobre uma língua estrangeira em um megaevento internacional que demandava tal função, Maria, assim como outros milhares de EVS em diferentes atribuições, foi escalada como EVS especialista.

<sup>66</sup> As funções foram divididas em nove áreas: atendimento ao público, comunicação e imprensa, protocolos e idiomas, transporte, produção de cerimônias, apoio operacional, tecnologia, serviços de saúde e áreas médicas e esporte.

### 3.3.2 EVS Especialistas

Os EVS especialistas, diferente dos generalistas, foram selecionados durante a jornada por conta de sua qualificação em consonância aos interesses dos organizadores. Estes voluntários foram convidados a ocupar cargos delimitados de acordo com as formações e experiências profissionais. Para esse tipo de voluntário, foram distribuídos códigos de identificação da especialidade da função, além de terem sido oferecidos treinamentos específicos para atuarem nos Jogos.

As especificidades e os atributos exigidos pelo comitê, além da qualificação profissional específica do EVS especialista, estão descritas no quadro abaixo:

Tabela 3 – habilidades específicas e profissionais do voluntário especialista

<b>Voluntário Especialista</b>		
<b>Função</b>	<b>Atuação</b>	<b>Perfil Profissional</b>
Serviços médicos, Esportes, Idiomas e Tecnologia	Policlínica, Cerimônias de Premiação, Atendimento à família olímpica, Centro de Imprensa, Vila dos Atletas, hotéis e aeroportos	Advogado, Estatístico, Hotelaria, Fotógrafo, Interpretes, Repórter, Serviços de saúde, TI e telecomunicações.

Fonte: Elaboração própria.

Nessa função, dois tipos de especialidades ganharam destaque, não só por sua ocupação funcional, como também pela cor de seu uniforme<sup>67</sup>, que os separavam em uma determinação específica e os distinguia dos outros Voluntários. Foram eles os EVS especialistas do serviço médico e os ligados ao Esporte.

#### 3.3.2.1 Voluntário de serviços médicos

Dos 50 mil EVS utilizados nos Jogos, a previsão dos organizadores era que 4,5 mil (3 mil para as Olimpíadas e 1,5 mil para as Paralimpíadas) fossem destinados a fazer parte da equipe de serviços médicos. O papel voluntário desempenhado nessa prestação de serviço se encarregaria de vigiar a saúde dos participantes do evento esportivo, fossem eles atletas,

<sup>67</sup> O uniforme ganhará destaque no próximo ponto, no qual discutirei as representações das cores dos uniformes utilizados pelos EVS durante os Jogos, de acordo com sua função.

comissões ou o público. Isso significa dizer que os voluntários dessa função (médico, enfermeiro, dentista, farmacêutico, massoterapeuta, fisioterapeuta e técnico em saúde) se encarregariam de atender aos clientes do evento, contra quaisquer problemas relacionados à saúde durante o acontecimento das atividades dos Jogos.

Para uma ampla divulgação desta especialidade, foram feitas convocatórias dentro das “redes” da medicina<sup>68</sup> e fora delas também, nas próprias mídias de divulgação do evento, propagandas estas que deram frutos: foram mais de 750 brasileiros e 600 estrangeiros selecionados para atuar nas Olimpíadas e Paralimpíadas. A contrapartida para manter esse número alto de participante foi o incentivo CO-Rio por meio do investimento na formação profissional desses voluntários, que puderam acessar cursos especializados voltados ao atendimento a grandes públicos (tais como de urgência e emergências cardiológicas, esportivas e pré-hospitalares), que foram custeados pelo Programa e cujos diplomas teriam reconhecimento internacional.

Como faziam parte da força de trabalho voluntária, os EVS especialistas do serviço médico se inscreviam pela plataforma online (Portal do Voluntário). Entretanto, eles recebiam um código de identificação para tal serviço que, além de incluir os treinamentos comuns a todos os EVS, garantia um treinamento específico da função (como citado no parágrafo acima). Não obstante, diferentes de todos os outros tipos de EVS, o CO-Rio aplicou provas de conhecimentos gerais da área de atuação para os inscritos no programa, como forma de aferir a autenticidade da profissão e garantir o serviço de maneira adequada aos padrões de um megaevento no porte das Olimpíadas.

A forma de destacar os voluntários médicos no período de atuação nos Jogos havia sido o próprio uniforme (vermelho); este foi o referencial para que os clientes dos Jogos identificassem e distinguíssem das outras formas de serviço.

Pode-se então pensar que um ponto a ser destacado é o status elevado destinado a essa modalidade de voluntariado, uma vez essa função teve uma ampla divulgação que visava “exaltar” a atuação desses profissionais, tanto no seu status, quanto em sua subjetividade de pertencimento. Mas como isso foi feito? Primeiro, dando destaque à essencialidade da função para o andamento do evento. Segundo, evocando a imagem do médico como herói, mesmo que o lema fosse destinado a todos os voluntários, havendo o casamento entre a percepção

---

<sup>68</sup> Canais oficiais de Associações de Medicina de diversas especialidades, além de canais oficiais do governo federal e municipal.



social do heroísmo dos médicos<sup>69</sup>, afinal, eles salvam vidas, como o lema “seja o herói dos seus heróis” (ver capítulo 2), isto é, um super-herói, difundindo a convocação de tal serviço. Terceiro, garantindo-lhes retribuições<sup>70</sup> derivadas de sua atuação nos Jogos.

Nesse sentido, as duas retribuições imediatas para aqueles que se comprometessem em assumir tais funções seriam: 1) uma capacitação profissional gratuita, que somaria ao currículo e acumularia “capital cultural” ao participante e 2) o prestígio simbólico de protagonista, aquele que inclusive tomaria um papel de destaque acima dos próprios protagonistas que eram os atletas. Assim, na conjuntura médica, o termo “seja herói dos seus heróis”, frase usada como forma de motivar os voluntários, foi ressignificada com a figura do médico, pois este se tornava ali o paladino. Em outras palavras, aquele que permite todo o desdobrar do desempenho do próprio atleta, como se fosse o seu principal apoio.

### 3.3.2.2 Voluntário específico do esporte (SSV)

Um tipo de voluntário especialista designado a atuar especificamente em uma das modalidades esportivas dos Jogos foram os Voluntários Específicos do Esporte (SSV<sup>71</sup>). Estes EVS foram selecionados com base no conhecimento ou experiência em determinado esporte.

Cada modalidade contava como uma cota de voluntários específicos que atuaram diretamente na competição seja como suporte ou fazendo serviços técnicos, parte da comissão técnica ou até como árbitro das partidas.

Os SSVs participaram de toda jornada como qualquer outro EVS, o diferencial dessa função foi que, na parte do treinamento presencial, tais voluntários participavam diretamente nas competições da modalidade. Um caso a ser mencionado é o dos SSVs selecionados pela equipe brasileira de remo e canoagem, cujo treinamento prático ocorreu no campeonato de remo, que também foi um dos eventos-testes dos Jogos.

Assim como os outros EVS especialistas, os SSVs ganhavam um código específico da modalidade na qual iriam atuar, chamado de código do esporte. A expectativa do CO-Rio e das delegações esportivas era que tal convocação atingisse (como disse acima) atletas e ex-

---

<sup>69</sup> Aqui utilizo “Médicos” como uma categoria que representa os atores que atuam nos serviços médicos.

<sup>70</sup> Refiro-me a retribuição pensando como Becker (1960), que chamou a atenção na relação de troca ao se pensar em comprometer-se em alguma atividade.

<sup>71</sup> Do inglês *Sport Specific Volunteer*.

atletas, assim como familiares (pessoas que são acostumadas a dia-a-dia da modalidade), que pudessem auxiliar nas competições. Pois o interessante para as equipes e delegações esportivas era dispor de força de trabalho adequada que auxiliasse o andamento das competições. Por esse motivo, incentivaram atletas (profissionais ou semiprofissionais) e ex-atletas a se voluntariar e auxiliar os atletas olímpicos e as competições, já que a utilização de SSV otimizava o tempo que se passaria treinando amadores e garantiria certa experiência para manter a alta performance das disputas.

As competências esperadas dos SSVs referem-se, além da familiaridade com a modalidade, à disponibilidade e ao comprometimento com o esporte, pois, diferentes dos EVS, suas atividades tinham agendamento específico e impacto direto nas competições.

Segundo os organizadores, foram cerca de dez mil SSVs, estes foram distribuídos entre 65 modalidades, entre as instalações esportivas de acordo com a modalidade ao qual foi selecionado. Tal função foi separada entre 1) técnico e 2) serviços. A função técnica é destinada para os SSVs que ficaram na área de competição garantindo o andamento das competições (como o caso dos árbitros). Já os SSVs de serviços são os que garantem a preparação das outras áreas utilizadas para receber os atletas e as delegações, tal como vestiário.

Para estes voluntários especialistas, assim como para o serviço médico, foi atribuída uma cor predominante em seu uniforme (azul). Entretanto, diferente das outras funções, o SSV dispôs de dois tipos diferentes de uniforme: um comum a todos os EVS e outro formal utilizados por árbitros em algumas modalidades:

Figura 3 – Uniformes utilizados pelos SSVs



Fonte: <http://prefeitura.rio/web/guest/exibeconteudo?id=6123443>> acessado em: 12 de dezembro de 2018).

Podemos observar, tanto nesta parte quanto na anterior, como o uniforme para os Serviços Médicos e para os SSVs constituiu uma maneira de identificação de suas funções. Esse tipo de separação não se deu do mesmo jeito para os outros voluntários especialistas (idiomas e tecnologia), uma vez que estes utilizavam os uniformes verdes e amarelos (respectivamente) assim como os voluntários generalistas. Portanto, as cores dos uniformes e suas representações serão um importante elemento de análise para pensarmos em que medida tais diferenciação de cores, e de certa maneira de funções, gerou distinção entre os EVS dos Jogos.

### 3.4 O uniforme dos EVS e a diferença simbólica

Uma parte fundamental na jornada do voluntário foi a busca de seu uniforme, pois era o dispositivo que identificava o pertencimento ao Time. Todavia, tal adereço constituía-se também uma forma de distinção entre as funções dos EVS e seus atributos. Isto é: como vimos acima, havia a separação dos EVS entre generalistas e especialistas, uma das formas de identificar esta separação por atributos foi pela cor dos uniformes. Em outras palavras, as cores dos uniformes dos EVS dos Jogos eram uma forma de comunicação visual, cada cor representava uma função, dividida da seguinte maneira:

Para ajudar a identificação dos integrantes da força de trabalho e suas respectivas funções na operação dos Jogos, foram definidas diferentes cores de uniforme.

- O **amarelo** foi escolhido para vestir os integrantes da maior parte das áreas operacionais. Representa o sol, a luz e a energia.
- Responsável por guiar os espectadores, a equipe de Serviços do Evento vai usar o uniforme **verde**, a mesma cor utilizada para a sinalização e aquela que predomina na bandeira do Brasil e em nossas paisagens e florestas.
- Para o time de Serviços Médicos, foi definido o uniforme **vermelho**, uma cor quente, dinâmica e de fácil identificação.
- Finalmente, para os Oficiais Técnicos<sup>72</sup> foi escolhido o **azul**, que será usado principalmente dentro das áreas de competição. (Guia de bolso, Comitê Rio, p. 30 – **grifo meu**).

---

<sup>72</sup> Os oficiais técnicos são os voluntários da área de Esporte que participaram como conhecedores do esporte em algumas modalidades.

Figura 4 – Os uniformes dos voluntários e suas distintas cores



Fonte: <http://prefeitura.rio/web/guest/exibeconteudo?id=6123443>> acessado em 12 de dezembro de 2018.

Os uniformes e suas cores constituíram-se numa forma de comunicação visual, agindo sobre a percepção geral como signos, isto é, símbolos que representam cada área de atuação dos EVS para os usuários de tais serviços. A noção de signo dentro do estudo da semiótica<sup>73</sup> iniciada por C.S Peirce pode se definir da seguinte maneira:

“um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa alguma coisa para alguém. Dirige-se a alguém, isto é cria na mente desta pessoa um signo equivalente ou mais desenvolvido.” (PEIRCE, 1977, p. 46 *apud* WOJSLAW, 2010, p. 97).

Neste sentido, ao separar os uniformes por cores, criou-se na mente tanto dos EVS quando dos clientes dos Jogos, consequentemente, uma identificação triádica<sup>74</sup>, em que o uniforme é o signo, o voluntariado é objeto e a função é o interpretante na qual cada cor representa um tipo de área de atuação. No caso dos EVS especialistas que lidavam com serviços médicos ou eram específicos do esporte, as cores vermelhas e azuis (respectivamente) eram-lhes determinantes, isto é, podia-se identificar (e essa era a intenção dos organizadores) os EVS que pertenciam a estas funções específicas por suas cores características e exclusivas desses dois tipos de voluntários. Já as cores verdes e amarelas

<sup>73</sup> Semiótica é um campo dentro da ciência da linguagem iniciada no século XX por Pierce e Saussure, que teve por intuito estudar os signos e significados das representações comunicativas apreendidas da representação das coisas.

<sup>74</sup> Segundo Wojslaw, “Peirce denomina, portanto, de tríade da semiose este conceito composto pelos elementos signo-objeto-interpretante e ressalta que o signo, para ser compreendido e interpretado, depende destes três elementos que são bastante diferentes entre si, mas que estão intrinsecamente relacionados”. (PEIRCE, 1977, p. 51 *apud* WOJSLAW, E., 2010, p. 98).

dividiam-se por distintas funções, mas não por especialidade. O uniforme amarelo era utilizado pela equipe de operações, que poderia tanto ser ocupado por EVS generalista quanto por um EVS especialista, assim como o uniforme verde, que era usado por aqueles que atuaram na função de atendimento ao público.

Os uniformes, apesar de distinguir qual área de atuação pertencia cada EV, não distinguiam, entretanto, a qual segmento da força de trabalho pertencia o sujeito, ou seja, a cor poderia identificar em que área de atuação o EVS pertencia, mas como dito aqui em outras oportunidades, a força de trabalho dos Jogos também era composta por Funcionários do COI e por Terceiros, e em algumas funções (como o caso de atendimento ao público), parte da equipe destes segmentos usava o mesmo uniforme dos EVS. Em outras palavras, tanto EVS quanto funcionários e terceirizados de empresas contratadas utilizavam, em certas funções, roupas com as mesmas cores que os voluntários.

Com as cores consolidando signos de compreensão de acordo com a função e não o grupo ao qual pertencem os tipos de trabalhadores que formavam a força de trabalho gerou certa confusão (registrada no relato de um EVS no período de entrevista) no entendimento uma categoria nova que será desenvolvida no próximo ponto: o “voluntário pago”.

### **3.5 O “Voluntário Pago” (VP)**

O “voluntário pago” é uma figura emblemática nesse capítulo. Pois como pensar um “voluntário” cuja atuação não se destina à caridade, tampouco ao altruísmo ou aos interesses não monetários, e sim ao salário. Ele apareceu em uma das respostas que tive durante a pesquisa, que despertou a curiosidade de identificar o que era um “voluntário pago”.

No questionário que enviei aos EVS que atuaram nos Jogos, uma das respostas me deixou intrigado. Ao perguntar sobre o que os voluntários não haviam gostado nos Jogos, um deles respondeu:

Mais informações para os voluntários e menos "trafego de influências", e muitos voluntários não eram voluntários, eram pagos e usavam os mesmos uniformes, isso me chateou muito, neste caso foi muito decepcionante, houve festas inclusive no parque olímpico da barra onde muitos voluntários não foram chamados com direito a tudo mesmo, comprovado por fotos de alguns voluntários pagos que foram, e os verdadeiros voluntários tiveram uma festa ridícula no Boulevard Olímpico. neste caso foi o que mais me decepcionou, pois, houve privilégios, e como.

O “voluntário pago” fez parte do conjunto de funcionários admitidos pelo CO-Rio, fazendo parte da força de trabalhos dos Jogos. Como utilizavam um uniforme parecido e muitas vezes atuavam nas mesmas funções, na percepção dos EVS, tais integrantes pertenciam ao grupo como parte do “Time” de voluntários, mas o tratamento entre o EVS e os VP se diferenciava pela natureza distinta de suas ocupações.

Os funcionários terceirizados respondiam diretamente aos representantes do comitê, além de muitos terem ocupado a maioria das vagas como líderes do EVS. Mas tal tratamento de distinção por parte do comitê pode ser entendida como conformidade à legislação trabalhista, na medida em que ambas as funções têm diferentes estruturas legais<sup>75</sup>; neste trabalho, não deterei sobre os parâmetros legais que regem o trabalho formal e o trabalho voluntário (esse ponto pode ser abordado em outros estudos). O que interessa é a impressão sentida e relatada pelo voluntário como uma questão. Um ponto entre a proposta e a prática, na qual envolve a ideia discorrida por todo treinamento sobre a unidade, o “somos um Time”, na prática a aglutinação de mais sujeitos a esse Time que compôs o serviço do evento.

Esta questão do “voluntário pago” tratarei com certa provocação, pois sei que tal categoria é incoerente por ir de encontro com toda a construção dos voluntários como alguém que busca participar sem necessidade de uma relação monetária. Mas atenho-me a colocar o “voluntário pago” junto aos “verdadeiros voluntários” por entender que tal categoria é consequência do processo de internalização gerado da interpelação, isto é, do entendimento do voluntário como parte de um Time de voluntários. Logo, quem é do Time é voluntário, seja ele “verdadeiro” ou “pago”.

### 3.5.1 Clarice: uma “voluntária paga”?

Às vezes é difícil supor por onde a pesquisa nos guiará, até onde se delimita o campo e quem são nossos interlocutores. Digo isto, pois não passou pela mente que, onde menos esperava, surgiria uma oportunidade de ouro que me levou a compreender uma categoria complicada que apareceu durante a pesquisa: o tal “voluntário pago”. Ao longo deste ponto,

---

<sup>75</sup> O trabalho voluntário, por não ser considerado vínculo empregatício, não é amparado pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) como é o caso dos terceirizados; para reger esse tipo de serviço, foi sancionada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso a Lei do Voluntário em 1998, debatida amplamente no capítulo um deste trabalho com base nos trabalhos de Landim (1993; 2002) e Cunha (2013). Ver: Lei 9.608/1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19608.htm)>. Acesso em: 13 de jan. de 2019.

apresentarei o caminho percorrido até chegar a Clarice que trabalhou nos Jogos e fez parte do Time dos Serviços do Evento como funcionária terceirizada.

Certo dia fui à casa de minha mãe visitá-la, coisa que faço com certa frequência. De vez em quando, quando estou conversando com meus irmãos, surge o assunto sobre mim e o mestrado, principalmente o que estou pesquisando. Certa vez, ao tentar explicar para meu irmão caçula que o que eu pesquisava no mestrado era os voluntários que haviam participado das Olimpíadas, ele arregalou os olhos e respondeu que sua amiga Clarice havia trabalhado nas Olimpíadas. Repliquei perguntando se ela teria sido voluntária, mas ele não soube responder. Entretanto, pegou seu celular e passou o contato do *Whatsapp* para que eu pudesse perguntá-la. Disse para “chamar ela no zap” e avisá-la que era seu irmão e que estava fazendo pesquisa, pois tinha confiança que sua amiga colaboraria. Mas caso ela não respondesse, que poderia contatá-lo para que ele intercedesse por mim.

Assim que voltei para casa, “chamei Clarice no zap<sup>76</sup>”. Apresentei-me, como meu irmão havia indicado, e informei que fiz o contato para saber acerca de sua experiência nos Jogos do Rio. Ela gentilmente aceitou responder e a partir deste momento começamos a conversar pelo *Whatsapp*.

Perguntei de início, ainda timidamente, como que tinha sido a participação dela nos Jogos; se ela havia sido voluntária, pois queria esclarecer a questão que surgiu na conversa com meu irmão. Ela respondeu que não, que havia participado como Jovem Aprendiz e recebido um auxílio de custos para trabalhar, mas que havia trabalhado nos mesmos locais que os voluntários.

Após ter a certeza que a função que ela desempenhou não era a de voluntária, mas que em certa parte do processo ela fizera com(o) os EVS, imediatamente lembrei-me do questionário e da resposta sobre o “voluntário pago” e decidi aprofundar as perguntas sobre o tipo de serviço que Clarice desempenhou, buscando comparar sua função à dos voluntários, se tinha algo em comum ou não.

A primeira pergunta que fiz se referia a como tinha descoberto sobre este tipo de serviço, e ela respondeu:

uma amiga da minha irmã postou pra ela no face que tava abrindo vaga para jovem aprendiz pra trabalhar nas Olimpíadas com atendimento ao público, aí eu e ela fizemos a inscrição. Por eu já ter trabalho de atendente de lanchonete no McDonald's, eu consegui a vaga, mas minha irmã não conseguiu.

---

<sup>76</sup> Linguagem coloquial do vocabulário da internet, popularmente utilizado pelos jovens usuários deste tipo de rede social.

O programa de Jovem Aprendiz ao qual Clarice se referia era o JADE (Jovem Aprendiz Desporto) promovido pelo Ministério do Trabalho e pelo Ministério do Esporte em parceria com CO-Rio, que selecionou jovens de 18 a 22 anos para ocuparem 455 vagas como parte dos Serviços do Evento. O programa ofereceu curso de capacitação em três áreas: organização de eventos desportivos, auxiliar de prática esportiva e assistente administrativo de eventos esportivos. Esses cursos foram divididos em dois momentos: 1) teórico em sala de aula e 2) prático atuando no evento. Outro curso também oferecido aos jovens foi de inglês. Além disso, era garantida a carteira de trabalho assinada e remuneração equivalente às horas trabalhadas (6 horas por dia).

Com base nas informações dadas por Clarice mais a relação com os critérios de seleção informados pelos selecionadores<sup>77</sup>, a jovem encaixava-se no perfil do Programa: ela, na época, tinha 20 anos e sempre morou no Rio, sua renda *per capita* domiciliar era menor de 1,5 salário, já havia concluído o ensino médio completo e apesar de desempregada, segundo afirmara, tinha experiência profissional.

Ao dar prosseguimento às questões, perguntei se o processo de inscrição ao qual ela participou havia sido feito pela internet por alguma plataforma (similar à utilizada pelos voluntários), ela respondeu:

Não foi pela internet não, pô! a gente teve que ir pra Campo Grande pra fazer a inscrição. Acordamo 5 da manhã, mas quando a gente chegou lá já tinha gente. Ficamos lá mais de quatro horas pra pegar uma senha mas graças a Deus conseguimos fazer a inscrição.

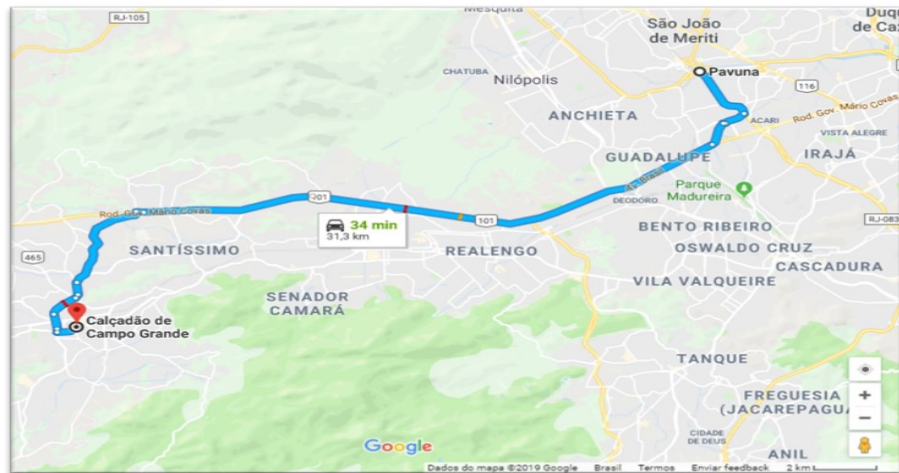
As inscrições foram feitas pela Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego (SMTE), e a seleção feita pela Agência Brasileira de Recursos Humanos (ABRH-RJ). Segundo informação desta instituição, cerca de 1.500 jovens se inscreveram. Entre os inscritos, Clarice e sua irmã, que junto ao seu pai (que as levou de carro) saíram do bairro da Pavuna, na Zona Norte do Rio, em direção ao calçadão de Campo Grande, que fica na Zona Oeste a cerca de 30 km de sua casa, como mostra a figura abaixo, extraída do *Google* mapa:

---

<sup>77</sup> Site da seleção do JADE.



Figura 5 – Percurso feito do bairro de Clarice até o local da inscrição



Fonte: Google Maps.

Após ela ter dito sobre os percalços da inscrição (que não se pareceu em nada com as inscrições dos EVS, uma vez que a inscrição destes foi feita exclusivamente pela internet), perguntei se depois desse primeiro passo ela teve que fazer alguma entrevista ou teste como método de avaliação para ocupar a vaga.

Primeiro eu fiz inscrição né, entreguei meus documentos e aí tive que esperar a lista de selecionados sair. Depois eu fiz o curso lá na IFRJ pra entender esse mundo dos eventos esportivos. Foi do Pronatec. O curso que eu decidi fazer foi de organização de evento. Teve até certificado. Foi tipo curso técnico mesmo na sala de aula com material, com tudo. A gente também fazia inglês lá. Começou em maio e foi até o começo das Olimpíadas. Aí depois que acabou as Paralimpíadas, tinha a segunda parte do curso, mas eu não fui porque consegui um emprego lá no (*shopping*) Grande Rio.

O programa ofereceu aos jovens um curso de capacitação para área de organização de grandes eventos, que começou em maio e continuou até dezembro, mesmo com o fim do evento. O intuito era formar esses jovens como mão de obra capacitada voltados à atuação de outros grandes eventos, como, por exemplo, o carnaval. Os critérios, segundo o Ministro do Trabalho, baseavam-se, além do corte etário, em parâmetros socioeconômicos e, ao longo do treinamento para atuar nos Jogos, os jovens receberiam curso elaborado pela UFRJ em parceria com o Ministério do Trabalho e aplicado no IFRJ, dentro dos moldes do Pronatec<sup>78</sup>. O programa também ofereceu um curso de inglês básico, pois a proposta era versada na atuação durante o evento e também na capacitação dos jovens para o mercado de trabalho.

<sup>78</sup> Segundo o governo federal, “O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal em 2011, por meio da Lei n° 12.513, com a finalidade de ampliar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira”. Ver:

Referindo-se à atuação, Clarice contou que trabalhou no Parque Olímpico, na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio, e sua principal função foi ajudar “o pessoal que veio assistir às Olimpíadas a achar os lugares das partidas e como chegar até lá”, ou seja, com o atendimento ao público dos Jogos. Como morava na Pavuna, tinha que cruzar a cidade para chegar até o local de trabalho, ficando um “pouco puxado” para ela, pois recebia apenas uma bolsa por volta de meio salário mais vale-transporte e alimentação, e, segundo a sua lógica, prestar tal serviço tinha outros motivos que não exclusivamente monetários, uma vez que, em suas palavras, “pelo dinheiro não valia tanto”, porém a experiência e os cursos eram oportunidades para “engordar o currículo”.

Fiquei na Barra no Parque Olímpico. Ficou eu e mais uns colegas do JADE junto com os EVS e o pessoal da empresa que eu trabalhava. Tipo, a gente ficava ajudando o pessoal que veio assistir às Olimpíadas a achar os lugares das partidas e como chegar até lá, principalmente os gringos. Eu não falava inglês e olha que eu tava fazendo o curso (rs), mas às vezes conseguia me virar, fazia gesto e tal. Tinha gente lá que falava então eu fiquei ajudando os brasileiros mesmo. Se botasse na ponta do lápis você via que pelo dinheiro não valia tanto. Tipo, eu recebia só bolsa, não chega a ser um salário, e recebi mais um tanto quando ia pro curso pra compensar a passagem pq às vezes era do curso direto pro trabalho, ficava um pouco puxado. O que valeu mesmo foi a experiência na carteira e o curso foi muito bom pra engordar o currículo pô... (rs)

Por ter ficado um tempo desempregada, Clarice demonstrou por suas falas uma preocupação em construir bases profissionais que não a deixassem fora do mercado de trabalho, pois acreditava que a oportunidade que teve com o programa, principalmente por ser num evento internacional, tornaria seu currículo atrativo e diferenciado para ampliar suas possíveis áreas de atuação profissional. Isso porque sua compreensão direcionava-se mais aos benefícios da sua experiência em ter participado dos cursos de capacitação e ter trabalhado em um megaevento do que a retribuição monetária, uma vez que o dinheiro não cobria as contingências cotidianas, mas a experiência (pessoal e profissional) abria-lhe oportunidades futuras.

Por fim, após saber mais suas experiências, perguntei se ela participaria como voluntária, ela respondeu:

Acho que sim, foi muito massa tá lá. Gente de todos os lugares. Você fica interagindo com um monte de pessoas de outros lugares e de outros países. Aprende um montão de coisas. Eu talvez ia (atuar como voluntário) por isso. Pq apesar de ser muito cansativo, pq eu saia da Pavuna pra Barra indo até o Centro com o metrô puta lotado. Talvez... se eu ficasse mais perto, tipo no Maracanã acho que topava. Pq eu queria ver o Neymar (rs). E também trocar ideias com pessoas diferentes. Por isso, acho que seria bem provável que eu trabalhasse assim.

A entrevista com Clarice ajudou a entender o que poderia ser um voluntário pago, já que no interior do grupo de Serviços do Evento, muitas funções eram divididas entre os voluntários e os não-voluntários (cuja principal distinção era o tratamento em relação ao vínculo trabalhista estabelecido para atuação), pois tanto um quanto o outro usavam o mesmo uniforme e, por muitas vezes, exerciam funções parecidas.

A criação dessa categoria pode ser fruto da interpelação do sujeito como parte do Time, pois ao se entender como parte de algo maior, acrescenta-se tal ideia também àqueles que aparenta ser igual. Nesse sentido, por ocupar funções parecidas e vestir o mesmo uniforme, além de também fazer parte do mesmo Time, o VP acabou por ser associado aos “verdadeiros voluntários”, isto é, aos EVS.

Outro ponto a se pensar sobre a categoria “Voluntários Pagos” é a representação criada no imaginário dos participantes. Na medida em que tais funcionários não-voluntários utilizaram os mesmos uniformes que o voluntário, houve a compreensão de que todos eram a mesma coisa, afinal, assim diziam as propagandas do CO-Rio durante toda a Jornada de Treinamento. Todos são do mesmo Time, mas enquanto uns ganhavam para fazer (seja uma bolsa-auxílio ou uma festa com “direito a tudo”), outros faziam por outras formas de retribuição que não se limitava a troca econômica.

Enfim, no capítulo seguinte darei maior atenção aos próximos passos dos voluntários após o fim do evento e ao resultado da experiência enquanto EVS, que chamarei de “legado” dos Jogos. Em outras palavras, analisarei o processo de permanência da rede de contato dos grupos de EVS que se mobilizam para os próximos megaeventos esportivos, e como a passagem pela experiência voluntária em um megaevento criou a vontade de querer fazer parte de outros times de voluntários.

#### 4 “A GENTE NÃO TEM ESSA CULTURA, NÃO TINHA ATÉ ENTÃO”: A CARREIRA DE VOLUNTÁRIO EM MEGAEVENTOS ESPORTIVOS COMO “LEGADO”

O ponto que pretendo discutir neste último capítulo é a relação entre a experiência dos voluntários dos Jogos e a disposição para atuar em outro evento como voluntário, como a ideia do dito “legado”. Neste sentido, os Jogos serão entendidos como centro de poder e carisma, numa perspectiva guiada pelo pensamento de Geertz, na medida em que proporciona aos atores deste tipo de atuação estímulos para a continuação da participação voluntária de megaeventos esportivos – que chamarei de carreira – e que tem as redes sociais como o principal ponto em que os interesses sobre a participação em eventos esportivos em comum se aglutinam, além de ser o local de disseminação e socialização de tais eventos, e ainda de ser o espaço da troca de informações e expectativas.

Esta ideia de carreira de voluntário em megaeventos como “legado” foi amadurecida durante o contato com os voluntários após as Olimpíadas. Muitos explicitaram o desejo que tinham de participar novamente em um evento do porte dos Jogos Olímpicos. Alguns outros mobilizaram até grupos do *Facebook* para discutirem a ideia.

Um caso que corrobora com a ideia que defendo aqui apresentou-se também durante a entrevista com Teresa, enquanto discutimos sobre os grupos dos quais participávamos, e tinha relação com essa ideia de continuação do contato entre os voluntários e troca de experiência, além do otimismo dos membros em participar em outros eventos como os Jogos e até mesmo na próxima edição deste. Disse a ela que era membro de grupos no *Facebook* (que trabalhei a seguir) em que os brasileiros estavam a se mobilizar para participarem de eventos em outros países como voluntários. Ela respondeu:

o mais legal é que não era uma coisa nossa né? porque acho que lá fora tem muito disso. Eles vão com maior importância. Aham importante. A gente não tem essa cultura, não tinha até então. E com as Olimpíadas e vi bastante isso nas pessoas.

As palavras de Teresa chamaram-me a atenção em relação à vontade das pessoas de continuar atuando como voluntárias e a ideia de “legado”. Ao dizer da vontade de estender a participação no evento, Teresa revelou ter entrado em um grupo do *Facebook* direcionado à próxima edição das Olimpíadas em Tóquio, no Japão, para acompanhar os andamentos. Apesar de não dizer se participaria ou não deste evento em específico, ela confessou que, por conta da experiência, havia crescido a vontade de participar de mais eventos como este. Não

só isso: que ela também percebeu que essa vontade de atuar outra vez como voluntário derivada do contato com os Jogos cresceu e se expandiu a ponto de influenciar as pessoas. É dela a frase que dá nome ao título deste último capítulo, pois resume a percepção do aumento do interesse sobre o trabalho voluntário, só que no fundo – e essa é a hipótese que defenderei ao longo desse capítulo –, esse interesse é direcionado com maior vigor à participação em outros megaeventos esportivos, em relação a outros tipos de serviço voluntário.

#### **4.1 A percepção dos EVS sobre a experiência nos Jogos**

Após o encerramento dos Jogos do Rio, os grupos de voluntários, oficiais e não oficiais, começaram a se agitar, movidos pelo compartilhamento da experiência e o saudosismo do evento recém-terminado. Aproveitando essa movimentação e o intercâmbio entre os membros do grupo no qual estava mapeando, lancei algumas perguntas (apêndice 1) em relação à participação voluntária nos Jogos.

Neste questionário, havia 10 perguntas sobre a relação do voluntário com os Jogos. Nele, 15 voluntários responderam. Como a pesquisa não tem intenção de estabelecer uma análise quantitativa e sim qualitativa, as respostas em si são mais importantes do que o número de respondentes, pois as perguntas eram abertas e tinha mais o objetivo de identificar o fruto dessa relação entre os voluntários e os Jogos, isto é, compreender as experiências tiradas no evento.

Dos participantes do questionário, o mais jovem tinha 21 anos e o mais velho 76 anos. A maior parte cursou ou cursa ensino superior. A grande maioria era de brasileiros, mas também responderam um alemão, um suíço e um inglês. A maioria ainda era ativa no mercado de trabalho, sendo apenas um aposentado. Por ter sido um questionário feito nas redes sociais, algumas perguntas não precisavam ser feitas, tais como o nome e gênero, já que o participante usava o próprio perfil para responder as questões.

As perguntas voltavam-se à questão dos momentos vivenciados por eles durante o período dos Jogos e suas percepções sobre a atuação como voluntário: a motivação, os benefícios e aprendizados pessoais com a experiência, o que mudaria e se atuaria novamente como voluntário (que será destaque nesta parte).

Em seguida, farei uma breve apresentação de cada voluntário que participou da pesquisa e a visão destes atores sobre esse momento que ficou marcado na subjetividade de

cada um. O intuito é jogar luz à questão surgida nesta reflexão, que toca no tema do “legado” das Olimpíadas e a continuação do trabalho como voluntário. Mas, a princípio, o interessante nesse momento é apresentar a visão dos próprios voluntários em relação ao contato que tiveram ao longo desse processo de inserção como EVS dos Jogos.

#### 4.1.1 Os voluntários das Olimpíadas

Os colaboradores que responderam às perguntas do questionário mostram uma pequena parte do complexo conjunto dos participantes do evento. Neste momento, apresentá-los-eis de maneira breve, de forma a apresentar o que há em comum dentro de diferentes vivências e funções, buscando o que é comum em seu discurso em relação à experiência como EVS.

Ricardo, 50 anos, Irene, 57 anos, Hellen, que não disse sua idade, e Theodore, 65 anos, são todos professores que atuaram como EVS. O primeiro e a terceira são da área de educação física, a segunda é professora universitária da UNESA e o último, alemão, é da área da informática. Beth, Jeane e Daniel trabalharam nos serviços médicos: a primeira e a segunda nas instalações e o terceiro como socorrista na ambulância da SAMU. Enquanto a primeira, formada em fonoaudiologia, no momento da entrevista encontrava-se desempregada, a segunda era enfermeira em um hospital particular, já o terceiro trabalhava como médico em um hospital da região central da cidade. Miria, 56 anos, trabalhava com *Home care*. Já Hilda, que também não revelou sua idade, era policial civil, estava em processo de aposentadoria e trabalhou como líder de um grupo de voluntários. Priscilla, a mais jovem do grupo com seus 21 anos, era estudante universitária e no verão trabalhava no ramo de hotelaria. Enquanto Easley, 76 anos, foi o mais velho a participar do questionário e também um dos mais velhos EVS dos Jogos<sup>79</sup>, aposentado, veio da Suíça para conhecer o Brasil e abrir seus horizontes. Dorothea, 50 anos, veio como voluntária acompanhando a delegação da Inglaterra pelo fato de falar português foi interprete, durante as Olimpíadas, dos atletas e das comissões técnicas.

O ponto que une essa multiplicidade de pessoas, de diferentes idades e profissões, além de terem participado do evento como EVS, foram os motivos que as levaram a fazer

---

<sup>79</sup> Nota: o voluntário mais velho a se registrar nos jogos tinha 79 anos.

parte do evento, descritas na maioria das respostas: a afetividade pelo esporte, a oportunidade de participar das Olimpíadas e conhecer pessoas de diversas culturas.

Em relação à experiência, a maior parte dos entrevistados, no desenvolver de suas falas, elencaram diversos momentos vivenciados que contribuíram para o desenvolvimento pessoal durante todo esse processo de inserção nos Jogos, mas fazer parte e ter a experiência de participar de um megaevento internacional para eles foi resumido a uma palavra: único. Essa percepção foi endossada por conta dessa edição dos Jogos ter sido a primeira vez que a competição foi sediada em país sul-americano, e, principalmente, por ter sido a primeira vez no Brasil.

Sobre a questão do aprendizado com os Jogos, a maioria respondeu que o contato e a troca com outras culturas foi o que mais se destacou, e isso aparecia de diversas formas nas respostas dos participantes, tais quais: “aprendi um pouco de inglês” (Jeane), “o intercâmbio com outros voluntários de idiomas diferentes do meu nativo” (Irene), “aprender cultura nova” (Hellen), “a lidar com pessoas tão diferentes umas das outras em um contexto em que todos estávamos ali pelo mesmo” (Priscilla). “não digo aprender, mas ver. Pessoas diferentes, idiomas diferentes, esportes apaixonantes, a determinação dos atletas, a seriedade do evento” (Míria). “*mi ha permesso di conoscere tanta gente, persone differenti*”<sup>80</sup> (Easley).

Por ser um evento internacional aberto para todas as nacionalidades, a integração é um dos valores disseminados pelos organizadores. Proporcionar o contato com outras culturas, línguas e costumes, dentro e fora do país é uma das principais propostas do evento. Mas uma das propostas específicas desta edição brasileira era dar visibilidade à diversidade cultural e à inclusão<sup>81</sup>. Sendo assim, o contato com essa diversidade foi considerado pelos entrevistados como um dos benefícios resultantes do envolvimento com o período olímpico.

Em relação aos benefícios da atuação enquanto voluntários, muitos disseram que a rede criada da sociabilidade transpôs os continentes. Dito de outra forma, o contato e o

---

<sup>80</sup> “Permitiu-me conhecer tanta gente, pessoas diferentes” - tradução nossa.

<sup>81</sup>O comitê organizador estimulou durante o treinamento, medidas que minimizassem os preconceitos, principalmente contra as minorias (mulheres, negros, LGBTs). Todavia, tal medida – como se deu dentro dos parâmetros de diversidade corporativa (como já comentei no capítulo 2 desta dissertação) – garantiu aos Jogos Olímpicos do Rio a título de “jogos da diversidade”, pois foi a edição com maior número de modalidades femininas e também os Jogos com maior número de atletas assumidamente gays. Ver: <[https://www.google.com/amp/s/brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470774769\\_409560.amp.html](https://www.google.com/amp/s/brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470774769_409560.amp.html)>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2019. Ver também: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/rio-2016-a-olimpiada-das-mulheres/>>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2019.

estabelecimento de amizade com pessoas de diferentes lugares foi algo destacado pelos entrevistados em relação a esse ser um dos benefícios.

Cabe aqui também destacar entre as repostas, uma em especial, a fala de Hellen, pois, quando a questioneei sobre os benefícios conseguidos da experiência como EVS, ela me respondeu da seguinte maneira: “Poder aprender a ser um voluntário e poder fazer disso uma meta para os próximos eventos”. Essa fala vem ao encontro do que proponho neste capítulo: a continuidade do serviço voluntário em megaeventos. Com essa resposta, pude perceber que o processo dos Jogos em relação aos EVS pode ser dividido em dois momentos-chave: 1) a expectativa criada em poder participar em um evento no seu país, estado ou cidade e 2) o desejo de ter a oportunidade de participar novamente de um megaevento esportivo. Um *a priori* (a inscrição e os treinamentos) e outro *a posteriori* (a mobilização dos grupos de voluntários em busca de novos eventos).

Por fim, outro ponto que mais me interessou na análise das respostas dos voluntários foi a unanimidade em relação à vontade de participar novamente como voluntários. E esse é um dado essencial para esse último capítulo, pois demonstra que o que houve de “legado” (que debatarei com mais rigor a seguir) foi o interesse em atuar novamente como voluntário. Essa ideia perpassou durante todo o contato com os interlocutores deste trabalho. Nos questionários, todos os voluntários afirmaram que se tivessem a oportunidade atuariam novamente em um evento como este. Teresa, em sua fala, mencionou a crescente vontade de estar aberta à experiência de participar de eventos como este. Mas qual seria o motivo para tal desejo? Partirei do princípio, baseado nos estudos do antropólogo americano Clifford Geertz (em debate com Weber e outros autores), sobre a natureza do carisma, isto é, que os Jogos Olímpicos são centros de poder e carisma, que além de fazer surgir figuras carismáticas como os heróis olímpicos, desperta esse interesse das pessoas em querer fazer parte deste evento.

#### **4.2 Os Jogos Olímpicos como centro de poder e carisma**

De acordo com Damo e Oliven (2014), os megaeventos esportivos podem ser pensados como um agregado de eventos em um centro principal. Tal centro, que concentra os eventos, pode ser, entre outras coisas, um espetáculo ou um ritual (ou no caso das Olimpíadas, as duas coisas):



Poderíamos pensar os megaeventos como um agregado de eventos articulados entre si no centro do qual se situa o evento principal – um espetáculo, um ritual, uma catástrofe, um concurso, um drama e assim por diante. Nesse sentido, o interesse antropológico pelos megaeventos excede a questão da proporção, embora os modos de engajamento - sobretudo no caso dos eventos planejados – sejam um dos aspectos mais importantes a serem investigados. (Damo; Oliven, 2014, p. 15)

Por outro lado, a noção de centro que também é importante nessa reflexão é a proposta que Clifford Geertz (2010) nos apresenta. Em *Centros, Reis e Carisma*, Geertz dá continuidade ao debate sobre carisma, iniciado por Weber<sup>82</sup>, só que superando a ideia simplificada, segundo o autor, de que o carisma é uma qualidade pessoal extracotidiana que atribui poder, e sim formas tomadas culturalmente entre a relação do centro de poder “onde as coisas acontecem” e carisma, ou seja, “A origem do carisma relaciona-se a um ponto central privilegiado” (p. 184), visto que o centro é entendido da seguinte maneira:

tais centros, 'que não tem qualquer relação com geometria e muito pouco com geografia', são, em essência, locais onde se concentram atividades importantes; consiste em ponto ou pontos de uma sociedade, onde as ideias dominantes fundem-se com as instituições dominantes para dar lugar a uma arena onde acontecem os eventos que influenciam a vidas dos membros destas sociedades de maneira fundamental. (GEERTZ, 2010, p. 184)

Para tal continuidade reflexiva sobre a questão do carisma, Geertz se apropria do debate sobre o tema feito por Edward Shils, devido a sua ideia do valor simbólico do carisma relacionada aos centros atrativos da vida social. Para o autor, com base nas ideias de Shils, antes de só enfatizar o carisma como forma de poder (e logo de dominação), deve-se olhar para a natureza desse poder que tem como fonte o centro.

O autor aplica sua visão sobre a noção de centro e carisma em três figuras monárquicas<sup>83</sup> de tempos, lugares, culturas diferentes uns dos outros. A intenção foi provar que a liderança carismática não é inata, mas sim fruto de expressão cultural e intrínseca ao centro de poder e prestígio.

Neste sentido, ao transportar a lógica do centro de poder e o carisma para pensar os Jogos Olímpicos, ajustaremos as peças na seguinte ordem: os jogos são as arenas que Geertz mencionou na medida em que, além de ser o lugar que concentra eventos importantes, influencia a vida dos membros da cidade; o carisma é o poder que decorre do centro destes megaeventos, logo, a representação dos reis na verdade são os heróis olímpicos. Em outras

---

<sup>82</sup> Para Weber, “Carisma é a qualidade pessoal considerada extracotidiana (...) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada de deus, como exemplar e, portanto, um líder”. (WEBER, p. 158-159, 2012)

<sup>83</sup> Rainha Elisabeth I da Inglaterra, rei Wuruk da Indonésia e Mulay Hasan do Marrocos.

palavras, assim como Geertz afirmou que o centro político gera uma elite governamental, se tratando dos Jogos Olímpicos, estes megaeventos esportivos são centros cujos atletas que se destacam formam uma elite esportiva.

Tal comparação se assenta na ideia de Geertz ao dizer que figuras carismáticas podem surgir de qualquer parte da vida social, basta que a área que ele apareça esteja em evidência (GEERTZ, 2010). Isto é, quando comparamos os Jogos como centros de poder e carisma que atraem uma multidão por conta de sua visibilidade, podemos, também, pensá-lo como o ambiente que faz surgir as figuras carismáticas que viram pontos de referência. Tal atração dos centros (e nesse sentido dos Jogos), segundo Geertz, tem a seguinte explicação:

são esses símbolos – coroas e coroações, limusines e conferências – que dão ao centro a marca de centro e ao que nele acontece uma aura não só de importância, mas, algo assim como se, de alguma estranha maneira, ele estivesse relacionado com a própria forma em que o mundo foi criado. (GEERTZ, 2010, p. 187)

Um exemplo já mencionado neste trabalho que ajuda a entender essa perspectiva pode ser na fala de Clarice ao ser perguntada se participaria como voluntária, ao que ela responde que a possibilidade seria afirmativa, caso pudesse escolher o lugar de atuação (Maracanã) para estar perto de seu ídolo (o jogador de futebol Neymar).

Contudo, essa relação de atração através da figura de carisma pode também ser entendida pelo lema voltado aos voluntários como forma de incentivo à adesão ao serviço. Isto é, ao tratar os atletas, principalmente os coroados com títulos olímpicos (símbolo de excelência), como os heróis do evento e o voluntário como “herói dos seus heróis”, mobiliza-se o carisma do ícone como referência à busca por status. Em outras palavras, como diria Weber, os carismaticamente dominados são atraídos por ter a chance de ter contato com a figura idolatrada. Entretanto, como diria Geertz, tal relação deve-se primeiramente entender a natureza desse poder, afinal, o centro que mobiliza a vida social e destaca a figura carismática é a chave para compreender adesão dos membros da sociedade ao evento.

Neste sentido, a compreensão dos Jogos como arenas, que unem instituições a discurso dominantes, que fazem surgir figuras carismáticas do meio esportivo mobiliza uma multidão, seja ela de espectadores ou, neste caso, de trabalhadores voluntários especificamente mobilizados a atuarem nesses megaeventos esportivos, é também forma de compreender como a nossa cultura se expressa: a crença da ascensão social pelo esporte e iconolatria esportiva.

### 4.3 A carreira de voluntário como “legado”

Ao longo de todo o contato com os voluntários, presencial ou online, percebi deles muitas vezes o desejo de ter a oportunidade de novamente participar dos Jogos. Essa ideia circulou por entre as falas em diversos momentos da pesquisa, principalmente após o término do evento. Esse desejo de fazer parte de outros megaeventos esportivos, por ter sido recorrente em diversos meios ao qual tive acesso (entrevistas com os voluntários, *blogs* e *vlogs* de pessoas que participaram do evento e contam a sua experiência, reportagens de sites, grupos de *Facebook*), despertou o interesse sobre esse fato: a continuidade do voluntariado de megaevento. Deste modo, resolvi dar mais atenção a esse dado e dedicar uma análise voltada aos significados para tal sentimento.

Vimos acima que uma possível interpretação para a atração de tanta gente a um evento deste porte pode ser entendido por tal evento ser um centro onde as coisas acontecem, isto é, onde mobiliza as atenções da sociedade e faz surgir figuras carismáticas que fazem querer ver de perto, estar presente nos eventos ao qual as atenções estarão voltadas.

Nesse sentido, os voluntários de megaeventos são atores pelo qual tal atração, ou o querer fazer parte, mobiliza seu engajamento nesse tipo de empreendimento. Tanto que cria certa frequência de participação, isto é, pessoas que se voluntariam para atuar em diversos eventos esportivos. Essa prática de atuar como voluntário em mais de um evento dessa natureza, chamarei de carreira, apesar de tal conceito, como atenta Bendassolli (2009), não ter uma definição específica:

(...) carreira pode significar, ao mesmo tempo, emprego assalariado ou atividade não remunerada; pertencimento a um grupo profissional (sindicalizado ou não) ou a manifestação da mais pura idiossincrasia (a carreira de um artista); vocação (algo que alguém faz com alto nível de comprometimento afetivo) ou ocupação (algo que alguém faz por necessidade ou obrigação); posição em uma organização (associada a passagens por diversos cargos na hierarquia institucional) ou trajetória de um indivíduo que trabalha por conta própria; uma fonte de informação para as empresas alocarem recursos (humanos) ou então um roteiro pessoal para a realização dos próprios desejos. (BENDASSOLLI, 2009, p. 388)

Essa noção de “carreira voluntária” é uma ideia que surgiu quando assisti a uma reportagem de um telejornal popular que geralmente passa no horário do almoço quando estava a procurar por vídeos sobre processo de seleção de voluntários para as Olimpíadas no *Youtube*. A reportagem chamava atenção para o início das inscrições para voluntários dos Jogos; para ilustrar a relevância de participar de tal processo de seletivo, eles usaram a

história de Afonso<sup>84</sup>, cuja principal façanha foi ter participado como voluntário de diversos megaeventos e já havia se inscrito para as Olimpíadas e convencido a família a também participar dos Jogos. Este personagem, desde sua aposentadoria, já havia participado como voluntário dos principais megaeventos da cidade (e também outras modalidades específicas, como o mundial de vôlei) tais como o Pan de 2007, os Jogos Mundiais Militares em 2011, a Copa das Confederações em 2013, a JMJ no mesmo ano e a Copa de Mundo em 2014, agora se preparando para participar dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016.

Outro ponto que corrobora com essa percepção veio quando ainda participava da jornada do voluntário. Lembro-me que durante a parte de treinamento presencial, na explicação das normas de conduta ao qual os EVS deveria ter ao conferir as credenciais dos clientes, um senhor interrompeu a VR que conduzia a palestra para dizer que, de acordo com sua experiência, tal abordagem não daria certo com figuras de poder, contou seu caso quando voluntário da Copa, em que um parlamentar mesmo sem credencial reivindicou sua entrada nas instalações da partida por meio da “carteirada”, isto é, o “sabe com quem está falando”, que segundo Damatta é a expressão ritualística de autoridade presente na cultura brasileira que demonstra a distinção hierárquica entre dois grupos sociais (DAMATTA, 1997).

As histórias, tanto de Afonso quanto a do senhor do treinamento, servem para pensar nessa modalidade “carreira” de voluntário. Não foram poucos os casos de EVS que haviam atuado em um ou mais megaeventos esportivos, tais como o Pan de 2007, a Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo em 2014, assim como (e que veremos a seguir, quando falarei dos grupos) a vontade de dar continuidade a este tipo de atuação em outros megaeventos esportivos, como no caso dos Jogos Olímpicos da Juventude em Buenos Aires (2018), o Pan-americano de Lima (2019) e as Olimpíadas de Tóquio (2020).

Esses episódios fazem pensar em como os megaeventos que passaram sequencialmente na cidade do Rio despertaram, sobre uma parte dos que participaram desse tipo de evento, a vontade de querer dar continuidade a tal participação. Como Teresa disse em entrevista, “os Jogos plantaram uma sementinha”. Essa “semente” pode ser traduzida por outro nome: legado.

O legado olímpico é considerado o patrimônio material e simbólico deixado pelo evento à cidade-hospedeira e aos seus cidadãos. Ela é dividida, segundo o COI, em legado econômico, ambiental, social, urbano, juvenil e desportivo. Ademais, o que interessa aqui é o

---

<sup>84</sup> A reportagem na íntegra está disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3746691/>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2019.

legado social, ou “legado humano”, pois é o lugar onde foi pensado o incentivo ao voluntariado. Num primeiro momento, discordei que tal proposta da instituição teria efeito prático, na medida em que o trabalho voluntário (como vimos no primeiro capítulo) sempre fez parte da sociedade brasileira, desde sua fundação, e cada vez mais tem se dado ênfase a tal atuação, só que mais voltado à questão da cidadania, isto é, voltada ao bem-estar e ao fazer a sua parte.

Quando o COI e, principalmente, o CO-Rio, propõem como “legado” o incentivo à atuação, penso que tal “legado” germinou e fez brotar um tipo específico de voluntário surgido deste contato: o voluntário de megaevento. O voluntário de megaevento é esse que estou descrevendo desde o princípio: o que constrói uma carreira dentro desse tipo de atuação. E podemos ver, a partir das vivências relatadas neste trabalho, que o desejo de ser voluntário em megaevento é decorrente da atuação em si.

Nesse sentido, o “legado humano” voltado ao trabalho voluntário acaba por criar um grupo de pessoas dispostas a atuarem em eventos esportivos e, como veremos no próximo ponto, nas próximas Olimpíadas. Não tenho a pretensão de dizer que quem participou das Olimpíadas não tenha se interessado em outras formas de trabalho voluntário. Talvez essa ideia possa ser tema de estudo de outras pesquisas. O que quero dizer é que durante o levantamento que fiz, pude constatar que o interesse daqueles que tiveram a experiência como voluntário dos megaeventos que ocorreram recentemente no país voltaram-se a novas oportunidades de atuarem novamente, inclusive na próxima edição dos Jogos. Tal informação casa com a noção de que o “legado” deixado pelas Olimpíadas em relação ao trabalho voluntário foi o desejo de novamente participar de megaeventos esportivos de grande visibilidade e prestígio.

Uma forma de ver esse “legado” sobre a ação voluntária deixada pelos Jogos de 2016 é pelos grupos criados nas redes sociais, pois lá é possível verificar a crescente vontade de querer participar novamente estimulada pela experiência conquistada com a atuação voluntária em evento que chama a atenção de todo o mundo. Todavia, em relação ao surgimento de grupos nas redes, Teresa sintetizou a lógica de querer interagir com a ideia de querer se manter voluntário:

Criamos um grupo no Japão de Voluntariado para as Olimpíadas do Japão. Eu achei bacana isso, porque o espírito que vai crescendo que até aquele que não tem, acho que começa a ter. Acho que vai mudando muito. Depois disso eu entrei em vários. Você vai ficando mais desprendida. Não tão apegada, né? Mais aberta e mais livre.

Após o fim dos Jogos de 2016, uma rede se mobilizou para dar continuidade ao ambiente de intercâmbio de experiência criado nos Jogos, além de também concentrar nesses grupos pessoas simpáticas à ideia de continuar tal experiência em outras competições nacionais e, principalmente, internacionais. Desse arranjo, destaco alguns grupos criados no *Facebook* que observei durante um tempo, cujo resultado poderá ser visto a seguir.

#### 4.4 Os grupos no *Facebook* e a continuidade do voluntariado de megaeventos esportivos

Durante dois anos, acompanhei três grupos no *Facebook* compostos por sujeitos que participaram ou que desejam participar em uma edição dos Jogos Olímpicos. Mas antes de falar em si dos grupos, gostaria de pensar sobre o que representa um “grupo” em uma rede social.

Em certo sentido, os grupos são o mais próximo ao que Zygmunt Bauman (2003) entendia por comunidade, só que em uma versão virtual. A noção de Comunidade, segundo o autor, é dada da seguinte maneira:

Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. (BAUMAN, 2003, p. 8)

A ideia de comunidade ou grupo nas redes sociais se refere a espaços de interesses em comum e de uma sociabilidade virtual. Mas primeiro precisamos entender: o que é virtual?

A noção de virtual, segundo Pierre Levy (2011), significa uma forma de complexificação do real que sempre tende a atualização, é sua potência e não seu ato, isto é, não representa oposição ao real, como se imagina no senso comum. Ao contrário, o virtual é a problematização da realidade demandante de uma resolução, a atualização. Esta última, por sua vez, é a resposta ao problema da virtualização. É a criação, a coisa em si. É o oposto da virtualização. Em outras palavras, “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LEVY, 2011, p. 47). Tomando como exemplo a comunidade nessa perspectiva do virtual: as comunidades virtuais podem ser entendidas como um não lugar com potencialidades semelhantes às da sociedade.

Para Castells (2011, p. 57), a noção de comunidades virtuais se refere a fontes de valores que moldam o comportamento e organizam a sociedade. Comunidade virtual é também o lugar da sociabilidade, onde é possível a interação, a troca de informação entre pessoas fisicamente distantes ou não. Tal junção dos indivíduos em uma comunidade online se dá pelo interesse em comum com as demais pessoas do grupo. O autor defende a tese de que tais comunidades virtuais foram moldadas pelos movimentos de contracultura dos anos 1960. Esse movimento tinha como proposta a liberdade de informação e de ideias, de forma horizontal e igualitária.

A sociabilidade na internet respeita as dimensões morais construídas na sociedade, ao ponto de o perfil criado na rede ser compatível com a identidade do usuário. Isso se explica, segundo Castells, pois a internet “é uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades”. (CASTELLS, 2011, p. 123).

Já para Carneiro (2007), as comunidades virtuais tendem a construir valores e normas de condutas que garantam a coerência de atores singulares, pois assim, por consequência, mantêm a reelaboração sistemática dinâmica do grupo:

Uma das singularidades da comunicação via internet consiste em que as comunidades virtuais, enquanto corpos orgânicos, definem e objetivam valores éticos e códigos informais de conduta. Tais regras devem ser aceitas por consenso e adaptadas às peculiaridades, práticas e objetivos do grupo em foco, o que propicia a reelaboração sistemática da própria dinâmica do grupo. (CARNEIRO, 2007, p. 197).

Um exemplo de comunidade virtual da atualidade que se pode observar pelos parâmetros elencados acima são os grupos de *Facebook*, uma vez que os grupos são os lugares onde as pessoas de interesses em causas comuns compartilham expectativas e relatam experiências adquiridas da vivência, debatem sobre tema de interesses gerais e notificam sobre oportunidades de interesses do grupo; como é o caso dos grupos criados para atender os interessados em participar como voluntário dos Jogos Olímpicos. Nestes grupos, são construídas redes de sociabilidade pautada no interesse sobre megaeventos esportivos – com destaque nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão – e, principalmente, no desejo em participar de tais eventos.

A escolha de trabalhar especificamente com os grupos do *Facebook* (apesar de também haver grupos de *Whatsapp*) criados por e para pessoas que participaram dos Jogos como voluntários se dá pela sua capacidade de abrigar um grande número de membros, mas não só isso. A organização dos grupos desta rede social facilita a observação na medida em que a *timeline* se transforma em um arquivo, e ainda permite que cada postagem seja amplamente comentada pelos participantes, de modo que se mantém registrada toda conversa.

Além disso, o *Facebook* também foi escolhido durante os Jogos como canal de comunicação com os EVS. Deste modo, utilizar tal recurso para analisar a experiência dos voluntários foi um meio necessário para composição deste trabalho.

#### 4.4.1 O grupo oficial: Voluntários Rio 2016 Oficial / Rio 2016 Official Volunteer Programme

Como parte final deste trabalho, apresentarei os grupos que venho observando desde o começo da Jornada Voluntária, respeitando a ordem cronológica de cada um deles e a temática preponderantemente discutida por seus integrantes. Apresentando-os como espaço (não geográfico) de interação, trocas, sentimentos, discussões, reflexão, oportunidade, etc., demonstrando, entre outras coisas, o processo de continuidade ao tema do voluntariado como forma de atuação e de participação em grandes eventos esportivos no país e fora dele. A ideia é continuar salientando a noção de “legado” vinculada à continuidade da atuação como voluntário em eventos esportivos.

Logo abaixo, apresentarei de forma sistemática, por meio de uma tabela, os dados dos grupos observados. Nela, darei destaque nos pontos em que se organiza a relação separada pelos critérios a) quais são os grupos, b) o período de atividade, c) os responsáveis pela organização (administradores e moderadores), d) o número de participantes e e) os principais temas comentados:



Tabela 4 – Grupos dos voluntários dos Jogos no *Facebook*

<b>Grupos de Voluntários do <i>Facebook</i></b>				
Voluntários Rio 2016 oficial / Rio 2016 <i>Official Volunteer Programme</i>	Período de Atividade	Organização	Participantes	Principais temas postados
	De 2014 a 2016	CO-Rio	57008 membros	Jornada voluntária (da inscrição à atuação como voluntário) e atividades durante o evento
Voluntários Rio 2016 / Rio 2016 <i>Volunteer Programme</i>	De 2016 até a atualidade	Voluntários dos Jogos Rio 2016	592 membros	Memórias da experiência olímpica e vagas de voluntário para outros eventos esportivos
Tokyo 2020 Olympic volunteers Brazil	De 2016 a 2018	Voluntários dos Jogos Rio 2016	6501 membros	Assuntos sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio em 2020 e seu Programa de Voluntariado
Voluntários Tokyo 2020	De 2017 até a atualidade	Voluntários dos Jogos Rio 2016	344 membros	Dar informações sobre os processos seletivos para voluntários de outros megaeventos esportivos

Fonte: Elaboração própria.

Em 2014, logo no início da Jornada do Voluntário, surgiu o grupo oficial de voluntários no *Facebook*. Mesmo com a Copa do Mundo em andamento naquele momento, já era bastante visível toda a preparação do CO-Rio para colocar à frente o evento de 2016, na medida em que eles construíram toda uma forma de abranger a população, persuadindo com propagandas que circulavam por todos os canais de informações (internet, tevê, rádio) com os heróis olímpicos convocando as pessoas a aderirem a campanha de voluntariado, mesmo com uma forte movimentação de oposição aos megaeventos no país – como as que aconteceram nas jornadas de junho, como aponta Damo e Oliven (20014).

A ideia da organização era transformar este espaço em um dos canais de informação entre os candidatos inscritos no processo de seleção dos voluntários dos Jogos e os organizadores. O grupo era administrado pelos representantes do CO-Rio, mais precisamente por pessoas vinculadas à UNESA, que naquele momento ocupavam o papel de Voluntários Recrutadores. Esta função de administrar e “alimentar<sup>85</sup>” o grupo ficou sob a responsabilidade de quatro pessoas, divididas entre as funções de administrador e moderador do grupo.

<sup>85</sup> Termo “alimentar” é designado para aludir o ato de preencher o espaço virtual com informações.

Segundo o *Facebook*<sup>86</sup>, as funções de administrador e de moderador funcionam da seguinte maneira:

Tabela 5 – Descrição das funções de administrador e moderador e o que elas podem fazer

Atribuições	Administrador	Moderador
Tornar outro membro um administrador ou moderador	X	
Remover um administrador ou moderador	X	
Gerenciar as configurações do grupo (por exemplo, alterar o nome do grupo, foto da capa ou configurações de privacidade)	X	
Aprovar ou negar solicitações de participação	X	X
Aprovar ou negar publicações no grupo	X	X
Remover publicações e comentários em publicações	X	X
Remover ou bloquear pessoas do grupo	X	X
Fixar ou desafixar uma publicação	X	X

Fonte: *Facebook*.

As primeiras publicações do grupo foram realizadas pela equipe de VRs dando os informes relacionados à jornada de treinamentos. A principal função do grupo foi divulgar as etapas da Jornada e incentivar, por meio de vídeos promocionais e postagens, os processos seletivos das atividades vinculadas aos Jogos: a própria jornada, o revezamento da tocha olímpica, as inscrições para Voluntário da Cerimônia.

Esta rede social foi uma das formas de unir pessoas diversas, de lugares diferentes, em um mesmo local, antes mesmo do evento fazer isso. Através deste grupo, criaram e

<sup>86</sup> Ver: <<https://www.facebook.com/help/901690736606156?helpref=related>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

adicionaram todos os interessados em se voluntariar. A organização do evento foi consolidando este grupo para divulgar o Programa de Voluntariado e atrair as pessoas não só da cidade, do estado ou do país, mas do mundo. O grupo era o principal meio de comunicação entre os organizadores e os voluntários, além de ser o principal meio de produção e publicização de materiais direcionados ou feitos pelos próprios voluntários, sendo também o espaço de sociabilidade e compartilhamentos das impressões, expectativas e experiências sobre o passo a passo dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Por dois anos (de 2014 a 2016), esse grupo funcionou com regularidade. Sua movimentação era reflexo da adesão dos voluntários de diversas partes do país e ainda de outros lugares do mundo. O grupo chegou a ter mais de sessenta mil integrantes, mesmo sendo um grupo secreto, daqueles em que só entra quem é convidado. E todas as atividades relacionadas à atuação dos voluntários nos Jogos eram publicadas por este canal, do começo da inscrição até o encerramento das Paralimpíadas.

Com o fim dos eventos e a dissolução do Comitê Organizador, as atividades do grupo foram encerradas. O grupo em si não deixou de existir, mas não se pode publicar mais nenhum tipo de mensagem na *timeline*, pois os responsáveis pela administração do grupo também terminaram seus serviços relacionados ao evento. Hoje em dia, para aqueles que não desfizeram suas participações, o grupo ainda funciona como um arquivo histórico do período e das experiências obtidas nos Jogos de 2016. A continuidade do contato entre os integrantes que ainda se interessavam em participar em outros eventos esportivos ficou por conta de outros grupos criados por participantes deste grupo, só que com a intenção de prosseguir os informes sobre o processo e a preparação dos próximos megaeventos esportivos. A seguir, veremos tais grupos e como estes se organizaram sobre a questão da continuidade da carreira como voluntários de megaeventos esportivos.

#### 4.4.2 Grupo 2: Voluntários Rio 2016 / Rio 2016 *Volunteer Programme*

Após o encerramento dos Jogos, as atividades da página oficial dos voluntários no *Facebook* deram uma desacelerada até a parada final, com o aviso do fim. Alguns membros que não se sentiram satisfeitos com o possível rompimento dos laços costurados durante o período em que atuaram como voluntários, a perda do contato com os demais colegas e o fim

das trocas de experiências, perspectivas e até mesmo de materiais dos próprios Jogos, de imediato criaram novos grupos para continuar as trocas e os contatos.

Com a intenção de abarcar o máximo de voluntários interessados em continuar essa rede que construíram, eles fizeram uma ampla divulgação no grupo oficial antes de encerrar as atividades, para que os demais colegas pudessem migrar para o novo grupo, e dessa forma não perder nem os contatos e nem os registros dos momentos vividos em 2016, além de discutir sobre os próximos Jogos, que apesar de ainda timidamente já ensaiavam uma movimentação dos interessados em participar da próxima edição dos Jogos.

Em setembro de 2016, foi criado o grupo denominado de Voluntários Rio 2016 / Rio 2016 *Volunteer Programme*, que, por ser um grupo fechado, dependeria da chancela do administrador para entrar, e foi composto por seiscentos e quarenta e oito membros interessados no tema do voluntariado olímpico e que de alguma forma participavam do grupo anterior, pois foi por lá que os administradores convidaram os simpatizantes do tema do voluntariado e competições esportivas.

O grupo possibilitou dar continuidade à participação virtual das pessoas que haviam participado como voluntários e as que tinham interesse neste tipo de atuação. No início, as participações e postagens tinham uma assiduidade de pelo menos quatro postagens por semana, e às vezes até mais de uma no mesmo dia. A maioria das mensagens era sobre o “legado” olímpico para o esporte, isto é, as arenas e instalações esportivas que recebiam outras competições e que abriam visitação para a população, ou até mesmo abriam a convocação para voluntários auxiliarem no andamento das competições<sup>87</sup>. Também era comum ver alguns vídeos (postados por um dos administradores do grupo) sobre o “legado olímpico” e as instruções para o acesso e uso das instalações do Parque Olímpico.

Depois de um tempo, o grupo foi enfraquecendo. Podia-se perceber que não eram muitas as pessoas que postavam. Desse modo, coube aos administradores manter a atividade do grupo. Geralmente, os demais membros costumavam interagir quando era alguma postagem sobre lembranças ou trocas de informações, reencontros e etc. Mas, em especial, existia uma faísca que ajudava a acender a sensação do “espírito voluntário”: as notícias de competições esportivas que solicitavam a presença de voluntários para compor o serviço do

---

<sup>87</sup> Como foi o caso do 64º Aberto brasileiro de golfe, disputado no campo olímpico de golfe em Jacarepaguá, que abriu vaga para 90 voluntários. Ver: <<https://www.cbg.com.br/?p=14192&fbclid=IwAR1f-xo8aUNDfaNjGTD1PkmpG-UYVHQ1if3XF7eO2y3h1ULDi571Vw3Q4rc>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2019.

evento. Isso mobiliza ainda comentários e as manifestações de alguns dos membros do grupo interessados em participar.

Na passagem para 2017, o grupo ainda manteve uma regularidade de postagens, porém bem menor do que no início: havia intervalo de 10 a 12 dias para as postagens. O grupo retomou as discussões com a aproximação de grandes competições esportivas que suscitavam a presença de voluntários como parte da equipe, foram elas: a Copa do Mundo da Rússia, em 2018, só que com menos empolgação por conta da distância e do custo de se manter no país; os Jogos Olímpicos da Juventude em Buenos Aires, também em 2018, que despertou o interesse maior dos integrantes do grupo por conta da proximidade tanto geográfica quanto do idioma; o Pan-americano de Lima, em 2019, em que os integrantes demonstravam expectativas parecidas com a do evento na Argentina por terem mesmas características em comparação aos outros megaeventos; por fim, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio, em 2020, que desperta ao mesmo tempo o saudosismo da edição do Rio e o desejo de participar novamente de uma Olimpíada, mas que ainda depende de certas condições para efetiva atuação.

Na atualidade, o grupo se detém um pouco mais sobre os Jogos de Tóquio, principalmente em 2018, quando se iniciaram as inscrições do processo seletivo dos EVS. Além disso, o grupo também divulga informações e resultados sobre o desempenho de atletas e das equipes brasileiras que estão em disputa pela classificação nas Olimpíadas de Tóquio. Mas, vez ou outra, também posta competições nacionais, sempre relacionado às modalidades olímpicas ou a eventos que têm convocação para voluntários.

#### 4.4.3 Grupo 3: Tokyo 2020 Olympic Volunteers Brazil

Por fim, o último grupo, também fruto da ramificação do grupo oficial, mas com uma proposta diferenciada do anterior, traz consigo não a tentativa de reviver lembranças, mas sim a experiência e/ou trocas na expectativa de planos futuros. Ou seja, almejam participar como voluntários (novamente ou pela primeira vez) dos próximos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. É desse modo que o grupo denominado Tokyo 2020 Olympic Volunteers Brazil aparece no cenário de pesquisa.

O foco deste grupo, como o nome já sugere, é a ida à próxima cidade-sede das próximas Olimpíadas e Paralimpíadas. Neste sentido, o que mais tem a ver no grupo são as

trocas “não econômicas” que as pessoas estão fazendo para entender melhor o Japão e as dicas que contribuam para se tornar voluntário nesta edição: informações sobre o programa de voluntários, experiências de viagem, cursos de línguas, rotas e hospedagens, orçamento para viajar e permanecer o tempo do evento no país, os costumes, a cultura, entre outras curiosidades relacionadas ao país.

Esse grupo, que assim como o outro também é fechado e deriva, na maior parte, da rede de voluntários formada em 2016, possui seis mil quatrocentos e seis membros. Suas postagens são especificamente sobre cultura, paisagem, expectativas e compartilhamento de informações sobre voluntariado em Tóquio para os jogos de 2020. Entretanto, as únicas postagens que destoaram do tema central do grupo (os Jogos de Tóquio) foram compartilhamento e incentivo para a participação de voluntários para os Jogos Olímpicos da Juventude, que acontecerá em Buenos Aires (Argentina) em 2018, e no Pan-americano em Lima (Peru) em 2019, demonstrando uma grande campanha em favor da atuação voluntária, em diferentes eventos esportivos, que pode ser interpretada como “legado” deixado pelos Jogos Olímpicos.

Entretanto, em 2018 os voluntários começaram a se mobilizar novamente, em boa parte por conta do evento olímpico da juventude sediado na Argentina, mas ainda mais por conta do início da inscrição para o processo de escolha dos voluntários para as Olimpíadas no Japão. O link para a inscrição e para participar do grupo oficial dos voluntários das Olimpíadas japonesas foi disponibilizado nos grupos que eu já vinha fazendo observação. A diferença é que, ao começar o processo de seleção dos Jogos do Tóquio, o grupo voltado a esse propósito foi excluído, isto é, foi liquidada a conta do histórico do Facebook (diferente do grupo oficial das Olimpíadas do Rio, que ainda mantém a memória dos Jogos nesse grupo, mesmo inativo). Uma parte dos membros remanescentes deste grupo, por sua vez, criou um outro grupo (voluntários brasileiros Tóquio 2020), e outra parte migrou para o grupo oficial dos Jogos Olímpicos sediados no Japão. Assim que descobri, requisitei participação para ambos os grupos.

O primeiro era um grupo fechado com cerca de 400 membros, muitos ainda pertencentes do grupo 2. O grupo “Voluntários Tokyo 2020” surgiu da dissolução do grupo “Tokyo 2020 Olympic Volunteers Brazil”, e basicamente deu continuidade aos assuntos iniciados pelo grupo anterior, principalmente as informações sobre o processo de seleção de voluntário para as Olimpíadas da Juventude que aconteceriam naquele ano 2018, em Buenos Aires na Argentina.

O grupo oficial dos voluntários do Tóquio, diferente do grupo dos Jogos do Rio, não é secreto, porém é necessário passar por um questionário sobre as Olimpíadas e, após esse processo, esperar pela confirmação dos administradores. Até o momento de composição desta dissertação, não houve confirmação para participar do grupo. Por este motivo, sua análise ficará para trabalhos futuros.

Pensando nessa formação de contatos, ao longo da construção e consolidação dos eventos olímpicos, podemos perceber que as redes foram uma ferramenta chave para a disseminação do “ser voluntário”. O desejo em participar dos megaeventos tornou-se uma entrada inerente à elaboração de discurso de “ser voluntário olímpico”. A internalização do discurso cria o sentimento de pertencimento e o centro de poder, a vontade de participar. Esses elementos unidos geram, por consequência, um grande número de mão de obra para os eventos esportivos que auxiliam seu funcionamento, mas que também aliviam os cofres do Comitê Olímpico. Desse modo, o “espírito voluntário”, gerado desses megaeventos, se expande como um fenômeno intrinsecamente ligado ao “fazer parte” do acontecimento, que, por sua vez, conta cada vez mais com o comprometimento desses atores para o sucesso de seu empreendimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio em 2016 foram o maior evento esportivo que a cidade recebeu ao longo de sua história. No entanto, sua recepção envolveu, em tempos diversos, uma mistura de expectativa e revolta. Expectativa de sediar um evento internacional e ter os olhares do mundo sobre a cidade, que, por sua vez, teve que se ajustar, “arrumar a casa” para receber a visita, provar que o país teria estrutura para suportar um evento desse tamanho sem deixar a desejar. Por outro lado, parte da população, já impaciente com os representantes políticos e sentindo na pele as crises que afetaram o estado, puseram em questão que suas prioridades eram outras; que os gastos com os megaeventos que o país sediaria deveriam se destinar a priorizar setores e políticas de que a população mais carecia, como saúde, educação, segurança, etc.

As incertezas remetiam à capacidade de a cidade abrigar um evento de tamanha proporção. A cidade teve de se ajustar não só em sua estrutura física, mas também às normativas dos órgãos internacionais responsáveis pelo evento, com o atraso das obras, a pressão do COI, a crise política e econômica que atravessava o país, as manifestações que tomaram as ruas em junho de 2013 questionando, entre outras coisas, a serventia dos megaeventos para a população. Essa desilusão em relação aos impactos positivos do evento para a cidade e sua população acentuou a incerteza sobre a realização e o sucesso dos Jogos em sua primeira vez no país.

Mesmo rodeado pelas incertezas, o CO-Rio seguiu mantendo as metas previstas para a execução dos Jogos. Uma delas foi a já tradicional seleção dos voluntários do evento. O CO-Rio, no início do processo, projetava a participação de 70 mil voluntários, mesmo número utilizado na edição anterior dos Jogos, em Londres. Entretanto, tal expectativa de adesão não se consolidou e os organizadores fizeram ajustes para garantir um número ainda massivo de participantes voluntários. Uma delas foi a prorrogação do prazo de inscrição, de agosto de 2014 a dezembro do mesmo ano.

Outra medida foi diminuir a meta para 50 mil, dividindo-os entre 35 mil para os Jogos Olímpicos e 15 mil para os Jogos Paralímpicos. Além disso, os organizadores utilizaram todos os canais de comunicação, particulares e públicos, para espalharem a notícia de que a seleção para o time de voluntários estava aberta. E mais: propagandas foram divulgadas por agência de emprego e recursos humanos, federações esportivas, associações profissionais, secretarias, escolas e universidades, etc. Tal esforço deu algum resultado: 160 mil inscritos



para a seleção. Mas o número ainda era abaixo do esperado, pois o CO-Rio estipulava a inscrição de 300 mil candidatos, como houve na edição de Londres.

A seleção para compor a força de trabalho voluntário foi organizada pela UNESA, empresa parceira do Comitê Olímpico, que disponibilizou sua estrutura e, além disso, seus funcionários e alunos. Esse processo de incentivar a participação voluntária de seus “colaboradores” (como a instituição os chamavam) fazia parte do programa de responsabilidade social corporativa, “Educar para transformar”<sup>88</sup>. Mas, para a empresa, a estratégia de participação era voltada para a divulgação da marca, visando atrair mais clientes e investidores.

A principal atribuição dos voluntários vinculados à instituição de ensino foi a de recrutar, entre os milhares de inscritos, o quantitativo pertinente para ser utilizado na efetivação dos Jogos. Para tal empreitada, os organizadores preparam uma bateria de testes e treinamentos, online e offline, buscando abranger o quantitativo de candidatos. Esse processo foi chamado de Jornada do Voluntário, no qual o candidato passava pelas etapas necessárias para se tornar um voluntário.

Essa jornada, de alguma maneira, fazia alusão ao ciclo de transformação do herói. Campbell (1997) afirma que a história do herói (monomito) sempre segue a mesma estrutura. Foi nesse sentido que analisei a Jornada do Voluntário, pois no começo o processo de recrutamento e até mesmo em boa parte do treinamento, o lema “seja herói dos seus heróis” foi exaustivamente explorado pelos organizadores. Dito de outra maneira, a ideia da Jornada foi evocar o arquétipo do herói como um sujeito excepcional e vinculá-lo ao voluntário olímpico por sua integração a um serviço nobre e altruísta, tal como o atleta, outro herói olímpico, ao doar-se em prol da vitória de seu time.

A ideia de “time” foi recorrente nos discursos durante o treinamento dos voluntários. Do ponto de vista deste trabalho, o treinamento não visava somente capacitar os voluntários; tinha como intenção convencê-los a fazer parte do time, interpelá-los a sujeitar-se (ALTHUSSER, 1980). Deveriam vestir a “camisa do time” e suá-la para cumprir a missão de entregar um espetáculo digno para seus clientes.

O treinamento também serviu para a construção dessa identidade comum: o EVS. Entretanto, como vimos, os EVS são fragmentados em diversas funções, divididas entre especialistas e generalistas. Os primeiros, selecionados conforme a formação prévia e habilidades específicas. Já os segundos sem nenhuma especificidade, *a priori*.

---

<sup>88</sup> Ver o capítulo 1, subitem 1.3.1.

A principal distinção entre os voluntários e seus cargos podia ser percebida pelos uniformes. A cor vermelha para equipe de EVS do serviço médico; o uniforme para os voluntários específicos do esporte. As outras cores, amarelo e verde, foram direcionadas às equipes de operações e ao EVS de atendimento ao público, cuja especificação, se era generalista ou especialista, não se via pela cor do uniforme, mas pelo serviço em que atuavam.

Outro tipo de integrante também importante no evento foram os voluntários artísticos da cerimônia, que atuaram durante as apresentações de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Um desses voluntários foi Teresa, que me contou da sua experiência e de seu grupo (que mantém desde os tempos de faculdade). Relatou experiências de atuar na abertura das Paralimpíadas, e também sobre o aprendizado que construiu da interação com pessoas de diversos lugares.

A análise dessa experiência, além de ricos dados sobre o processo de preparação da apresentação, me permitiu compreender como os Jogos despertaram essa vontade coletiva de estar perto, de fazer parte, o desejo de dar continuidade à atuação e estreitar as redes criadas nessa oportunidade. Tais redes criadas se costuram antes (o treinamento), durante (a atuação) e depois do evento (a formação dos grupos de voluntários brasileiros no *Facebook*).

A continuidade do contato, estimulada pela vontade em querer novamente participar de um megaevento esportivo é o que neste trabalho consideramos o “legado” das Olimpíadas, visto que os outros ainda são controversos em relação ao que foi deixado à população. Não que nessa perspectiva o voluntário de megaeventos seja visto como o único “legado”, mas é o que mais se aproxima com o debate construído aqui.

Quando o Comitê Organizador do Rio 2016 colocou como contrapartida da recepção dos Jogos, o incentivo ao voluntariado, ele dá a entender, de um lado, que o trabalho voluntário não faria parte da cultura no Brasil. Ponto refutado por Landim (2001), ao afirmar que tal impressão deriva da atual visibilidade do tema pela opinião pública, principalmente pela adoção de institutos privados. A autora considera, entretanto, que essa atuação sempre existiu na informalidade. De outro lado, o CO-Rio dá a entender que tal incentivo segue uma tendência do mercado neoliberal, sobre a ideologia da responsabilidade social, onde os novos voluntários – termo utilizado por Cunha (2005) para se referir ao voluntariado ligado às empresas – exerce uma dupla atuação: (a) busca promover a transformação social pela ação cidadã; (b) torna-se um meio de melhorar a imagem da empresa frente à sociedade, isto é, “a empresa cidadã é aquela que tem responsabilidade social” (CUNHA, 2005, p. 37). Se a

sociedade brasileira (segundo Landim) dispõe de certa tradição nesse tipo de atuação, por que na edição brasileira dos Jogos o “legado” humano incluía o incentivo ao trabalho voluntário?

O aprofundamento dessas ideias pode ser tema de outros trabalhos futuros. Aqui, me detive na investigação dos grupos de voluntários que participaram da edição dos Jogos Olímpicos no Rio e no desejo de alguns integrantes de participarem dos próximos megaeventos esportivos, inclusive da próxima edição dos Jogos que será em 2020, na cidade japonesa de Tóquio.

O exercício analítico nesta dissertação consistiu na exploração de diferentes perspectivas que analisam a figura do trabalho voluntário, tomando como base a bibliografia (Coelho, Landim, Gohn, Leite, Nunes, entre outros), e na investigação dos sentidos atribuídos ao voluntariado em um megaevento esportivo (os Jogos Olímpicos e Paralímpicos), pelos organizadores e pelos voluntários. Em outras palavras, esta pesquisa versou sobre a questão dos sentidos que o trabalho voluntário pode representar, levando em conta a experiência dos voluntários de megaeventos esportivos em relação a outros tipos de trabalhos voluntários exercidos em ONGs, organizações sociais e igrejas.

Desse modo, o que pretendi desenvolver foram caminhos para debater criticamente o serviço voluntário em megaeventos esportivos para além da lógica do desempenho, considerando a construção de redes de sociabilidades e de uma identidade de grupo, a partir do compartilhamento de experiências oriundas dessa atuação.

A observação dos grupos de voluntários no *Facebook* permitiu-me concluir que o desejo em dar continuidade ao “fazer parte” transcende uma única edição do evento, constituindo parte de uma constante busca de permanecer no centro de poder e fruir do prestígio de fazer parte de um megaevento esportivo e internacional, ao mesmo tempo em que se acumula um certo “capital de relações”<sup>89</sup> que possa, talvez, no futuro, propiciar outras oportunidades na área ou fora dela.

---

<sup>89</sup> Inspirado em *Capital social*, de Bourdieu.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

AZEREDO, Debora. Voluntariado corporativo: motivações para o trabalho voluntário. Artigo selecionado dos anais - *XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção*. Edição especial/dezembro de 2007. Disponível em: <[www.producaoonline.ufsc.br](http://www.producaoonline.ufsc.br)>. Acesso em: 18 jun. de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BECKER, Howard (1960). "Notes on the concept of commitment". In: *American journal of Sociology*, v. 66, n. 1, pp. 32-40.

BENDASSOLLI, Pedro F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. *era – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 49, n. 4, out./dez. 2009, pp. 387-400. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n4/v49n4a03.pdf>>. Acesso em: 28 de jan. de 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.

CARNEIRO, Sandra. *A pé e com fé: brasileiros no caminho de Santiago*. São Paulo: Attar editorial, 2007.

CASTELLS, M. Comunidades virtuais ou sociedades de rede? In: *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COELHO, Simone de Castro Tavares. *Terceiro setor: um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: SENAC, 2002.

COMITÊ Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. *Caderno de Treinamento Rio 2016*, pp7-77. rio2016.com.

CUNHA, Márcia P. *Os andaimes do novo voluntariado*. 2005. 150f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. "Ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues". In: NUNES, E. (org). *A aventura sociológica*. RJ: Zahar, 1978.

DAMO, Arlei; OLIVEN, Ruben. *Megaeventos Esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas: Armazém do Ipê, 2014.

DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

FERRELL, O. C.; FRAEDRICH, J. e FERRELL, L. *Ética Empresarial. Dilemas, Tomadas de Decisões e Casos*. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2001.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOURNEAU, Lucelena; SERPA, Daniela. Responsabilidade Social Corporativa: uma Investigação Sobre a Percepção do Consumidor. *RAC – Revista de Administração Contemporânea*, v. 11, n. 3, Jul./Set. 2007, pp. 83-103. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v11n3/a05v11n3.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

GEERTZ, Clifford. *Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder*. In: O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Sociedade Civil no Brasil: movimentos sociais e ONGs. *Meta: Avaliação*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 14, p. 238-253, mai./ago. 2013.

GONZALEZ; MARIZ: Jornada Mundial da Juventude Rio 2013. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, pp. 14-37, 2017.

LADIM, Leilah. *A invenção das ONGS: do serviço invisível à profissão impossível*. Tese de doutorado. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro: 1993.

LANDIM, L.; SCALON, M. C. *Doações e trabalho voluntário no Brasil – uma pesquisa*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. As Pessoas. Voluntariado, Recursos Humanos, Liderança. *Seminário “Filantropía, Responsabilidad Social y Ciudadanía”*, CEDES – Fundación W.K.Kellogg Antigua, Guatemala 3-5 Abril, 2001. Disponível em: <<http://www.lasociedadcivil.org/wp-content/uploads/2014/11/landim.pdf>>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_. Experiência militante: histórias das assim chamadas ONGs. *Lusotopie*, 2002/1, pp. 215-239. Disponível: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/landim.pdf>>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_. Entrevista. Folha de São Paulo (plataforma digital). SP: 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2602200115.htm>>. Acesso em: 2017.

LEITE, Márcia P. Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da cidadania e da política no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, 2000.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2ª ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Ubu. 2017.

MONTEIRO, Poliana; COSENTINO, Renato. *Projeto, orçamento e (des)legados olímpicos*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2017.

MOTTA, Luiz Eduardo. *A favor de Althusser: revolução na teoria marxista*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Gramma: FAPERJ, 2014.

NETO, Otávio C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

NUNES, Denise Cardoso Garcia. *Qual a importância do trabalho voluntário para Sustentabilidade de organizações não-governamentais?* Dissertação de mestrado. 150p. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2009.

PIACENTINI, Patrícia. Trabalho Voluntário no Brasil: parcela pequena que se engaja nesse tipo de iniciativa. *Revista Pré-Univesp*. São Paulo: n. 61, dez16/jan2017. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/trabalho-voluntario-no-brasil#.WVm41xXyvIX>>. Acesso em 25 de março de 2016.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na Internet. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Manaus, AM: 4a7/9/2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, 1992.

POSE, Solange. *Olimpíadas 2016 mais Professores: um legado de ouro na capacitação de voluntários*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2017.

POYTER, G. Regeneração Urbana e Legado Olímpico de Londres 2012. In: *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

SAJI, G. *Gestão da Diversidade no Brasil: apresentação de um modelo brasileiro*. 2005. 62f. Dissertação (MPA) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, 2005.

SILVEIRA, Paulo. A interpelação ideológica: a entrada em cena da outra cena. *Revista: A peste*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/apeste/article/view/12080/8753>>. Acesso em: 02 jan. de 2019.

SILVA, M.; SOUZA, C.; FARIAS, M. O Terceiro Setor: Um agente de transformação na sociedade. *Janus*, Lorena, n. 17, jan./jun., 2013, p. 89-094.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Patrícia Lânes Araujo de. *Entre becos e ONGs: etnografia sobre engajamento militante, favela e juventude*. Tese (Doutorado em Administração) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ. *Relatório de Sustentabilidade*, 2016. Disponível em: [http://portal.estacio.br/educar\\_paratransformar/teste/cidadania-noticia.html](http://portal.estacio.br/educar_paratransformar/teste/cidadania-noticia.html)> acesso em: 18 de jan. 2019.

WEBER, Max. Conceitos Sociológicos Fundamentais. In: *Economia e Sociedade*. 4ª ed. Brasília: Editora UnB, 2012.

\_\_\_\_\_. Os tipos de dominação. In: *Economia e Sociedade*. 4ª ed, Brasília: Editora UnB, 2012.

WOJSLAW, Eliane. Reflexões sobre diferentes abordagens do conceito de signo linguístico. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 32, n. 1, p. 91-105, jan./jun. 2010.

## FONTES CONSULTADAS

CABALLERO, M; GRILLO, M. Comitê organizador começa recrutar 70 mil voluntários para as Olimpíadas Rio 2016. O Globo. 2015. Disponível em:> <https://oglobo.globo.com/rio/comite-organizador-comeca-recrutar-70-mil-voluntarios-para-as-olimpiadas-de-2016-15666764> > acessado em 01 de fev de 2018.

COMITÊ Olímpico Brasileiro. Comitê olímpico internacional (COI). Disponível em:<<https://www.cob.org.br/pt/cob/documentos/comite-olimpico-internacional-coi>> acessado em 12 de janeiro de 2018.

COMITÊ Olímpico Internacional (COI). Jogos Olímpicos de verão. Disponível em: <<https://www.olympic.org/>> acessado em 12 de jan. de 2018.

COMITÊ Organizador do Evento Olímpico e Paralímpico Rio 2016. Caderno de treinamento Rio 2016. Disponível em: <http://www.rio2016.com> acessado em 17 de abril de 2016.

\_\_\_\_\_. Rio prorroga inscrições para trabalho voluntário. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/11/rio-2016-prorroga-inscricoes-para-trabalho-voluntario>> acessado em 1 de jan. de 2018.

\_\_\_\_\_. Portal do voluntário. Disponível em: <<http://portaldovoluntario.rio2016.com>> acessado em 17 de abril de 2016.

GLOBO Esporte. Rio 2016 divulga lista dos primeiros 50 mil voluntários selecionados. Disponível: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/11/rio-2016-divulga-lista-dos-primeiros-50-mil-voluntarios-selecionados.html> > Acessado em 15 de set. de 2016.

\_\_\_\_\_. Rio abre dossiê dos Jogos de 2016 e usa o Pan como ponto forte da candidatura. Disponível em: [http://globoesporte.globo.com/esportes/noticias/mais\\_esportes/0,,mul1000676-16317,00-rio+abre+dossiê+dos+jogos+de+e+usa+o+pan+como+ponto+forte+da+candidatura.html](http://globoesporte.globo.com/esportes/noticias/mais_esportes/0,,mul1000676-16317,00-rio+abre+dossiê+dos+jogos+de+e+usa+o+pan+como+ponto+forte+da+candidatura.html) acessado em 24 de jun. de 2018.

\_\_\_\_\_. Rio 2016 recruta voluntários para cerimônias de abertura e encerramento. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/05/rio-2016-recruta-voluntarios-para-cerimonias-de-abertura-e-encerramento.html>> Acessado em 05 de jan. de 2019.

MINISTÉRIO do Esporte. Conheça os benefícios de ser voluntário nos jogos Rio 2016. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/10/conheca-os-beneficios-de-ser-voluntario-nos-jogos-rio-2016>> acessado em 1 de jan. de 2018.

REIS, Rafael. A crise econômica, as olimpíadas e a calamidade no Rio. Esquerda Diário. 2016. <http://www.esquerdadiario.com.br/A-crise-economica-as-olimpiadas-e-a-calamidade-no-Rio> acessado em 08 de jul. de 2017.

RIO 2016: quem são os verdadeiros ganhadores e perdedores. Carta Capital. 2016. Disponível em: <[www.cartacapital.com.br/sociedade/rio-2016-quem-sao-os-verdadeiros-ganhadores-e-perdedores](http://www.cartacapital.com.br/sociedade/rio-2016-quem-sao-os-verdadeiros-ganhadores-e-perdedores)> acessado em 08 de jul. de 2017.

SECRETARIA Municipal de Esporte, Lazer e Juventude. Rio 2016: estudos. Disponível em: <[http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4379008/4130519/RIO2016\\_estudos\\_PORT.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4379008/4130519/RIO2016_estudos_PORT.pdf)> acessado em 1 de jan. de 2018.

## VÍDEOS CONSULTADOS

ANUNCIO ao vivo das Olimpíadas no Rio de Janeiro 2016. Canal top dez info. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y1s13NMhhyE> > acesso em 14 de fevereiro de 2018.

CERIMÔNIA de Abertura do Rio 2016 Completa | Jogos Olímpicos Rio 2016. 1 vídeo (240 min.). 2016. Disponível em : [https://www.youtube.com/watch?v=N\\_qXm9HY9Ro&t=870s](https://www.youtube.com/watch?v=N_qXm9HY9Ro&t=870s) > acesso em 14 de fevereiro de 2018.

JORNAL Nacional - Rio 2016 escolhida sede olímpica em 2009. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Video Archive. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b7WA1tHaOR8>> acesso em 09 de set. de 2018.

MEU DNA é Olímpico – que venha o maior evento. Propaganda Rio 2016. Canal Rio 2016. 1 vídeo (2min). 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/rio2016video>> acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

RIO 2016 - Delegação brasileira se emociona com escolha do Rio para as Olimpíadas. 1 vídeo (2min). Publicado pelo canal Ana Clara Soares. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pAnrHUyiPz8>> acesso em 09 de set. de 2018.

RIO 2016 - Vídeo da candidatura às Olimpíadas 2016. LeMarc26RJ. 1 vídeo (3min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UJ10YfNE7\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=UJ10YfNE7_c) > acesso em 14 de fevereiro de 2018.



SEJA HERÓI dos seus heróis - Rio 2016. Propaganda de recrutamento para Voluntários Rio 2016. Canal Rio 2016. 1 vídeo (1min). 2015. Disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=0jDT4roAdKM> > acesso em: 28 de junho de 2017.

TRANSFORMACION de una ciudad olimpica: Barcelona 1986-1992. OfinciaPM. 1 vídeo (8min). s/d. Disponível em: <https://youtu.be/Hz2WSAXja6M> > acesso em 6 de janeiro de 2019.

## APÊNDICE A – Questionário aplicado aos voluntários dos jogos

Olá galera, boa tarde!

Eu me chamo Magno Melgaço, sou sociólogo, professor e estudante da pós-graduação em Ciências Sociais na Uerj. Assim como vocês, eu me candidatei para ser voluntário, fiz entrevistas, dinâmicas tanto presencial quanto na plataforma online, fui à cidade do samba buscar minha credencial e o meu uniforme, fui escalado para atuar (na arena de vôlei de praia em Copacabana). Por este motivo, estou fazendo uma pesquisa sobre os voluntários dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio, e gostaria de saber de vocês, colegas voluntários, como foi a experiência de participar desses Megaeventos na Cidade Maravilhosa! Assim, peço, por gentileza, a participação de todos que puderem colaborar com a pesquisa, estarei disponibilizando algumas perguntinhas. Em apenas 10 minutinhos é possível responder. Basta responder e enviar para o meu e-mail: [magnofsmelgaco@gmail.com](mailto:magnofsmelgaco@gmail.com).

Desde já agradeço muito a atenção e colaboração.

Desejo a todas e todos uma excelente semana!

### Questionário

1. Pode me dizer sua idade e escolaridade?
2. Você trabalha? Em quê?
3. Por que você escolheu se candidatar a uma vaga como voluntário?
4. Quanto tempo você participou do evento?
5. O que significou para você essa experiência de ter sido voluntário?
6. Cite uma coisa que você gostou muito de aprender.
7. Quais os benefícios você acha que a sua atuação como voluntário trouxe para você?
8. Quais os benefícios você acha que a sua atuação como voluntário deu ao evento?

9. Você atuaria novamente como voluntário?

10. Se você pudesse mudar alguma coisa no trabalho, o que você mudaria?

ANEXO A – A credencial de EVS



## ANEXO B – Linha do tempo da jornada do voluntário



Fonte: <<http://www.rio2016.com>>. Acesso em 2016.

## ANEXO C – As imagens da propaganda “seja o herói dos seus heróis”

**SEJA O HERÓI DOS SEUS HERÓIS. SEJA VOLUNTÁRIO DOS JOGOS RIO 2016.**

Inscrite-se no Programa de Voluntários dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Esta é sua chance de fazer parte da realização do maior evento esportivo do mundo. Venha sentir de perto a atmosfera dos Jogos, ter contato com outras culturas, participar de treinamentos exclusivos, cursos de inglês online e viver uma experiência incrível para toda a sua vida.

**FAÇA PARTE DO TIME RIO 2016.**

**César Cielo,**  
Campeão Olímpico de natação

**María Eduelle,**  
Voluntária Rio 2016

Nadador e medalhista olímpico César Cielo acompanhado de uma voluntária.

**SEJA O HERÓI DOS SEUS HERÓIS. SEJA VOLUNTÁRIO DOS JOGOS RIO 2016.**

Inscrite-se no programa de voluntários dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Você vai receber treinamentos exclusivos, curso de inglês online, conhecer diferentes culturas e ajudar na realização do maior evento esportivo do planeta. São diversas oportunidades e todo mundo pode participar.

**FAÇA PARTE DO TIME RIO 2016. INSCRIÇÕES: RIO2016.COM/VOLUNTARIOS OU PELO TELEFONE 3004-2016.**

**Ricardo Prado,**  
Medalhista Olímpico

**Marcelo,**  
Voluntário Rio 2016

Ex-nadador e medalhista olímpico Ricardo Prado acompanhado de um voluntário.

**SEJA O HERÓI DOS SEUS HERÓIS. SEJA VOLUNTÁRIO DOS JOGOS RIO 2016.**

Inscrite-se no programa de voluntários dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Você vai receber treinamentos exclusivos, curso de inglês online, conhecer diferentes culturas e ajudar na realização do maior evento esportivo do planeta. São diversas oportunidades e todo mundo pode participar.

**FAÇA PARTE DO TIME RIO 2016. INSCRIÇÕES: RIO2016.COM/VOLUNTARIOS OU PELO TELEFONE 3004-2016.**

**Daiane dos Santos,**  
Campeã Olímpica de ginástica

**María Eduelle,**  
Voluntária Rio 2016

Ex-ginasta e medalhista olímpica Daiane dos Santos acompanhada de uma voluntária cadeirante.

**SEJA O HERÓI DOS SEUS HERÓIS. SEJA VOLUNTÁRIO DOS JOGOS RIO 2016.**

Inscrite-se no programa de voluntários dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Você vai receber treinamentos exclusivos, curso de inglês online, conhecer diferentes culturas e ajudar na realização do maior evento esportivo do planeta. São diversas oportunidades e todo mundo pode participar.

**FAÇA PARTE DO TIME RIO 2016. INSCRIÇÕES: RIO2016.COM/VOLUNTARIOS OU PELO TELEFONE 3004-2016.**

**Giba,**  
Medalhista Olímpico de vôlei

**Marcelo,**  
Voluntário Rio 2016

Ex-jogador de vôlei e medalhista olímpico Giba acompanhado de uma voluntária.

## ANEXO D – Carta-convite dos jogos



**Parabéns!**

Pode comemorar, pular e se preparar: este é o seu convite oficial para ser voluntário dos **Jogos Olímpicos Rio 2016!** É o seu passaporte para fazer história.

Você está convidado para:

\*Via regular: DUDENY, ANEX FUNÇÃO, Cargo, INSCRIÇÃO

**ACEITE AGORA:**  
[clique aqui](#) e vai ser feliz!

Esse é o mais importante passo para garantir sua participação como um **#VoluntárioRio2016**  
**#Chegajunto!**